

CONVIVER NO CAMPUS:

REQUALIFICAÇÃO NO NÚCLEO DE VIVÊNCIA DA UFCG



LUANA RAMOS CAVALCANTE DE MORAIS
CAU . UAEC . CTRN . UFCG

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Centro de Tecnologia e Recursos Naturais - CTRN
Unidade Acadêmica de Engenharia Civil - UAEC
Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo - CAU

LUANA RAMOS CAVALCANTE DE MORAIS

CONVIVER NO CAMPUS:

REQUALIFICAÇÃO NO NÚCLEO DE VIVÊNCIA DA UFCG

Campina Grande-PB
2022

LUANA RAMOS CAVALCANTE DE MORAIS

CONVIVER NO CAMPUS:

REQUALIFICAÇÃO NO NÚCLEO DE VIVÊNCIA DA UFCG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Fúlvio Teixeira de Barros Pereira

Campina Grande-PB
2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CNPJ nº 05.055.128/0001-76
COORDENACAO DE GRADUACAO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1400
Site: <http://ctrn.ufcg.edu.br> - E-mail: ctrn@ufcg.edu.br

DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.008978/2022-17

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Conviver no campus: requalificação do núcleo de vivência da UFCG**, foi apresentado por **LUANA RAMOS CAVALCANTE DE MORAIS**, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em: 01 de abril de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof. FÚLVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA - Orientador – Presidente

Profa. MIRIAM DE FARIAS PANET - Examinadora Interna

Profa. MARIANA FIALHO BONATES - Examinadora Externa

M827c Morais, Luana Ramos Cavalcante de.
Conviver no campus: requalificação no Núcleo de Vivência da UFCG / Luana Ramos Cavalcante de Moraes. – Campina Grande, 2022.
133 f. : il. color.
Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2022.
"Orientação: Prof. Dr. Fúlvio Teixeira de Barros Pereira".
Referências.
1. Projeto de Arquitetura. 2. Universidades – Arquitetura.
3. Avaliação Pós-Ocupação – Universidades. I. Pereira, Fúlvio Teixeira de Barros. II. Título.

CDU 72(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SIBILI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15723



Documento assinado eletronicamente por **FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/04/2022, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE FARIAS PANET, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/04/2022, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Fialho Bonates, Usuário Externo**, em 01/04/2022, às 15:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2205820** e o código CRC **8193688C**.

Dedico este trabalho a minha mãe, Sandra Maria Ramos Cavalcante, que sempre me deu todo suporte e apoio para alcançar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO A DEUS, PRIMEIRAMENTE, PELO DOM QUE ME FOI DADO E POR TER ME GUIADO PARA CHEGAR ATÉ AQUI. À MINHA MÃE, SANDRA MARIA, QUE FEZ DOS MEUS SONHOS OS DELA, ALÉM DE TODO SUPORTE E APOIO QUE ME DEU AO LONGO DE TODA A VIDA. AOS MEUS IRMÃOS, CLARA RAMOS E ANDRÉ RAMOS, POR TODOS OS MOMENTOS DE PARCERIA E ALEGRIA. AO MEU ESPOSO, MOISÉS BRITO, POR ESTAR SEMPRE PRESENTE PARTILHANDO DA PAIXÃO POR ARQUITETURA, SEU APOIO FOI ESSENCIAL NESTA CAMINHADA. AOS AMIGOS QUE O CURSO ME DEU, POR TODA A PARCERIA AO LONGO DA GRADUAÇÃO, SEM VOCÊS NÃO TERIA CONSEGUIDO. E ÀS AMIGAS DE UMA VIDA TODA, KAROL E JÚLIA, QUE SEMPRE ESTÃO E ESTARÃO PRESENTES. A TODOS OS DOCENTES DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UFCG, POR TODOS OS CONHECIMENTOS PARTILHADOS. AOS MEUS ORIENTADORES DE PESQUISA, MAURO, TACIANA E HERMILIA, QUE CONTRIBUÍRAM POSITIVAMENTE NA MINHA VIDA ACADÊMICA. AO MEU ORIENTADOR DE TCC, FÚLVIO TEIXEIRA, POR TODA SUA EXCELÊNCIA E DEDICAÇÃO. OBRIGADA POR TODO APOIO, COMPREENSÃO E DIRECIONAMENTO. A MINHA PROFESSORA DA VIDA PROFISSIONAL, LARISSA BRITO, QUE FOI FUNDAMENTAL PARA MEU CRESCIMENTO, OBRIGADA POR TODA DEDICAÇÃO EM COMPARTILHAR SUAS EXPERIÊNCIAS E POR ACIMA DE TUDO ACREDITAR NO MEU POTENCIAL.

RESUMO

A socialização é uma atividade fundamental ao desenvolvimento cultural e emocional das pessoas. Porém nos campi universitários brasileiros, sobretudo das universidades públicas federais, ambientes construídos destinados a esse fim são inadequados a seus usuários. Frente ao tema **Universidades (Arquitetura)**, realiza-se estudo de caso da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, a fim de propor **projeto de arquitetura** (anteprojeto) de requalificação do espaço físico do núcleo de vivência do campus sede da UFCG. De modo mais específico, busca-se: (1) adequar o espaço físico existente e seus usos com base em avaliações da comunidade acadêmica (estudantes, funcionários, professores e pessoas-chave); (2) priorizar o aproveitamento, mesmo que parcial, do espaço construído existente, conforme princípio da sustentabilidade; (3) favorecer a flexibilidade espacial, para que o conjunto arquitetônico se adapte a novas demandas de usos ao longo do tempo. Para isso, a pesquisa se apoia em **Avaliação Pós-Ocupação** do núcleo de vivência existente, além de pesquisas bibliográfica e documental. Como resultado, demonstra que é possível requalificar o atual núcleo de vivência do campus sede da UFCG e manter a estrutura principal da edificação pré-existente.

PALAVRAS-CHAVE:

Avaliação Pós-Ocupação; Universidades (Arquitetura); Projeto de Arquitetura

ABSTRACT

Socialization is a fundamental activity for people's cultural and emotional development. However, in Brazilian university campuses, especially in federal public universities, built environments intended for this purpose are inappropriate for their users. Faced with the theme Universities (Architecture), a case study of the Federal University of Campina Grande - UFCG is carried out, in order to propose an architectural project (preliminary project) for the requalification of the physical space of the core of the UFCG headquarters campus. More specifically, it seeks to: (1) adapt the existing physical space and its uses based on assessments by the academic community (students, employees, professors and key people); (2) prioritize the use, even if partial, of the existing built space, according to the principle of sustainability; (3) favoring spatial flexibility, so that the architectural ensemble adapts to new demands for uses over time. For this, the research is supported by Post-Occupation Assessment of the existing core of living, in addition to bibliographic and documentary research. As a result, it demonstrates that it is possible to requalify the current core of the UFCG headquarters campus and maintain the main structure of the pre-existing building.

KEY WORDS:

Post-Occupancy Assessment; Universities (Architecture); Architectural design

01.

INTRODUÇÃO 19

02.

CAP 1. 21
A SOCIALIZAÇÃO
UNIVERSITÁRIA

1.1 _____ 23
O espaço físico do
campus

1.2 _____ 27
O espaço de
socialização
no campus

1.3 _____ 29
A importância da
socialização
universitária

03.

CAP 2. 33
ESTUDOS CORRELATOS

2.1 _____ 37
Ewha Womans University

2.2 _____ 45
Interamerican University

2.3 _____ 52
Centro de Vivência UFPB

04.

CAP 3. 58
O NÚCLEO DE VIVÊNCIA
DA UFCG

3.1 _____ 60
O campus sede da
UFCG

3.2 _____ 64
O ambiente construído

3.3 _____ 72
As percepções da APO

05.

CAP 4. 82
A PROPOSTA
ARQUITETÔNICA

4.1 _____ 84
Programa de
necessidades

4.2 _____ 87
Implantação e
organização espacial

4.3 _____ 113
Aspectos construtivos

4.4 _____ 119
Identidade

06.

CONSIDERAÇÕES 131
FINAIS

REFERÊNCIAS 132

01

INTRODUÇÃO

Desde meados dos anos 1960, as universidades federais brasileiras são implantadas predominantemente em campi universitários, solução urbanística originária dos Estados Unidos (em final do século XIX) e caracterizada por edifícios implantados em imensas áreas verdes e afastadas da cidade.

Por um lado, o campus potencializa a organização funcional e eficiente da estrutura universitária, abrigada num território único, com regras próprias, especialmente planejado para esse fim e sem as “distrações” externas. Por outro lado, tal espaço requer a oferta de serviços normalmente disponíveis no espaço urbano, como moradia e lazer. Daí serem comuns nos campi, além de salas de aula, laboratórios, biblioteca e espaços administrativos, os alojamentos estudantis, os refeitórios e as áreas esportivas e de lazer, para que a comunidade acadêmica tenha o suporte necessário para viver integralmente no campus.

E, ao se analisar tais questões no campus sede da Universidade Federal de Campina Grande — UFCG, em Campina Grande/PB, percebe-se que ausência desses serviços, sobretudo de socialização no ambiente universitário nem sempre é suprida pelo espaço urbano a sua volta.

A UFCG foi criada em 2002, a partir do desmembramento da Universidade Federal de Campina Grande. Seu campus sede já funcionava desde os anos 1950. Quando se tornou uma instituição independente seu espaço físico teve que passar por progressivas transformações, sobretudo disponibilizar espaços para as novas funções administrativas que passou a assumir. A partir de 2007, passou, assim como as demais universidades federais, pelo período de expansão na oferta de vagas de ensino superior através do REUNI, quando foram construídas salas de aula e laboratórios.

Em contrapartida, à ampliação da comunidade acadêmica e de suas atribuições, a oferta de áreas livres ou espaços de vivência no campus sede não seguiu semelhante ritmo. Isso ocasionou o desconforto ou precariedade dos espaços disponíveis com esse fim. A área mais privilegiada para vivência da comunidade acadêmica é o entorno do Restaurante Universitário — RU, com localização central no campus e entorno paisagístico agradável, às margens do lago. Porém, esse espaço atualmente se restringe à área de uso restrito do RU permeada por agências bancárias, que transformam a área livre disponível em espaços residuais ou apenas de passagem.

Sendo assim, busca-se propor anteprojeto arquitetônico de requalificação do espaço físico do núcleo de vivência do campus sede da UFCG. De forma mais específica, busca-se: 01. adequar o espaço físico existente e seus usos, com base em avaliações da comunidade acadêmica (estudantes, funcionários, professores e pessoas-chave); 02. priorizar o aproveitamento, mesmo que parcial, do espaço construído existente, conforme princípio da sustentabilidade; 03. favorecer a flexibilidade espacial, para que o conjunto arquitetônico se adapte a novas demandas de usos ao longo do tempo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, que tem caráter propositivo (desenvolvimento de anteprojeto arquitetônico), os procedimentos metodológicos foram organizados em cinco etapas: (1) referencial teórico, a realizar pesquisa bibliográfica sobre a arquitetura de espaços de sociabilização universitária; (2) caracterização da área de estudo, a realizar pesquisa documental (fotografias e dados históricos, cadastrais e estatísticos) e levantamento físico do núcleo de vivência da UFCG (3) Avaliação Pós-Ocupação — APO da área em estudo na qual serão identificadas as percepções dos usuários (estudantes, professores, funcionários e gestores) e por envolver a participação de seres humanos, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa; (4) programa de necessidades, a definir as demandas a serem atendidas pela proposta arquitetônica, com base nos resultados obtidos pela APO e pelo estudo de projeto correlatos; (5) desenvolvimento de anteprojeto arquitetônico, baseado na sistematização dos dados anteriormente coletados, de forma a contemplar aspectos formais, construtivos e ambientais.

De forma mais detalhada, a etapa da APO, realizada após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética, seguiu abordagem multimétodos, na qual foram utilizadas as seguintes técnicas: (1) questionário eletrônico, direcionado aos representantes de estudantes (45 participantes), professores (45 participantes) e funcionários (45 participantes), de acordo com a quantidade de cursos no campus sede da instituição; entrevista com pessoas-chave (5 participantes), de forma remota (Google Meet), e walkthrough, visita técnica.

2.1 O espaço físico do campus

As universidades foram criadas na Idade Média. E inicialmente se localizavam em edifícios próprios, inseridos dentre as demais construções da cidade, mesmo que suas atividades fossem realizadas com reclusão ou isolamento de seus membros. Daí é comum as universidades mais antigas terem seus nomes confundidos com as cidades na qual se localizavam, a exemplo das universidades de Oxford (fundada em 1167) e Cambridge (fundada em 1209), ambas localizadas na Inglaterra. Praticamente em todos os países europeus, essa interrelação com a cidade era comum. O território da escola definia-se por seus edifícios e não por um sítio próprio.

Foi nos Estados Unidos, no final do século XIX, que as universidades passaram a ser implantadas em territórios próprios, afastados da cidade e com forte presença da natureza, de onde derivou a nomenclatura, campus. Sua concepção apoia-se na ideologia antiurbana, com o intuito de afastar as atividades universitárias das distrações externas e, com isso, permitir o pleno desenvolvimento da ciência e do conhecimento, prefácio de Carlos Roberto Monteiro de Andrade, no livro de Buffa; Pinto.

Em meio aos vastos campos (gramados ou áreas verdes) que caracterizavam esses espaços, localizavam-se os edifícios universitários, implantados de forma isolada entre si, a reforçar a relação entre ambiente construído e natural. Nesse conjunto, os edifícios da reitoria e da biblioteca eram, em geral, os mais representativos da instituição, por conseguinte, assumiram maior destaque construtivo (DOBER, 1996).

Progressivamente, em função da maior demanda pelo desenvolvimento da ciência impulsionada pela Revolução Industrial, as universidades se tornaram mais complexas e passaram a organizar seus edifícios de forma mais especializada e a contemplar em diversos campos de conhecimento. O campus, ao abrigar todas essas atividades num território único, reforçava a ideia da unidade simbólica da instituição e, simultaneamente, a possibilidade de gerar maior integração funcional entre suas diversas partes. Como observa Oliveira (2005, p 23):

Uma nova forma de organização de seu espaço físico, tendo como unificação do território como condição imprescindível à realização da nova unidade institucional. Não mais faculdades isoladas voltadas à formação de determinado profissional, em prédios dispersos por diversas regiões da cidade, mas um território inteiro onde a nova instituição pudesse ser identificada ao exercer plenamente suas múltiplas funções com autonomia e competências, impondo novo significado aos seus atributos culturais e suas inter-relações. O resultado espacial destes conceitos se materializa na ideia da configuração de um espaço exclusivo para a universidade dissociado do espaço urbano.

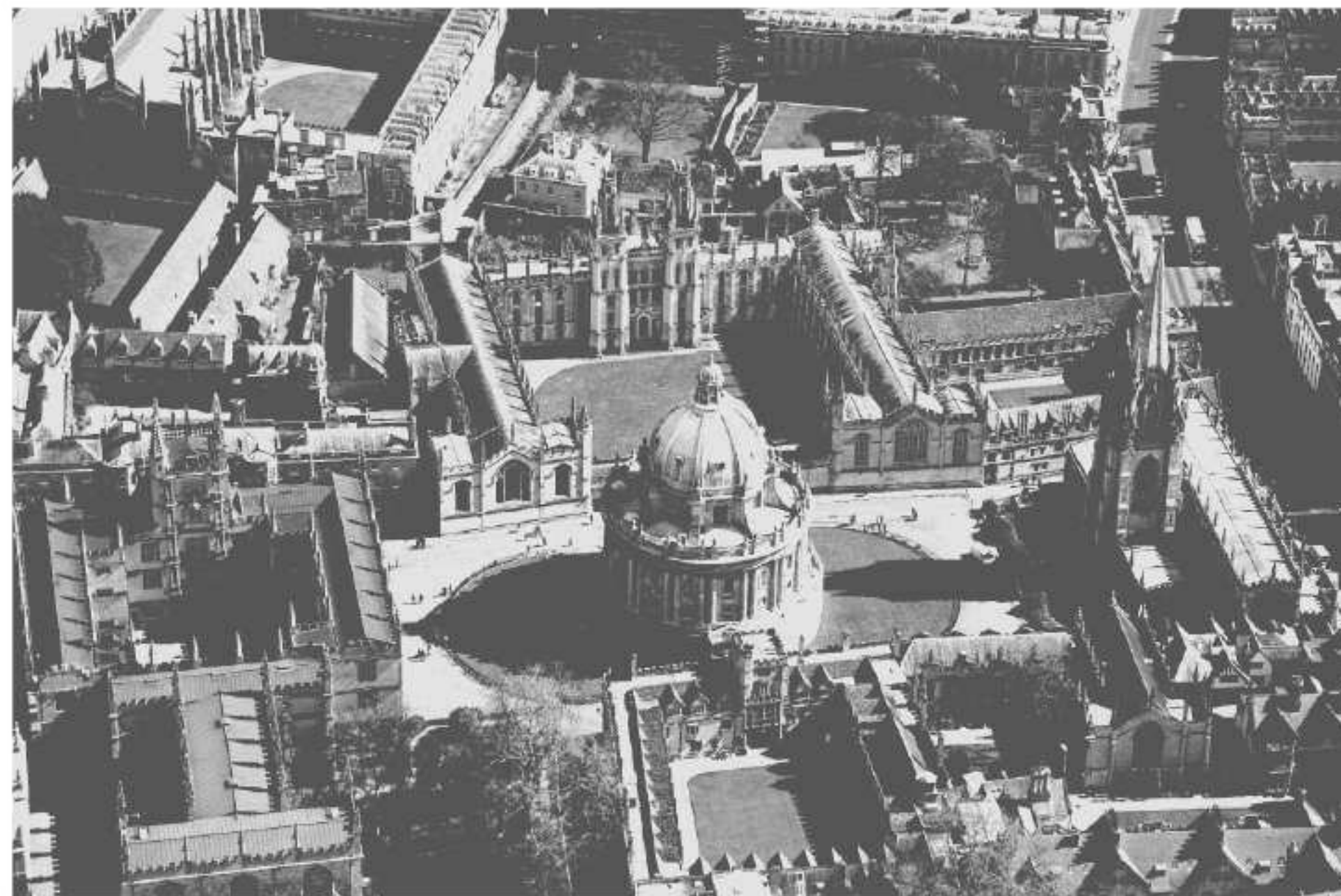


Figura 01: Universidade de Oxford
Fonte: Google, 2021



Figura 02: Universidade de Havard
Fonte: Google, 2021



Figura 03: Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fonte: Google, 2021

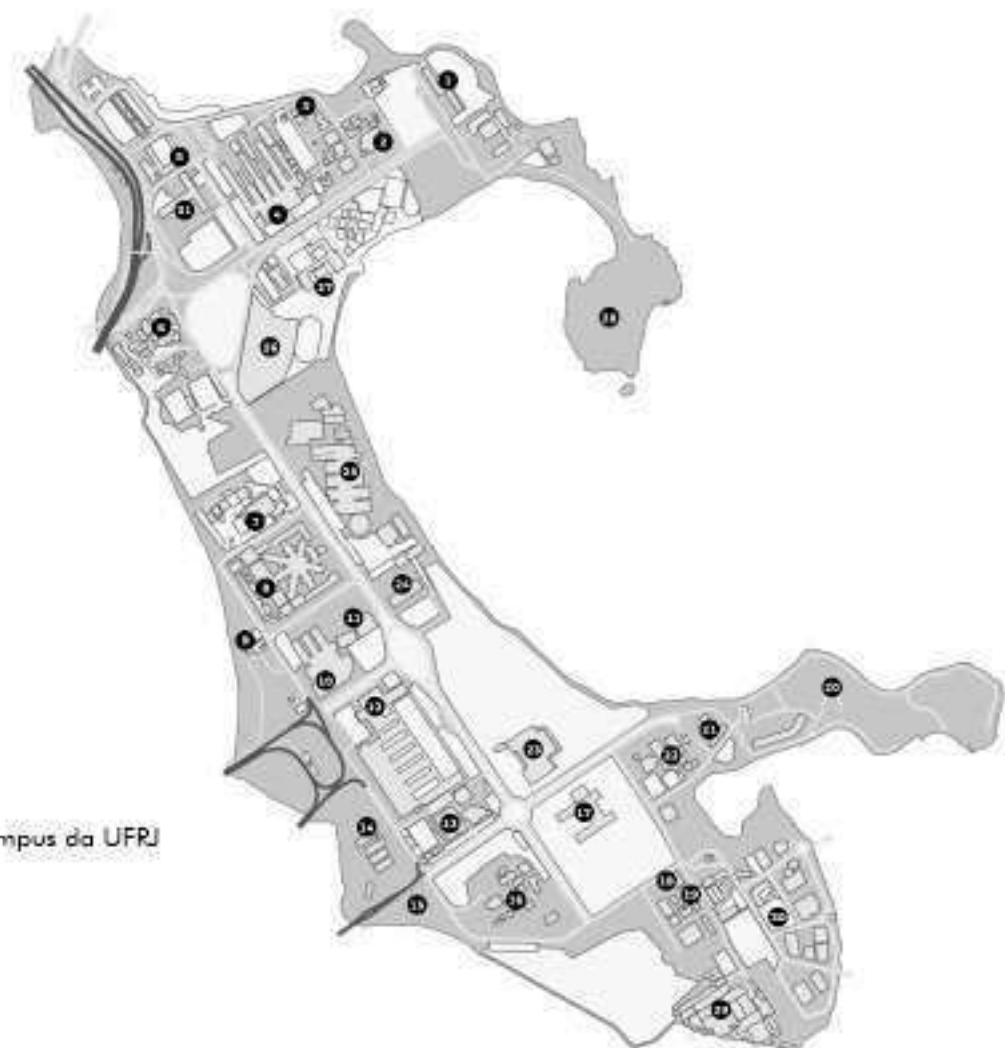


Figura 04: Mapa do campus da UFRJ
Fonte: Google, 2021

Além disso, dentro da tradição dos colleges ingleses, de onde provém as universidades dos Estados Unidos, o campus deveria ser um espaço para educação integral dos estudantes, onde eles teriam formação intelectual e moral, por isso, aí residiriam. Como reflexo, as moradias e refeitórios estudantis são, mesmo atualmente, espaços comuns ao campus, além das salas de aulas e laboratórios. E progressivamente equipamentos destinados ao convívio e lazer da comunidade acadêmica foram acrescidos, como ginásio, centro de estudantes, associação de estudantes, entre outros.

A organização espacial das universidades em campus logo se tornou uma concepção urbanística disseminada internacionalmente, inclusive em países europeus, como França e Espanha, e em países da América Latina. No Brasil, as universidades surgem, em geral, do agrupamento de faculdades preexistentes (Direito, Medicina e Engenharia) que funcionavam de forma independente entre si. São exemplares disso as universidades do Rio de Janeiro (1920), Universidade de Minas Gerais (1927) e Universidade de São Paulo (1934). E, tão logo tais universidades eram formadas, passava-se a almejar sua instalação em territórios especializados, similares à organização espacial do campus dos Estados Unidos, embora a localização escolhida, no Brasil, nem sempre fosse afastada da cidade.

Nessa época, foram, por exemplo, desenvolvidas diversas propostas de planos para a Cidade Universitária no Rio de Janeiro, por distintos arquitetos: Alfred Agache, Marcelo Piacentini, Le Corbusier e Lúcio Costa. Apesar de não concretizados, esses planos apontam variações em como organizar o território universitário. Na proposta de Agache, a universidade era implantada num bairro universitário, integrado às demais partes da cidade. Por sua vez, a proposta de Le Corbusier apresentava um conjunto com identidade própria e diferenciado do entorno.

Os planos iniciais, também desenvolvidos em outras instituições (São Paulo, Minas Gerais), foram concretizados a partir dos anos 1940, quando se iniciou, por exemplo, a construção da Universidade do Brasil, na Ilha do Fundão, com base em projeto de Jorge Machado Moreira e equipe.

Portanto, foi nos anos 1960 que o campus passou a ser uma solução corriqueira à organização física das universidades brasileiras, sobretudo às universidades públicas federais. Isso refletia, além da progressiva hegemonia da cultura dos Estados Unidos no Brasil, a demanda por ampliação do ensino superior no país, em consequência da falta de vagas oferecidas e da necessidade de formação de mão de obra especializada. Nessa época, o Brasil foi marcado pelas lutas político-ideológicas em que estudantes e professores foram às ruas buscando melhorias no ensino superior brasileiro. Como relata Pinto; Buffa (2009, p. 46):

O ensino superior brasileiro foi tradicionalmente marcado pelo crescimento do número de escolas isoladas. Entretanto, nos dez anos que antecederam o golpe militar de 1964, a organização universitária tornou-se predominante. Assim, em 1945, havia 5 universidades no Brasil, em 1964, já eram 37. O número de estabelecimentos isolados também aumentou: subiu de 293 para 564 nesse período, o que significa que o número de universidades foi multiplicado por sete, enquanto o de escolas isoladas, ainda que superior ao de universidade, não chegou a dobrar.



Figura 05: Universidade de Brasília
Fonte: Google, 2021

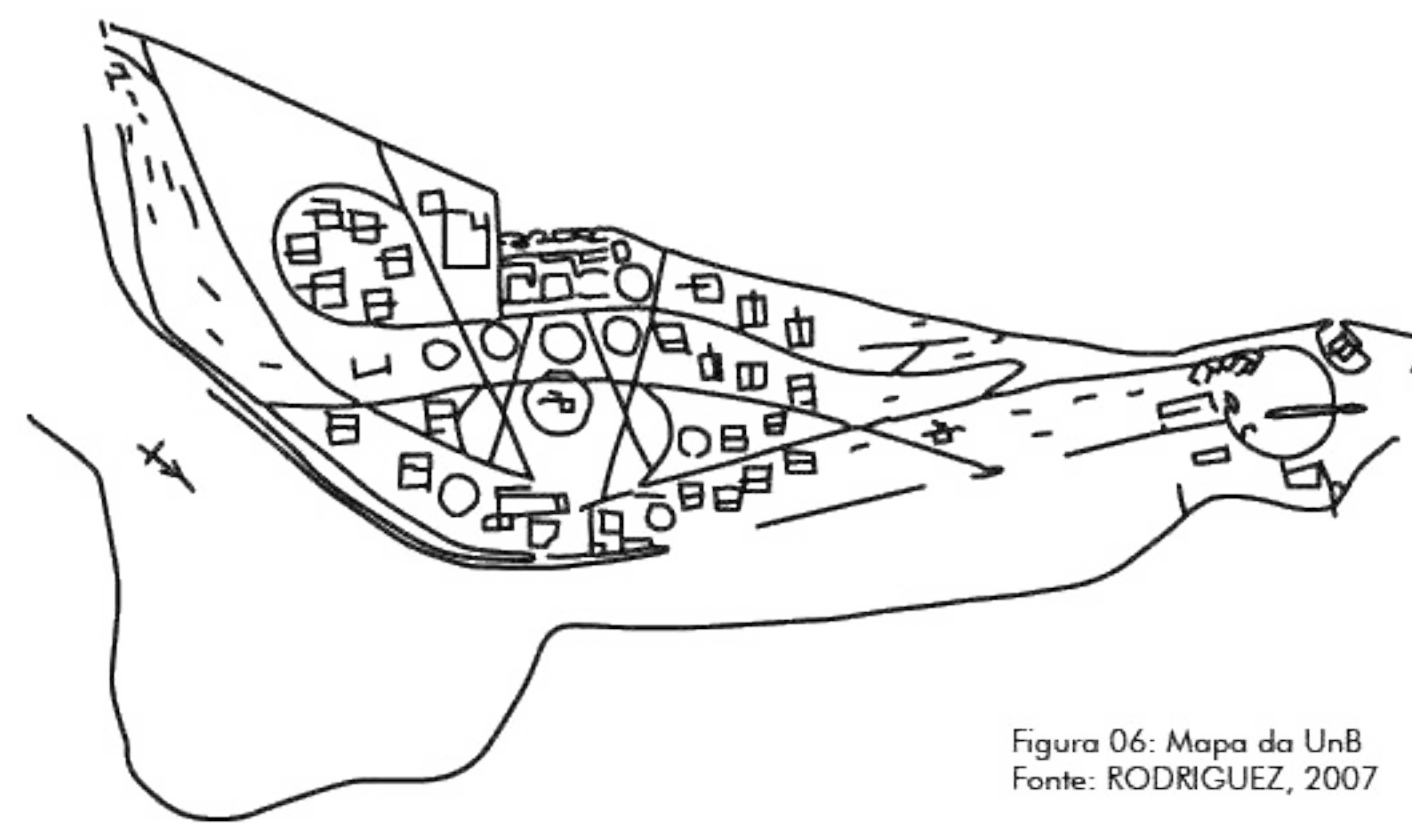


Figura 06: Mapa da UnB
Fonte: RODRIGUEZ, 2007

Nessa época, a nova capital do Brasil trazia consigo a proposta da Universidade de Brasília — UnB, organizada num campus incorporado ao plano piloto da cidade. Tal universidade, fundada em 1962 e idealizada por Darcy Ribeiro, foi um marco no país. Sua organização acadêmica reforçava a integração universitária, em contraponto às universidades estruturadas em faculdades autônomas entre si. Além disso, a UnB, diferentemente das universidades anteriores do país, era concebida de forma integral, de modo que sua concepção, estrutura física, princípios e organização acadêmica seguiam o mesmo ideal de interdisciplinaridade e integração das diversas áreas do conhecimento.

Com o golpe civil-militar de 1964, a ideia de integração universitária através da organização física em campus continuou vigente no Brasil. Porém, tal integração passou a priorizar a reorganização das atividades acadêmico-científicas, a fim de ampliar sua eficiência e produtividade, em detrimento da integração comunitária ou do livre debate entre seus membros. Pois, era interesse da ditadura desmobilizar os estudantes, que eram então considerados uma importante força política no país e contrária à ditadura.

Nessa época, realizou-se a Reforma Universitária (1968), que estabeleceu a substituição das antigas cátedras pela organização em sistema acadêmico departamental, o processo de vestibular classificatório, o sistema de créditos por disciplina. Também passou a ser adotado o modelo tripartido (ensino, pesquisa e extensão). E o governo federal passou a priorizar a organização das universidades públicas em campus, inclusive com o deslocamento de faculdades situadas no centro das cidades para novos edifícios no campus. Segundo Oliveira (2013, p 58), o campus foi legalizado como modelo para o país através dos decretos nº 62.758/68, que define o campus como patrimônio das universidades, o decreto nº63.341/68, que fixa as diretrizes para a construção deste, e, sobretudo, a Lei nº6.120/74, que regula a alienação de bens imóveis de instituições federais de ensino, obrigando a aplicação de recursos oriundos dessas operações, na consolidação do campus universitário.

Contraditoriamente ao modelo original de campus dos Estados Unidos, os espaços de vivência acadêmica, como alojamentos e restaurantes universitários, embora previstos nos planos de campus no Brasil, foram, na ditadura, raramente concretizados. Em consequência, muitos dos campi então construídos no país foram instalados (e passaram a funcionar) como espaços essencialmente produtivos, destinados a atividades acadêmico-científicas, como salas de aulas, laboratórios, bibliotecas e espaços administrativos.

2.2 A importância da socialização universitária

Uma vez que, no Brasil, os espaços de socialização nem sempre foram efetivados no campus universitário, caberia questionar a efetiva importância dessa atividade dentro do território acadêmico.

A socialização pode ser compreendida como um processo que acompanha a vida humana. A partir desse fenômeno a humanidade consegue evoluir, aprende a ler e a escrever. E, qualquer que seja a função, o aprendizado partiu da socialização do conhecimento. Berger e Luckmann (1985) afirmam que a socialização primária ocorre nos primeiros momentos com a família, enquanto a secundária, em qualquer espaço posterior a este. E a interiorização desse processo parte primeiramente da “[...] compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 174).

Por sua vez, Durkheim (1858-1917), conhecido como “pai da sociologia”, compreende a socialização a partir do seu olhar sobre a educação. E considera que a educação constrói no ser humano o ser social e, nesse processo, são desenvolvidas um conjunto de características físicas, intelectuais e morais, que tem por finalidade tornar esse ser social apto para conviver em sociedade. Segundo esse autor:

Este ser social [...] não se encontra já pronto na constituição primitiva do homem [...] Foi a própria sociedade que, à medida que ia se formando e se consolidando, tirou do seu seio estas grandes forças morais [...] Ao entrar na vida a criança traz apenas a sua natureza de indivíduo. Portanto, a cada nova geração, a sociedade se encontra em presença de uma tabula quase rasa sobre a qual ela deve construir novamente. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela substitua o ser egoísta e associal que acaba de nascer por um capaz de levar uma vida moral e social. Esta é a obra da educação [...] (Durkheim p. 54, 110).

E as abordagens culturais e funcionais da socialização enfatizam sua característica essencial na formação dos indivíduos: constituir uma incorporação das maneiras de ser (de sentir, de pensar e de agir) de um grupo, de sua visão de mundo e de sua relação com o futuro, de suas posturas corporais e de suas crenças íntimas (DUBAR, 2005, p. 97).

Dessa forma, pode-se definir a socialização como um conjunto de experiências proporcionadas através das relações sociais dos indivíduos, sendo este um percurso contínuo e acumulativo e que molda a partir dessa vivências o ser individual.

No ambiente universitário, segundo Endo e Harpel (1982), a convivência acadêmica é caracterizada a partir de duas dimensões: a convivência formal, que está associada à socialização voltada à aprendizagem técnica e profissional, geralmente desenvolvida na sala de aula; a dimensão informal, que está vinculada a um relacionamento desprezioso, sem um objetivo acadêmico específico, um simples encontro de trocas de experiências.

Um dos grandes desafios da educação contemporânea é atingir o equilíbrio entre a formação acadêmica e a formação humana (GOERGEN, 2016). E avançar em direção “a formação do homem culto, do cidadão lúcido e consciente, e não de uma máquina de produção” (PAVIANI; POZENATO, 1979, p. 93).

Nas universidades brasileiras, esse equilíbrio tem perdido na direção da formação acadêmica, buscando resultados voltados ao mercado de trabalho ou ao conhecimento técnico-científico. Uma demonstração disso é que, mesmo após a ditadura, continua a ser pouco frequente a construção de espaços destinados à socialização de estudantes, professores e funcionários nas universidades públicas federais brasileiras, em descompasso aos inúmeros relatos de doenças psicológicas no ambiente acadêmico. O funcionamento da instituição, centrado no uso mais eficiente de seus recursos físico e humanos, reserva aos membros de sua comunidade pouco tempo de horas livres ou sem atividades programadas. E os espaços livres existentes, necessários às atividades de socialização, são pouco atrativos à permanência mais prolongada de seus usuários. Reforça-se, com isso, a vivência do campus como território de produtividade e a percepção das áreas livres como meros espaços vazios (de uso e significado) entre as diversas construções acadêmicas destinadas às atividades formais da instituição: salas de aula, laboratório, biblioteca, administração.

Frente a essas limitações, os estudantes não possuem estímulo adequado para desenvolver o ser social fora das atividades curriculares, provocando uma desestruturação no fator emocional. Há diversos relatos de estudantes que desenvolvem distúrbios de ansiedade, depressão e outras doenças psicológicas provocadas pela pressão do ambiente universitário. Dessa forma, a socialização universitária proporciona, simultaneamente, uma ferramenta de alívio afetivo, através das amizades, e um recurso para o sucesso na realização das tarefas acadêmicas.

E, como aponta Buffa; Pinto (2009, p. 14), essa preocupação não se restringe à comunidade acadêmica, pois:

[...]o câmpus universitário deverá repensar seu lugar na estrutura urbana, interagindo com a cidade contemporânea de modo ativo e ao mesmo tempo crítico ao oferecer um lugar público não apenas para usufruto da população em geral, como área de lazer que seus espaços abertos propiciam, mas também como território-usina de produções artístico-culturais.

Portanto, o planejamento e funcionamento de áreas de sociabilização adequadas nos campi universitários é fundamental ao bem estar dos diversos membros da comunidade acadêmica, além da população externa.

2.3 O espaço de socialização no campus

Em seu modelo original, oriundo dos Estados Unidos, o espaço de socialização no campus é uma constante e contempla diversas atividades extracurriculares. E, mesmo no Brasil da ditadura civil-militar, esses espaços eram previstos nos planos dos territórios universitários, embora nem sempre fossem construídos.

Nos Estados Unidos, são frequentes as organizações sociais de estudantes com ambientes construídos próprios dentro do campus: fraternities (masculino) e sororities (feminino). Realizam atividades de socialização entre seus membros, além de atividades filantrópicas. Assemelham-se a clubes fechados de estudantes. São exemplares disso a Phi Kappa Literary Society Hall (1836) da Universidade da Georgia e Eumaneant and Philanthropic Halls (1849) da Faculdade Davidson.

Por sua vez, o Union Center, centro de vivência estudantil, destina-se de forma mais aberta aos diversos membros da comunidade acadêmica, sobretudo aos estudantes. Apesar de ter sido incorporado ao programa do campus como edifício próprio a menos de cem anos, seu uso era anteriormente realizado fora da faculdade ou dentro dos alojamentos. Localiza-se, em geral, em área central e de destaque no campus. Segundo Richard P. Dober (1996, 101), esses edifícios atendem às seguintes funções: venda de bens e serviços; fornecimento de instalações para atividades sociais supervisionadas e recreação interna; fornecimento de instalações para atividades e organizações estudantis extracurriculares; em alguns campi, pode servir como refeitório central; nas universidades confessionais, são locais convenientes para capelas que às vezes são construídas como uma ala para a associação de estudantes.

De forma mais específica, o Union Center apresenta, desde os anos 1950, o seguinte programa de necessidades: escritórios de ex-alunos; escritórios administrativos; áreas de exibição de arte; salões de baile; salões de banquetes; barbearias; livrarias; pistas de boliche; cafeterias; capelas; lojas cooperativas; salas de jantar; salas de professores; salas de jogos, agências de informação, bibliotecas, vestiários; salas de música; salas de jogos; correios; salas de leitura; estações de rádio e TV; salas de recepção; salas de descanso; piscinas; alfaiates; teatros e banheiros.

Também são previstos nos campi dos Estados Unidos: clube de professores, capelas ou igrejas, auditórios e teatros. No campus do Instituto de Tecnologia de Illinois, não obstante o enfoque tecnológico da instituição, é notória a Capela projetada por Mies van der Rohe.

No Brasil, o modelo original de campus universitário (desenvolvido nos Estados Unidos) assumiu, como já visto, características próprias, sobretudo quanto aos espaços de socialização e moradia estudantil, os quais assumem importância secundária na concretização de seu ambiente construído. Isso é perceptível, ao se analisar cronologicamente os campi das grandes referências nacionais.



Figura 07: Delimitação do espaço de socialização da UFRJ
Fonte: Google, 2021

No projeto concretizado do campus da Universidade do Brasil, desenvolvido, em 1949, por Jorge Machado Moreira e equipe, a instituição localizava-se num imenso território: a Ilha do Fundão, com 560 hectares, localizada na zona norte do Rio de Janeiro. Buscava-se agrupar num único território as diversas atividades universitárias, já em funcionamento em prédios isolados no centro da cidade. A implantação do conjunto organizava-se através de via central que percorria toda a extensão da ilha e de onde partiam vias secundárias perpendiculares. Conforme o projeto, esse conjunto deveria formar um parque contínuo, cortado pelas vias e pontuado pelos edifícios, que constituíam grandes blocos isolados e destinados a campos de conhecimentos específicos ou funções específicas. Deveria atender a atividades de ensino, pesquisa, cultura, assistência técnica, administração, residência, esportes e serviços auxiliares. Para isso, organizam-se conforme os seguintes setores: (1) setor reitoria, biblioteca e museu; (2) setor ciências sociais, jurídicas, políticas, econômicas e administrativas; (3) setor educação física e desportos; (4) setor residencial; (5) setor medicina, odontologia, farmácia e enfermagem; (6) setor filosofia, ciências, letras e educação; (7) setor engenharia, química, tecnologia, eletrotécnica e física nuclear; (8) setor arquitetura, urbanismo, belas artes, música e teatro; (9) setor prefeitura e serviços auxiliares.

Nesse grande campus, previa-se a lotação mínima de 15.000 alunos e máxima de 30.000 alunos. E seu espaço de socialização foi planejado para se concentrar na área central e próximo à entrada principal da ilha, onde estariam o setor reitoria, biblioteca e museu, antes denominado de centro cívico. E, diante da escala do campus, a exemplo das grandes distâncias a serem percorridas (mais apropriadas ao automóvel), as áreas de convívio tenderam a se concentrar de forma mais dispersa a cada setor.

Nos anos 1960, uma nova referência ao ensino superior brasileiro é criada: a Universidade de Brasília (UnB), implantada em 1962 com a coordenação de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Destaca-se por ser um grande marco para as construções universitárias no Brasil, visto que além de seguir o modelo de campus universitário, tinha a inovação em conceber o campus em um cenário totalmente diferente. Pois sua criação não surgiu de uma justaposição de faculdades isoladas. “Pela primeira vez no Brasil uma universidade foi concebida e projetada de acordo com um ideal de interdisciplinaridade e integração das diversas áreas do conhecimento.” (PINTO; BUFFA, 2009, p.120)

O projeto do campus, elaborado pelo arquiteto Lúcio Costa, seguia princípios do urbanismo moderno, a exemplo do ideário cidade-jardim. O campus, com 257 hectares, foi localizado entre a Asa Norte e o Lago Paranoá, dentro da zona urbana. Buscava-se planejar um espaço físico integrado à cidade e aberto à toda comunidade. Quanto à organização acadêmica do campus, esta deveria traduzir seus princípios e objetivos propostos, seguindo uma forma orgânica e setorializada em oito institutos centrais (Matemática, Física, Química, Biologia, Ciências Humanas, Letras, Artes e Editora da universidade). E tais institutos, centrados nas ciências básicas, seriam articulados às unidades voltadas à formação mais especializadas em cada curso.

Quanto ao espaço físico, no centro do campus se localizava uma grande praça, onde estariam edifícios isolados de interesse comum à comunidade acadêmica e à cidade, tais como reitoria, biblioteca e museu universitário. Em sua volta estaria os demais ambientes acadêmicos. E, nas proximidades das avenidas que circundam o campus, se localizaram o serviço, esporte e as residências da comunidade acadêmica.

No núcleo central foram construídas a reitoria e a biblioteca. Por sua vez, os demais edifícios para aí previstos deram lugar à proposta de Niemeyer de um grande edifício único: o Instituto Central de Ciências — ICC (construído em 1963–1971), também conhecido como “minhocão” e localizado às margens da praça de convivência. Esse passou a ser o centro articulador do campus. Foi formado pela junção de três edifícios separados, sugeridos na proposta anterior. E possui uma forma alongada de bumerangue, com mais de 700 metros de extensão. Em sua porção sul, foram distribuídos os cursos de ciências exatas; no centro, os cursos de letras e, na ala norte, os cursos de arquitetura, economia, história e outros. Sua circulação central configura uma espécie de “rua coberta” integrada a jardins e espaços de convívio, a potencializar diversas formas de apropriação pelos usuários. É exemplar da relevância atribuída a esse conjunto, que abrigava a um só tempo, áreas de ensino, pesquisa e área de convívio, as alterações geradas no plano urbanístico:

A partir da construção do ICC, edifício composto por uma parte central e curva e duas lineares e periféricas situado em uma faixa de terreno acima da Praça Maior que mediante sua concavidade e construção em arco define o espaço da praça, o que se percebe é que ele passa a ser o grande estruturador do campus da UNB. Seja por sua grande dimensão, forma pregnante ou configuração tipo “via de pedestre”, essa edificação passa a reger a organização física dos demais planos urbanos.” (RODRIGUEZ, 2007, p. 23)

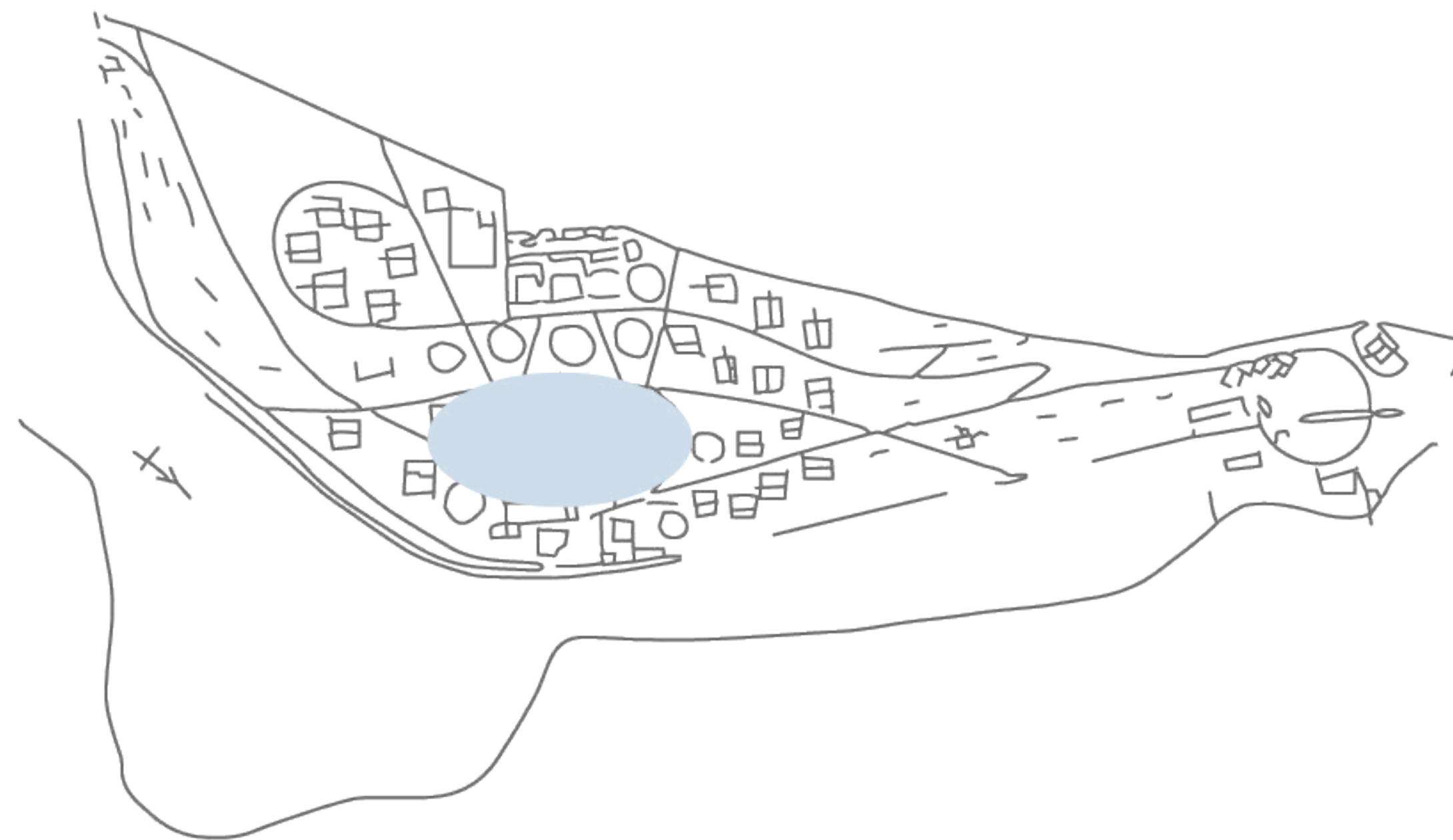


Figura 07: Delimitação do espaço de socialização da UnB
Fonte: Modificado RODRIGUEZ, 2009

Na ditadura (1964-1985), uma outra referência nacional passa a ser apontada ao ensino superior brasileiro: as recomendações do consultor norte-americano Rudolph P. Atcon (conhecido dos estudiosos da educação brasileira e que, nesse período, atuava como secretário executivo do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras — CRUB). Suas observações sobre o espaço físico do campus foram sintetizadas no “Manual do Planejamento integral do campus universitário”, publicado em 1970 e com o intuito de modernizar o ensino superior brasileiro, em meio às tensões políticas no país, a exemplo das manifestações estudantis contra a ditadura.

O Manual tinha como objetivo orientar a implementação da reforma universitária recém-instituída e o planejamento dos campi universitários brasileiros, fossem esses novos ou pré-existentes. Nesse documento, Atcon criticava a falta de integração de cada universidade brasileira, que era, segundo ele, organizada em unidades autônomas entre si (as faculdades), embora sediadas no espaço em comum (a “cidade universitária”). Em resposta a isso, argumentava (ATCON, 1970, p. 21) que o campus universitário deve ser “um local geográfico que reúne todas as atividades de uma universidade e integra da maneira mais econômica e funcional num serviço acadêmico-científico coordenado e da maior envergadura possível, respeitadas as limitações de seus recursos humanos, técnicos e financeiros.”

Sendo assim, o planejamento do campus deveria ter como parâmetro inicial a população universitária, que Atcon (1970, p. 43) recomendava não superar 5.000 alunos. Sobre o terreno, esse deveria ter uma área de 500 hectares, sendo 200 de área útil para a construção dos oito setores, o restante seria destinado à expansão do campus, que deveria ser na horizontal (e não através da verticalização de seus edifícios, considerado mais oneroso). O campus deveria ser composto por: (1) Setor Biomédico (num canto do campus); (2) Setor Esportivo (no canto oposto) (3) Setor Agropecuário (de um lado do Setor Biomédico); (4) Setor Cibernético (entre os setores Agropecuário e Esportivo); (5) Setor Artístico (do outro lado do setor Esportivo); (6) Setor Tecnológico (entre os setores Artístico e Biomédico); (7) Setor Básico (no meio, composto por salas de aula onde deveriam cumprir os créditos iniciais, e posteriormente encaminhados para os setores especializados); (8) Setor Administrativo (na periferia do campus).

Quanto aos espaços destinados à socialização da comunidade acadêmica, esses não recebiam grande destaque no manual. Previa-se a criação de “locais de congregação”, destinados a desenvolver o espírito cívico dos estudantes e distribuídos em pelos menos dois ou três áreas isoladas entre si e desvinculadas de um centro cívico (o qual não era previsto no campus). Faziam parte dos locais de congregação: casa universitária, teatro e lojas.

Enfim, ao longo do tempo, os espaços de sociabilização das universidades brasileiras se alteram, quanto ao programa e forma de implantação, a revelar diferentes concepções sobre o ambiente universitário. De toda forma, o planejamento desses espaços está constantemente relacionado à diversidade de atividades disponíveis e à capacidade de congregar usuários.

03

Este capítulo consiste no estudo de projetos internacionais e nacionais com o objetivo de direcionar as decisões projetuais promovidas pela análise de correlatos que estejam relacionados em algum aspecto com a proposta. Os projetos correlatos foram selecionados buscando relevância na implantação, organização espacial, programa, materialidade, estrutura, conforto ambiental, funcionalidade, relação interior-exterior e adaptação à topografia. Por fim, será desenvolvido uma análise-síntese a fim de captar o que cada projeto trouxe de maior contribuição para a proposta do Núcleo de Vivência.



Figura 08: Ewha Womans university
Fonte: Archdaily 2021

EWHA WOMANS UNIVERSITY

ARQUITETOS: Arquitetura Dominique Perrault

LOCALIZAÇÃO: Coreia do Sul

ÁREA CONSTRUÍDA: 70000 m²

ANO: 2008



ENTORNO

A universidade localiza-se no centro da cidade de Seul - Coreia do Sul. Essa foi uma questão essencial ao projeto, que buscou estabelecer uma relação de integração entre o campus e a cidade, a fim de formar um só tecido urbano, por meio de desenho urbano e paisagístico. Além disso, seu lote possui uma forma orgânica e com grande desnível.

IMPLANTAÇÃO

Quanto à implantação, a edificação se ajusta à topografia do terreno, formando dois blocos separados entre si por um vazio central. Para isso, é organizada em vários níveis, permitindo uma livre circulação de pessoas no nível natural do parque, que corresponde à coberta do edifício. A edificação fica abaixo do parque e possui diferentes níveis de acesso, interligados, por sua vez, ao vazio central. Esse, além de um grande eixo de circulação, forma uma arquibancada e praça pavimentada.

TOPOGRAFIA

A topografia é ponto chave das soluções adotadas nessa edificação, que se confunde com os próprios desníveis naturais do terreno e seu entorno. Para possibilitar a integração (visual e física) entre a cidade e o campus foi adotada a solução de organizar a edificação em diferentes níveis, de modo que sua cobertura funcione como um grande parque ajardinado no mesmo nível das ruas adjacentes, proporcionando fácil acesso das pessoas ao caminhar. Da mesma forma, o acesso ao interior da edificação surge através da exploração da topografia, ao ser criado um grande vazio (num aparente corte do terreno) destinados às entradas e circulação, formadas por escadarias e rampas. Esse vazio corta todo o lote, em sua direção longitudinal, e forma um lugar híbrido, no qual uma variedade de atividades podem aí se desenvolver. E, mais uma vez, cria-se uma área integrada e convidativa a todos que por ela passam.

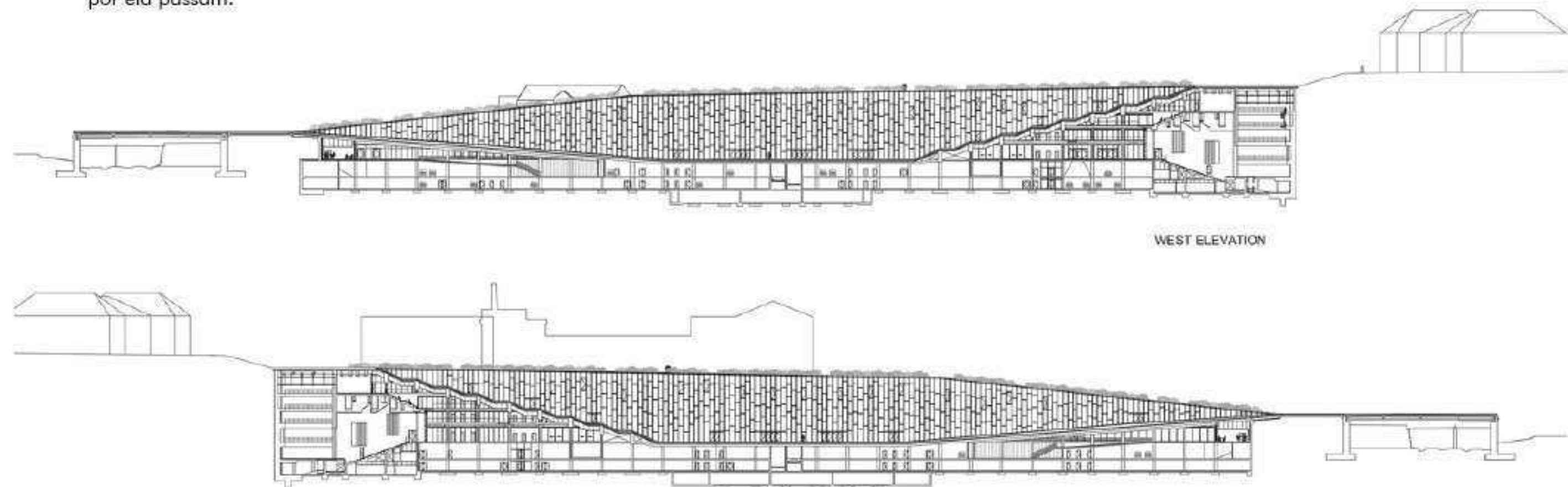


Figura 09: Implantação do Ewha Womans university
Fonte: Archdaily 2021

Figura 10: Cortes - Ewha Womans university
Fonte: Archdaily 2021

FUNCIONALIDADE

O edifício acolhe cerca de 22.000 alunos. É composto por setor acadêmico, formado por salas de aulas, dois anfiteatros (90 lugares), dois anfiteatros (200 lugares), biblioteca, salas de informática, espaço flexível para oficinas, quatro anfiteatros (80 lugares), salão de uso comum. O setor administrativo é composto por escritórios e serviços. O setor comercial abriga duas salas de cinema (162 lugares), lojas comerciais, agência bancária, academia de ginástica e um teatro. E também abriga estacionamento subterrâneo (750 veículos), uma capela, uma praça para os estudantes e sala de exposições.

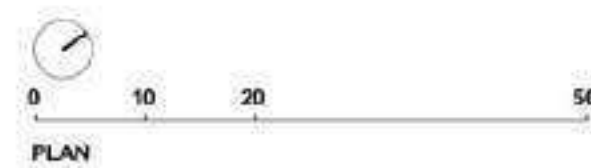
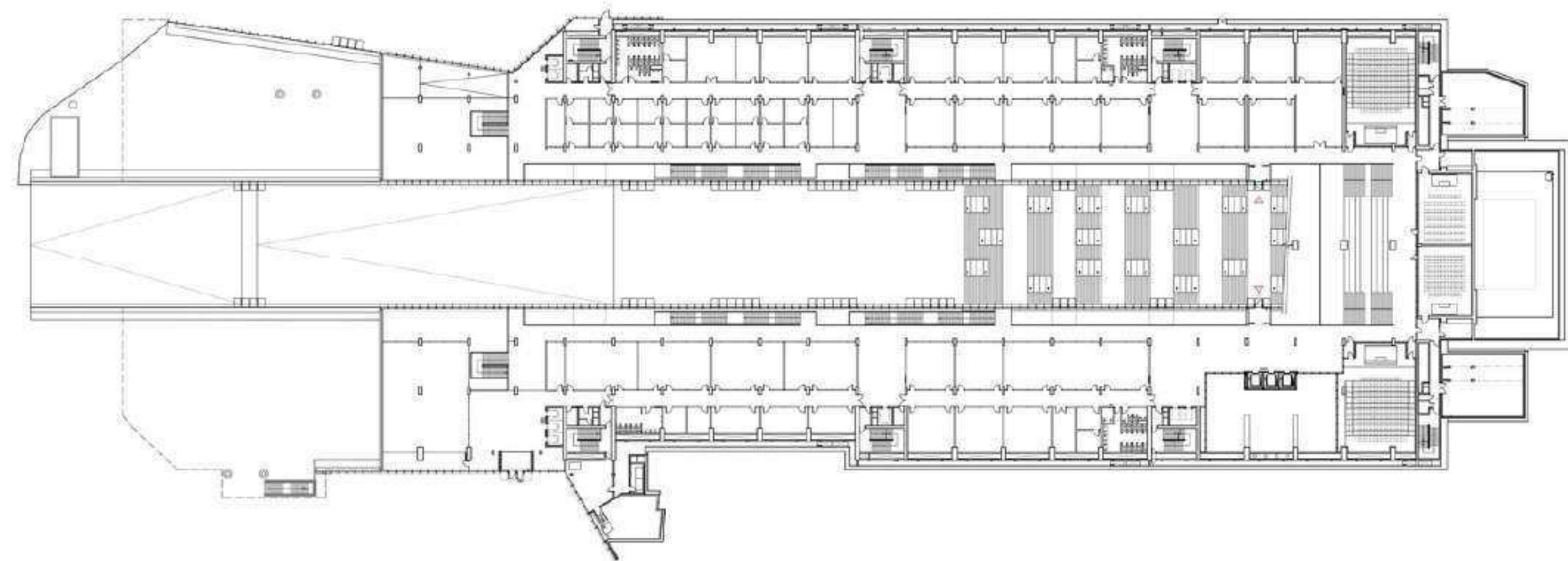


Figura 11: Ewha Womans university
Fonte: Archdaily 2021



Figura 13: Ewha Womans university
Fonte: Archdaily 2021

VOLUMETRIA/MATERIALIDADE

O volume da edificação do campus se adequa ao perfil natural do terreno, intensificando a relação entre o edifício e a paisagem, tornando-os um só visualmente. Nas fachadas do “vale” que dá acesso ao interior do edifício utiliza-se as esquadrias de vidro como estratégia para aproveitamento da iluminação e ventilação naturais nos ambientes internos. Quanto à forma, a edificação é mais bem caracterizada pelo seu vazio central, já que boa parte de sua massa construída é ocultada pela topografia. Por sua vez, nesse vazio central são predominantes a transparência das esquadrias de vidro, a revelarem os ambientes externos, sem, no entanto, identificar a quantidade de pavimentos. Nessa “pele” homogênea ou “volume silencioso”, são as marquises que dão legibilidade aos acessos.

RELAÇÃO INTERNA-EXTERNA

O uso do vidro nas fachadas permite uma forte relação entre o interior e o exterior do edifício. Além disso, a via que dá acesso ao edifício funciona como uma grande praça de convivência, seja à comunidade acadêmica ou aos moradores da cidade. Funciona como um pátio de entrada, um ponto estratégico de encontro, um fórum para a troca de ideias, enquanto os alunos se reúnem após a aula para discutir seus pontos de vista. Tanto pode ser compreendido como um, já que a escada se adequa a esse fim.



Figura 14: Ewha Womans university
Fonte: Archdaily 2021





Figura 15: Interamerican university
Fonte: Archdaily 2021

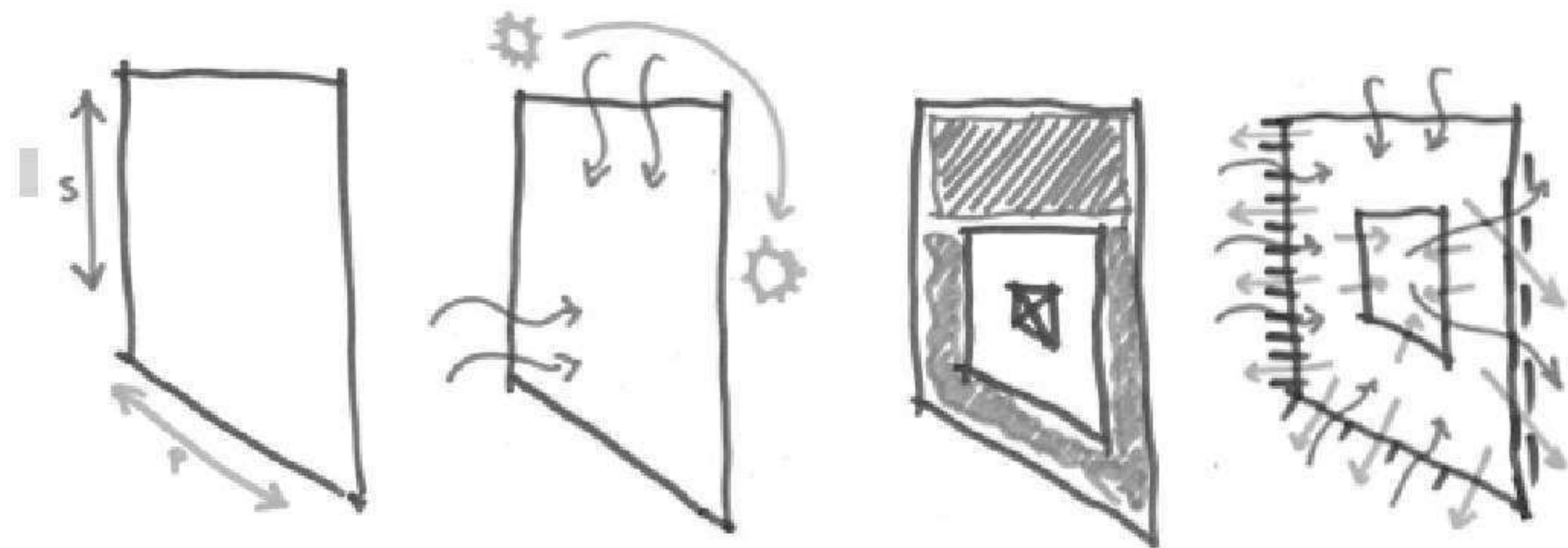
INTERAMERICAN UNIVERSITY

ARQUITETOS: Boyancé Arquitectura + Edificación

LOCALIZAÇÃO: Campeche-México

ÁREA CONSTRUÍDA: 3000 m²

ANO: 2018



- Calle Secundaria
- Calle Principal
- Estacionamiento
- Área Verde
- Vientos
- Vistas
- Asoleamiento

Figura 16: Interamerican university
Fonte: Archdaily 2021

ENTORNO

O terreno está localizado na porção sudoeste da cidade de Campeche-México e possui uma área de 4.690,40 m². O lote fica limitado ao Norte pela rua principal da cidade, sendo margeado pelo mar e uma rua lateral. Esses fatores influenciaram a concepção do projeto arquitetônico.

IMPLANTAÇÃO

A implantação do edifício foi definida pelo melhor aproveitamento da forma irregular do terreno e pelo potencial de vistas do entorno. Com isso, a massa construída foi distribuída no perímetro do lote em torno do pátio central, destinado a potencializar ventilação e iluminação naturais. Ao longo de toda a periferia do edifício, foi deixada área verde, para permitir maior conforto acústico no interior das salas de aulas.

TOPOGRAFIA

O programa foi distribuído em três níveis, sendo dois acima do nível da rua e um semienterrado. Essa organização busca adequar-se à topografia natural do terreno. Ao todo tem-se 3.000,00 m² de área construída.

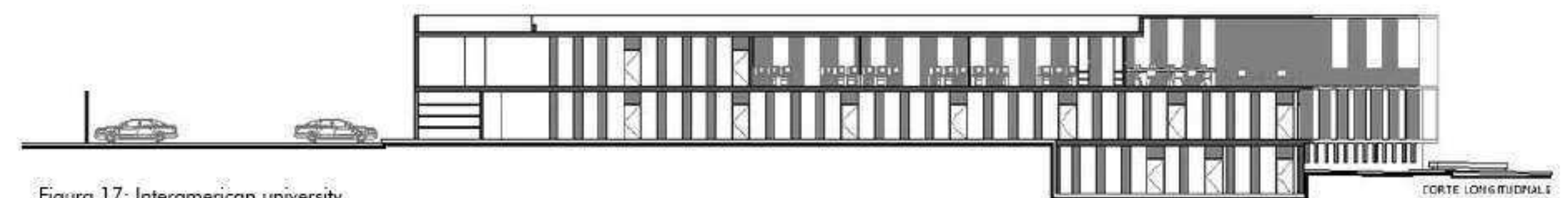
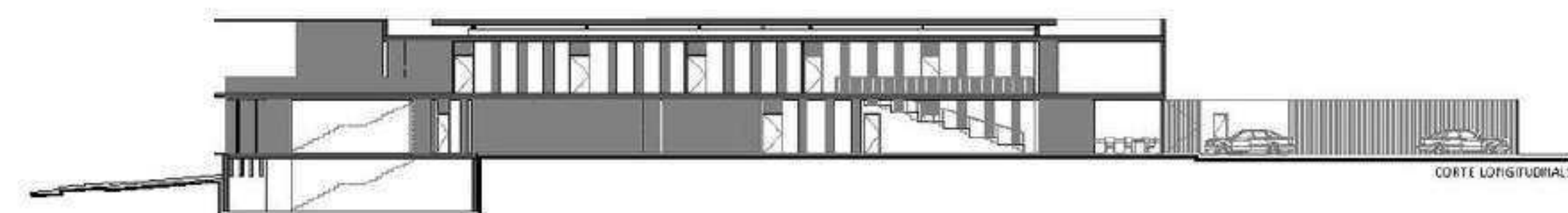


Figura 17: Interamerican university
Fonte: Archdaily 2021

FUNCIONALIDADE

No nível semienterrado, estão localizados laboratórios, salas de aula e copa. No térreo, estão salas de aula, sala de reunião, coordenação, direção, recepção, administração, depósito, bateria sanitária e estacionamento (posicionado na porção menos privilegiada do terreno). No nível superior estão salas de aula, biblioteca, cafeteria e sanitários. Um elemento central do projeto é o grande pátio central, que se configura como espaço de sociabilização e lazer no edifício. Esse espaço é marcado pela escadaria em forma de arquibancada e pela concentração de fluxos e interação visual entre os pavimentos. A escadaria funciona como uma grande arquibancada permitindo diversidade de apropriações (desde a rápida circulação até a permanência mais prolongada dos usuários).

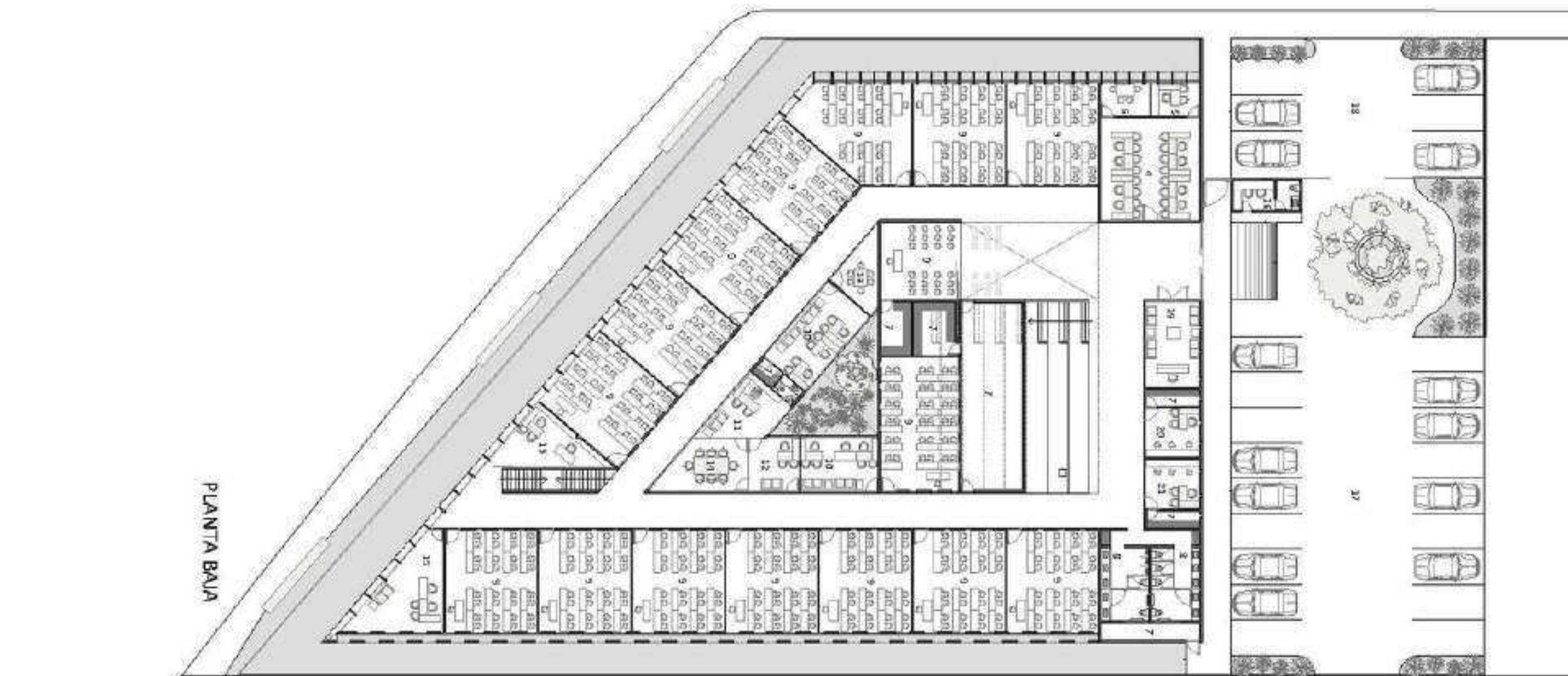


Figura 17: Interamerican university
Fonte: Archdaily 2021



Figura 19: Interamerican university
Fonte: Archdaily 2021

VOLUMETRIA/MATERIALIDADE

No edifício foram utilizados materiais que exigiam pouca frequência de manutenção. Por isso foram utilizados o concreto aparente, vidro transparente e alumínio natural. E, na cobertura do pátio central, foi utilizado policarbonato branco, para permitir a entrada de iluminação natural tanto na área de vivência como em todos os ambientes à sua volta.

RELAÇÃO INTERNA-EXTERNA

O exterior do edifício é caracterizado por placas de concreto e esquadrias de vidro com variadas configurações, que reforçam a ideia de integração entre interior e exterior. Dependendo da orientação da fachada, esses elementos são abertos, fechados ou rotacionados. Como o edifício está à beira-mar, pensou-se em aproveitar a vista em todas as fachadas com grandes aberturas.



Figura 20: Interamerican university
Fonte: Archdaily 2021





Figura 21: Centro de vivência-UFPB
Fonte: UFPB, 2021

CENTRO DE VIVÊNCIA - UFPB

ARQUITETOS: Armando Carvalho e Hélio Costa Lima

LOCALIZAÇÃO: João Pessoa - Paraíba

ÁREA CONSTRUÍDA: 1354 m²

ANO: 1979



ENTORNO

O Centro de Vivência está localizado na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus I, na cidade de João Pessoa. E fica na porção central do campus, ladeado pelo Restaurante Universitário, Biblioteca Central, Reitoria e Capela Universitária.

IMPLANTAÇÃO

Dentre os diversos acessos disponíveis no edifício, a maioria o interliga à Biblioteca Central e a via principal que corta o campus (Via Pau Brasil). De toda forma, seu espaço é bastante permeável, permitindo acessos por diversas localidades e fluxos em diferentes direções. Nesse sentido, o Centro de Vivência é caracterizado pelos amplos espaços de usos múltiplos, que se confundem como grandes eixos de circulação coberta, os quais, por sua vez, dão acesso aos ambientes internos do conjunto.

TOPOGRAFIA

A topografia do terreno apresenta desnível suave, o que possibilita a organização dos pavimentos em níveis intercalados entre si, sendo uma parte do edifício composta por único nível e outra, por dois pavimentos sobrepostos.

Figura 23: Implantação-Centro de vivência-UFPB
Fonte: UFPB, 2021

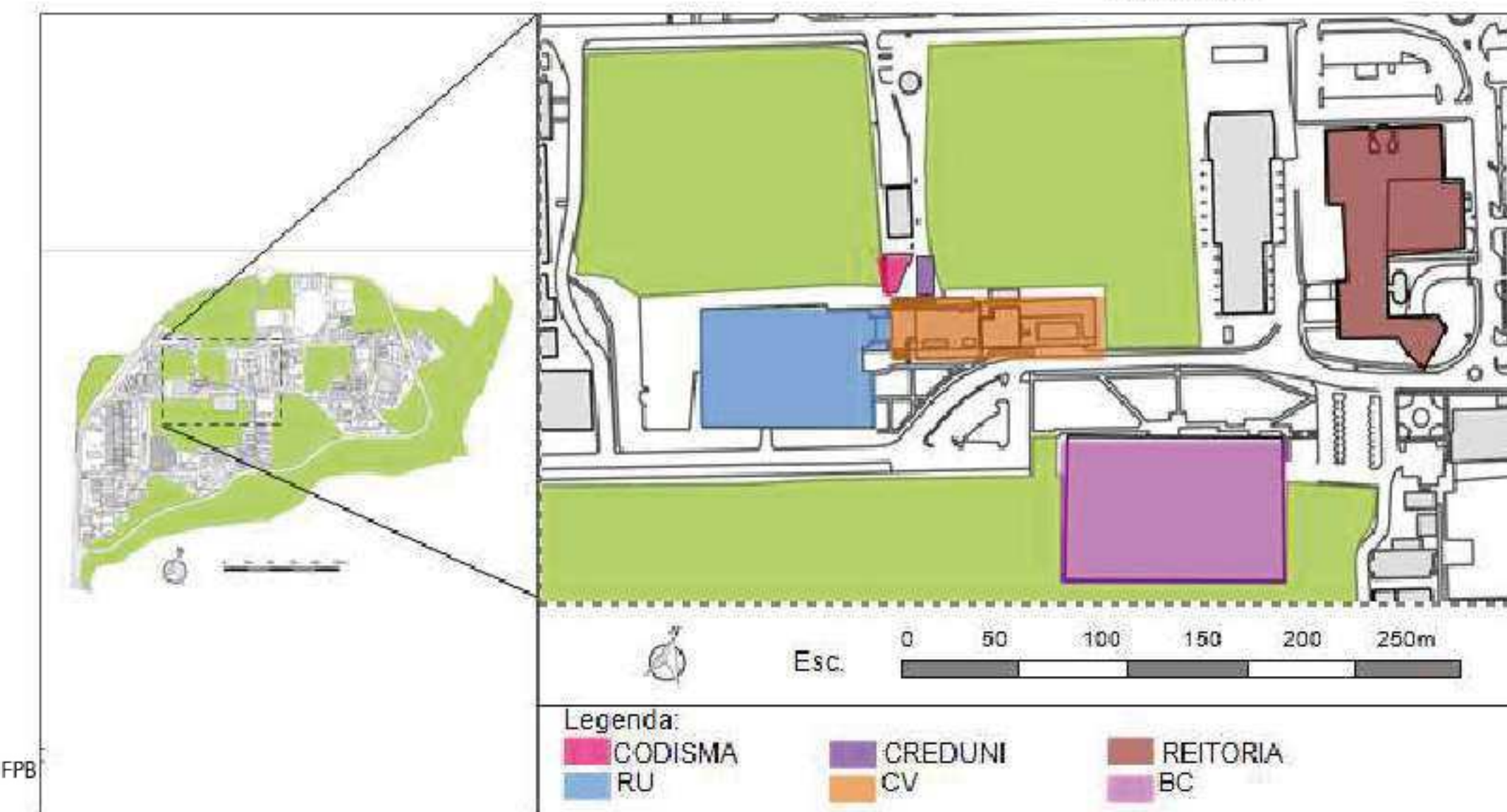


Figura 22: Centro de vivência-UFPB
Fonte: UFPB, 2021

FUNCIONALIDADE

Seus ambientes são atualmente compostos por: (1) Setor Comercial, formado por banca de revistas, lanchonete, restaurante, duas papelarias, duas copiadoras, duas agências bancárias, sebo de livros, farmácia (sem funcionamento) e sala comercial temporariamente ociosa; (2) Setor de Serviços, formado por agência dos Correios e ponto para recarga de crédito de passagem em transporte público municipal; (3) Setor Administrativo, localizado no pavimento superior e formado por Associação dos Docentes de Universidades Federais da Paraíba (ADUF-PB); e (4) Setor de Cultura e Lazer, formado por grande salão coberto, confíguo ao acesso do Restaurante Universitário. Também são abrigados no edifício comércios ambulantes informais, sobretudo de gêneros alimentícios.

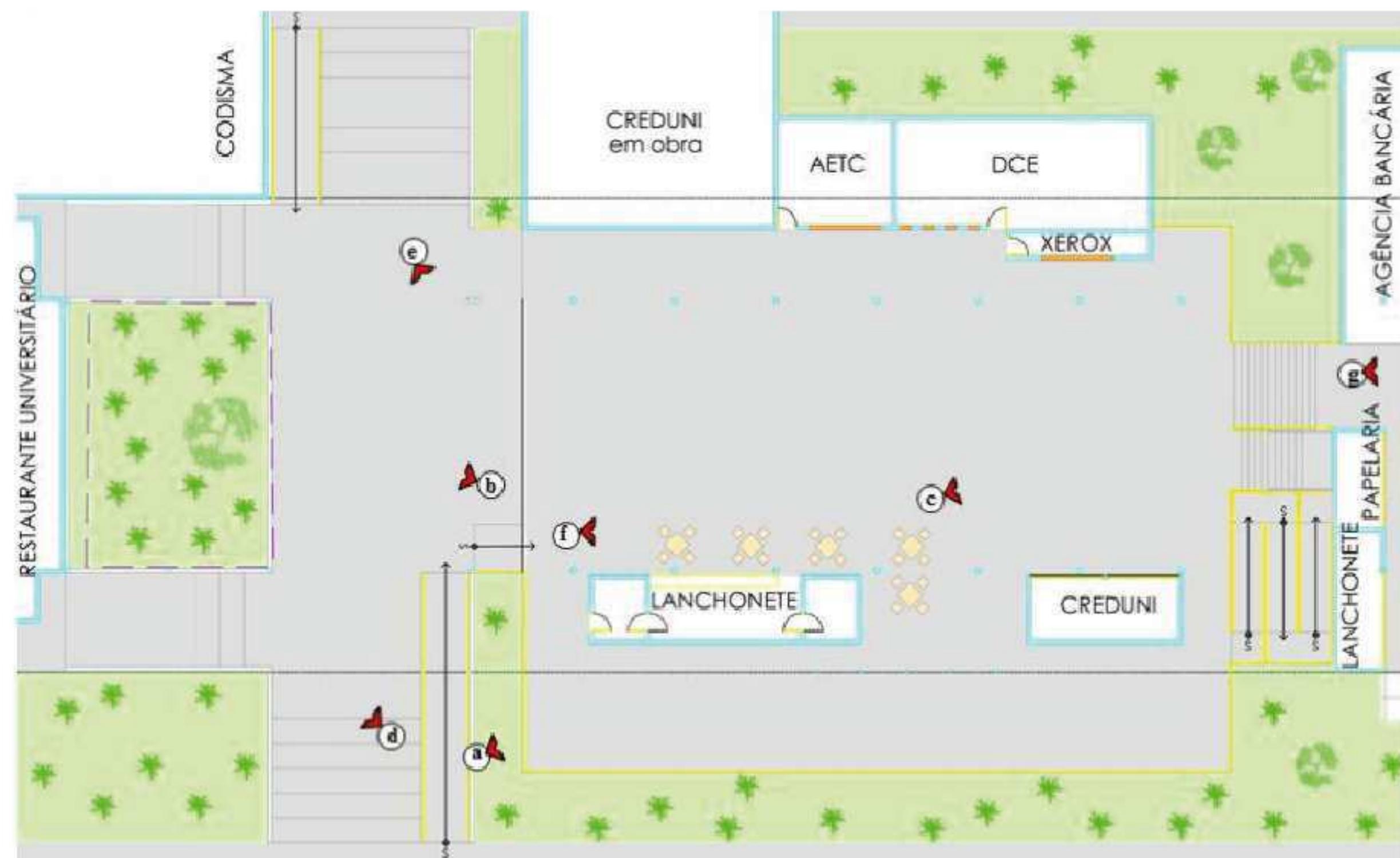


Figura 24: Planta baixa-Centro de vivência-UFPB
Fonte: UFPB, 2021



Figura 26: Espaço livre coberto-Centro de vivência-UFPB
Fonte: UFPB, 2021

VOLUMETRIA/MATERIALIDADE

O volume da edificação do Centro de Vivência possui forma simples, caracterizada pelos desenhos horizontais das lajes de concreto em balanço (coberta e piso). Por conta disso, a estrutura portante, composta por sistema de pilares e vigas de concreto, é um elemento marcante do edifício. Dentre os demais materiais utilizados, estão o piso de granilite cinza e as paredes de alvenaria de tijolos, ora pintadas, ora compostas por tijolos aparentes, como comum a demais edifícios da instituição.

RELAÇÃO INTERNA-EXTERNA

Devido aos amplos espaços livres cobertos e à permeabilidade física e visual da edificação, a integração entre o interior e exterior é uma constante no edifício.



Figura 27: Centro de vivência-UFPB
Fonte: UFPB, 2021

ESTUDO CORRELATO 1

Solução topográfica, aproveita o perfil natural do terreno como forma de integração do campus com a cidade, proporcionando espaços de convívio social para todas as pessoas, além de ser um espaço atrativo, de uso livre, flexível. Outra questão a ser pontuada é a capacidade do projeto explorar tanto o espaço construído do edifício, quanto a relação com desenho urbano e paisagismo gerada por seus espaços livres descobertos.

ESTUDO CORRELATO 2

O grande destaque desse projeto é a forma de integração entre interior e exterior da edificação, para aproveitar a bela paisagem que o cerca. Para isso, são utilizadas estratégias de implantação do edifício na periferia do lote, de modo a propiciar o máximo de aberturas para a paisagem externa. Cria-se uma volumetria aberta para o exterior. Outro destaque do projeto é o pátio central de convivência, criado a partir de uma escadaria que interliga diferentes níveis da edificação. Nesse espaço, a cobertura translúcida e solta da edificação possibilita ventilação e iluminação naturais aos ambientes.

ESTUDO CORRELATO 3

O ponto chave desse projeto é a flexibilidade espacial de sua área livre coberta, que possibilita diferentes usos dentro do centro de vivência. Este é um fator importante para possibilitar diversidade de apropriações do espaços e seu uso por diversos perfis de usuários.

4.1 O campus sede da UFCG

O campus sede da atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) teve sua construção iniciada na década de 1950, a partir da construção das primeiras instituições de ensino superior na Paraíba: a Escola Politécnica de Campina Grande (1952) e a Faculdade de Ciências Econômicas (1955). Com a Lei Estadual 1.366, de 02 de dezembro de 1955, foi criada a Universidade da Paraíba, a partir da junção dessas escolas de ensino superior.

Posteriormente, com a federalização das instituições de ensino superior, através da Lei nº. 3.835 de 13 de dezembro de 1960, a instituição passou a ser denominada Universidade Federal da Paraíba – UFPB. A partir desse marco, a UFPB passou a desenvolver uma estrutura multicampi, dividindo-se em sete unidades localizadas nas seguintes cidades: João Pessoa (sede), Campina Grande, Areia, Bananeiras, Patos, Sousa e Cajazeiras. O campus de Campina Grande, então Campus II da UFPB, tinha em 1960, uma área física de 39,01 hectares e possuía 4.389 alunos distribuídos em 20 cursos de graduação e 12 de pós-graduação (sendo 10 mestrados e 02 doutorados), dados retirados de arquivos no site da UFCG.

Em 2002, a UFPB passou por processo de desmembramento e deu origem à UFCG (Lei nº. 10.419, de 9 de abril de 2002), sediada em Campina Grande. Também fazem parte da instituição os campi de Cajazeiras, Patos e Sousa (nessa época já existentes), além dos campi de Sumé, Cuité e Pombal, posteriormente construídos. A instituição atualmente se distribui em sete cidades paraibanas e, em Campina Grande, possui dos campi: o campus sede e campus CCBS, onde se localiza o curso de Medicina, dentro outros pertencentes às Ciências Biológicas e Saúde.

Para além da questão burocrática, a criação da UFCG tinha repercussões sobre seu espaço físico, que passaria a ter, dentre outras funções, abrigar atividades administrativas, como reitoria e pró-reitorias. Por conseguinte, seu campus passou, a partir dessa data, por variadas transformações, às quais se somaram, em 2007, os investimentos do REUNI para reestruturação e expansão das universidades federais do país.



Figura 28: Evolução construtiva da UFCG
Fonte: Google Earth, 2021

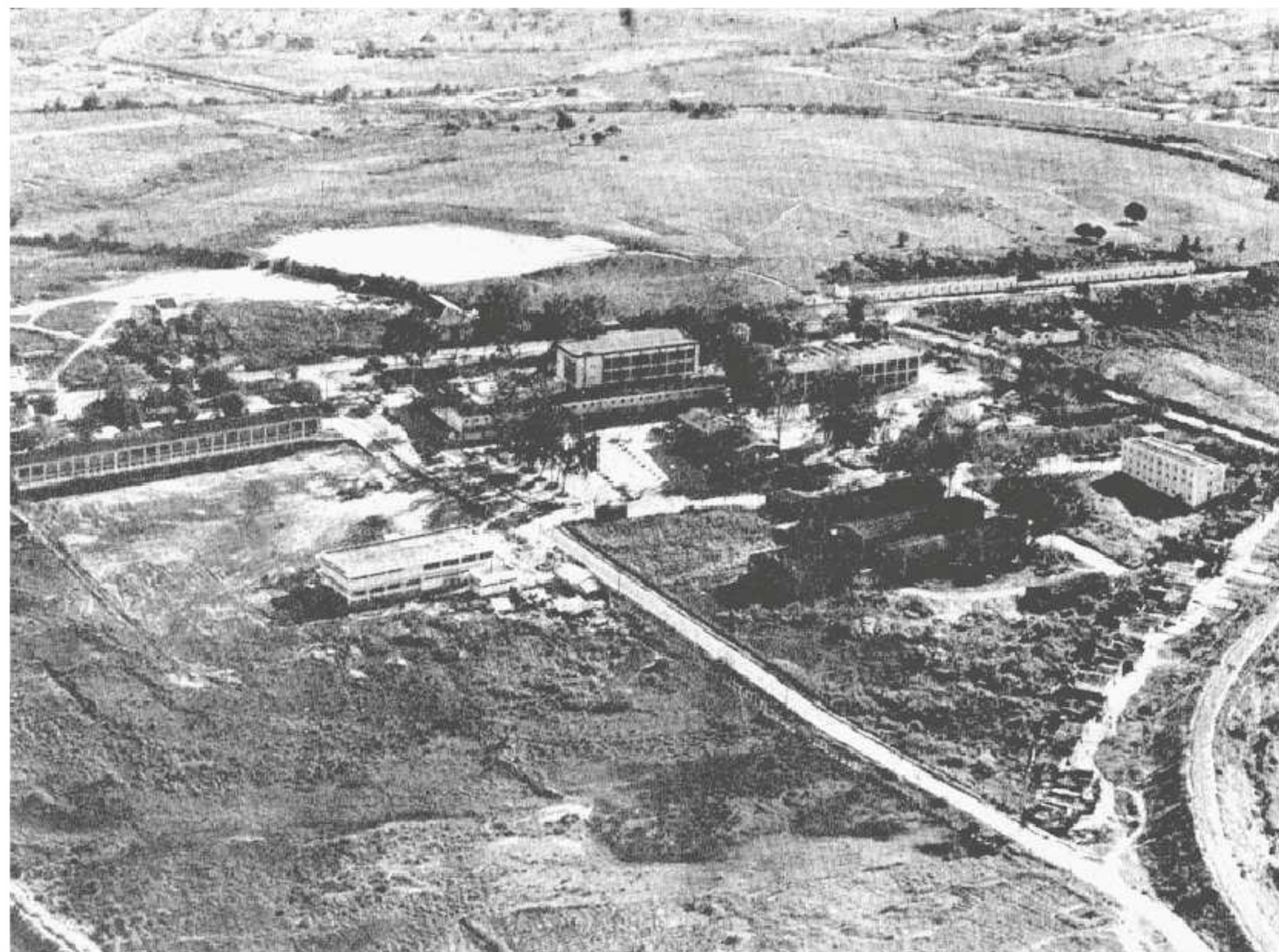


Figura 29: Universidade Federal de Campina Grande
Fonte: Arquivo da UFPB



Figura 30: Mapa da UFCC
Fonte: Arquivo da UFCC modificado pelo autor, 2021



Figura 31: Imagem aérea da UFCC
Fonte: Arquivo da UFCC

O campus sede da UFCC, localiza-se no Bairro Universitário, zona norte da cidade, próximo à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, do Açude de Bodocongó e do Hospital da FAP. O campus compreende edificações voltadas ao ensino, pesquisa e administração, bem como áreas verdes e áreas de circulação de veículos e pedestres. É composto por quatro centros de ensino: Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), Centro de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI), Centro de Humanidades (CH) e Centro de Tecnologia e Recursos Naturais (CTRN). Oferece 45 cursos de graduação, distribuídos em três turnos: manhã, tarde e noite. Em 2021, a população do campus sede era composta por 6.505 alunos matriculados, 617 professores efetivos e 692 servidores técnicos-administrativos (distribuídos nos quatro centros acadêmicos, na reitoria e em outros setores).

Quanto a seu espaço físico, o campus sede possui atualmente terreno com 30,87 hectares e área construída de aproximadamente 13,72 hectares. A setorização do campus é dividida em: Setor A, onde ficam instalados Reitoria, Restaurante Universitário, agências bancárias, Biblioteca Central, Prefeitura Universitária, Centro de Extensão e Complexo Esportivo; Setor B, onde ficam concentrados Centrais de Aula, Laboratórios (de diversos centros), blocos acadêmicos e administrativos do Centro de Humanidades (CH), Escola Infantil, Praça de Alimentação e Comércio, Museu do Semiárido e Museu de Mineralogia; o Setor C, onde ficam instaladas Centrais de Aula e blocos acadêmicos e administrativos dos demais centros (CEEI, CCT e CRN).

4.2 O ambiente construído

No campus sede da UFCG, as atividades de socialização se dão em espaços pulverizados, como áreas livres entre os blocos acadêmicos, imediações do Restaurante Universitário, ginásio esportivo (que recentemente desabou), lanchonetes e Centros Acadêmicos. Entretanto, não há um espaço comum de vivência para socialização de toda a comunidade acadêmica.

Atualmente as imediações do Restaurante Universitário, por se localizar em área central ao campus e por abrigar atividades de interesse geral (como agências bancárias e Centros Acadêmicos), se aproxima dessa função. Somam-se a isso o potencial paisagístico do lugar, às margens do lago, e sua proximidade a equipamentos que concentram grande quantidade de usuários: Biblioteca Central, Centrais de Aula, Reitoria e Centro de Extensão. Ao mesmo tempo, localiza-se próximo à entrada principal do campus, situada na Avenida Aprígio Veloso, o que favorece sua utilização pelo público externo, além da própria comunidade acadêmica. E esse é um local de constante fluxo de pessoas, que por aí passam ao entrar ou ao sair da universidade.

Esse núcleo central, cujo terreno tem 0,62 ha, é composto por quatro edificações, afora pequena caixa d'água desativada: (1) Bloco AC, destinado ao Restaurante Universitário, no térreo, e a Centros Acadêmicos (treze unidades), auditório e academia de ginástica, no pavimento superior; (2) sede do Smart Campus (antiga agência do Banco Santander), que sedia parte das atividades da Prefeitura Universitária; (3) agência do Banco do Brasil e (4) agência da Caixa Econômica Federal.

Tais edificações implantadas em blocos isolados entre si e monofuncionais não favorecem a integração social entre os usuários. Da mesma forma, os espaços livres entre os blocos se caracterizam mais como áreas residuais, sendo inclusive utilizadas para instalação de equipamentos mecânicos, como condensadores de ar-condicionado, em detrimento de seu uso como áreas de circulação ou permanência da comunidade acadêmica. Também minimiza o uso mais intenso de tais áreas livres a ausência de sombreamento, seja através de cobertas, pérgulas ou árvores.



Figura 32: Inserção do NV na UFCG
Fonte: Arquivo da UFCG modificado pelo autor, 2021

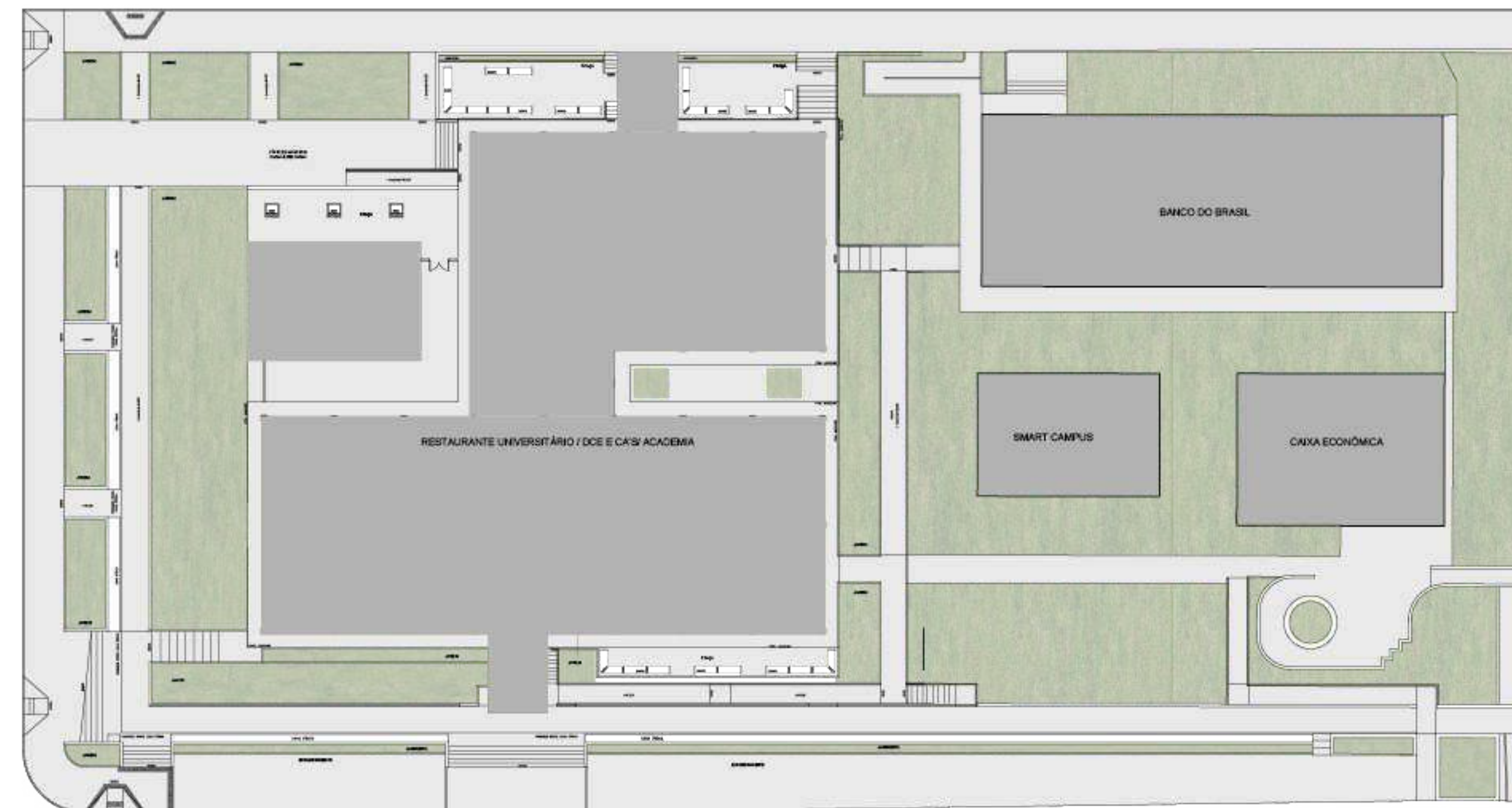


Figura 33: Núcleo de vivência da UFCG
Fonte: Arquivo da UFCG modificado pelo autor, 2021

Ao mesmo tempo, conforme registros fotográficos do campus sede da UFCG, essa é uma área ocupada há grande tempo pelo Restaurante Universitário e que, por isso, faz parte da memória afetiva dos usuários do campus. Ao longo do tempo, alguns usos foram daí deslocados, a exemplo da Editora Universitária, que atualmente é abrigada em sala dentro do Centro de Extensão.

Outro aspecto que marca esse núcleo central é a declividade de sua topografia, a qual foi aproveitada pelas construções existentes na forma de um platô em seu nível mais baixo (junto ao lago, na porção Norte). Em consequência, sua porção Sul (mais elevada 2,55 metros) forma um muro de arrimo, em cujo topo tem-se circulação de pedestres e estacionamento de veículos.

Quanto aos fluxos e à acessibilidade, esse núcleo central passou por reformas ao longo do tempo a fim de eliminar as barreiras arquitetônicas e criar passeios acessíveis, inclusive com a construção de rampas para vencer o desnível existente entre o platô e o nível mais elevado do terreno. Também foram minimizados os desníveis entre os pisos descobertos e irregularidades na pavimentação, afora terem sido instaladas rampas acessíveis no acesso a todos os edifícios do conjunto. Por outro lado, a diversidade de fluxos requerida a esse núcleo central, local de passagem de grande número de usuários, não é tão efetiva em sua área central, sendo mais adequada em sua periferia. É simbólico disso as barreiras estabelecidas pela caixa d'água desativada e pela rampa acessível do Banco do Brasil. Da mesma forma, as estreitas escadarias que conduzem ao andar superior do Bloco AC e a ausência de rampa ou elevador tornam menos convidativa e acessível essa porção do conjunto.

Contraditoriamente, as agências bancárias (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) estão implantadas na área com maior conforto bioclimático, visto que a ventilação predominante em Campina Grande vem do sentido leste e sudeste. E tais equipamentos, por questão de segurança, fazem uso de ventilação artificial.

Enfim, essa é uma área do campus sede da UFCG com grande potencial de utilização pela comunidade acadêmica e que está atualmente subutilizada, devido às limitadas possibilidades de apropriação pelos usuários, que se restringem a atividades direcionadas a públicos restritos (Centros Acadêmicos e agências bancárias) e horários intermitentes (Restaurante Universitário).





Figura 35: Esquinas-NV UFCCG
Fonte: Autor, 2021





Figura 37: Esquinas NV UFCG
Fonte: Autor, 2021



Figura 38: Núcleo de vivência do SFG
Fonte: Autor, 2021

Entende-se que todo produto que é colocado em uso, inclusive edificações, precisa ser avaliado regularmente para garantir seu controle de qualidade e a plena satisfação das necessidades dos usuários. No entanto, na construção civil brasileira, isso não é colocado em prática. Pelo contrário, produtos que não satisfazem o usuário são constantemente repetidos, especialmente em prédios públicos que estão em uso desde a década de 1950. Reforçando essa afirmativa, Nasar et al (2007 apud KOWALTOWSKI; MOREIRA; DELIBERADOR, 2012) afirmam que as obras públicas nacionais são muito criticadas pelos usuários e seus maiores problemas estão relacionados à funcionalidade, orientação espacial, acessibilidade, conforto ambiental e estética.

Revelando diferenças de expectativas dos projetistas, incorporadores e usuários em relação ao ambiente construído, esse descuido pode reduzir a vida útil das construções, sendo demolida, abandonada ou subutilizada, frente a seu baixo desempenho à satisfação dos usuários. E, em geral, as modificações ou melhorias realizadas ainda na etapa de projeto são bem menos onerosas de se implantar do que as modificações ou melhorias a serem realizadas no ambiente já edificado. Daí a importância de considerar o processo de projeto uma atividade cíclica, na qual se aprende com a avaliação dos ambientes construídos durante seu uso.

Uma das estratégias para a realização desse tipo de estudo é a Avaliação Pós-Ocupação – APO, que se caracteriza como uma abordagem interativa, sistematizada e rigorosa do ambiente construído, realizada algum tempo após sua construção e ocupação (RHEINGANTZ et al, 2009). Esta metodologia tem como foco os usuários e suas necessidades, visando compreender a influência e as consequências das decisões projetuais no desempenho do ambiente considerado. Prioriza aspectos relacionados à percepção e ao uso pelos diferentes agentes envolvidos, de modo que o ponto de vista dos usuários somados à perspectiva técnica, enriqueça a análise (ORNSTEIN; ROMÉRO, 1992; ROMÉRO; ORNSTEIN, 2003; PREISER; VISCHER, 2005; RHEIGANTZ et al, 2009).

Conforme Preiser e Schramm (2005), avaliar o projeto e seu processo ou o edifício por meio da APO permite compreender os motivos subentendidos nas decisões dos vários participantes do processo, uma vez que essas decisões são, com frequência, baseadas numa grande variedade de considerações. Para Kowaltowski et al. (2013), emoções, intuições e julgamentos consistem, no processo de projeto, em aspectos tão relevantes quanto os racionais, tais como medições e verificação do atendimento às normas técnicas. Para Van der Voordt e Van Wegen (2005), aliar a qualidade ao processo do projeto, objetivando o bem-estar e o atendimento às necessidades dos usuários, pressupõe a participação desses usuários no programa de necessidades e nas questões projetuais e construtivas.

Sendo assim, a importância da APO ao processo de projeto já é um tema consolidado. E, ao se projetar, como nesta pesquisa, a requalificação arquitetônica de um equipamento público comunitário, núcleo de vivência da UFCG, fazer uso da APO é fundamental. Pois potencializa a participação dos usuários no processo de projeto.

Para isso, primeiro realizou-se o levantamento arquitetônico da área a ser estudada, a fim de gerar o desenho “as built”, uma vez que os documentos disponíveis sobre área estavam desatualizados e não contemplavam modificações realizadas. Para realização dessa etapa, foram coletados os desenhos técnicos do núcleo de vivência disponibilizados pela Prefeitura Universitária da UFCG. Sua versão mais atual corresponde ao projeto de reforma do Restaurante Universitário, realizado em 2011. Como esses desenhos já tinham dez anos, foi necessário confrontá-lo em relação ao espaço construído atualmente. Para isso, foram realizadas visitas agendadas ao local, uma vez que o prédio do Restaurante Universitário está fechado, devido às restrições geradas pela pandemia do Covid-19. O levantamento foi realizado em 27 de maio de 2021 e seu resultado está registrado na Figura 41.

De posse dessas informações, a próxima etapa consistiu na pesquisa das opiniões e percepções dos membros da comunidade acadêmica. Para escolha das técnicas de investigação a serem adotadas, foram pontuados alguns critérios: (1) considerar o atual cenário de pandemia do Covid-19 e eventuais riscos gerados aos participantes da pesquisa; (2) compatibilidade com os recursos humanos e técnicos disponíveis e o prazo de execução; (3) contemplar os diversos agentes que atuam no campus sede da UFCG; (4) compatibilidade com os objetivos da pesquisa. Diante disso, a técnica de observação, por exemplo, embora bastante útil, não era viável, pois a instituição estava em atividades remotas e, com isso, o núcleo de vivência estava fora de uso. Por conta disso, as opiniões dos usuários, nesta pesquisa, representam melhor suas memórias sobre o uso do lugar em tempos recentes, do que seu uso na atualidade.

Frente a esses critérios, adotou-se análise multimétodos, selecionando métodos quantitativos e qualitativos. Dentre as técnicas quantitativas, o questionário foi selecionado, a fim de identificar as percepções dos usuários em geral (estudantes, professores e funcionários) sobre as principais problemáticas e potencialidades da área em estudo. Além disso, compreender as necessidades e desejos da comunidade acadêmica sobre o núcleo de vivência. Quanto ao método qualitativo, foram escolhidos os instrumentos de coleta: walkthrough (ou passeio acompanhado com usuário do edifício) e entrevista com pessoas-chave.

A primeira etapa foi a realização do passeio acompanhado, realizado com a participação de funcionário da UFCG. Essa visita se deu em dois dias, visto que para ter acesso ao edifício havia três responsáveis diferentes. No dia 25/05/2021, o passeio ocorreu das 8h até 10h, quando foi visitado o pavimento térreo do edifício, ocupado pelo RU. Nesse passeio, foi possível conferir as dimensões e modificações de uso ou na configuração do espaço. Foram então verificadas: (1) no restaurante universitário, acréscimo de algumas divisões na cozinha e criação de salas de recepção, secretaria, coordenação e nutrição (não registradas no projeto de 2011); (2) no pavimento térreo, construção de segundo salão do restaurante universitário, com novo refeitório e banheiros, os quais não chegaram a funcionar. No dia 27/05/2021, o passeio ocorreu das 10h até 11h. Foi visitado o pavimento superior do mesmo edifício. A visita se iniciou pelas salas dos Centros Acadêmicos – CA’s. Identificou-se alguns ambientes com dimensões divergentes em relação ao projeto de 2011 e a não instalação da plataforma elevatória, prevista no projeto de reforma. No setor da academia, foi acrescentado um depósito e dois vestiários. Além de conferido o novo arranjo interno do bloco, foi realizado registro fotográfico.



Figura 41: Áreas livres residuais -Visita técnica NV-UFCG
Fonte: Autor, 2021



Figura 39: Visita técnica NV-UFCG
Fonte: Autor, 2021



Figura 40: Ambientes acrescentados- NV-UFCG
Fonte: Autor, 2021



Figura 41: Novo Refeitório RU-Visita técnica NV-UFCG
Fonte: Autor, 2021

Os principais resultados identificados no passeio acompanhado foram: (1) circulação vertical subdimensionada nos dois pavimentos (escadas estreitas) e sem acessibilidade; (2) fragmentação do refeitório do RU em dois ambientes isolados entre si, em contradição a ideia de favorecer a integração universitária; (3) subaproveitamento das vistas em direção ao lago (uma das potencialidades daquela região), visto que alguns ambientes bloqueiam essa vista, como a caixa da circulação vertical; (4) ambientes que podem ser suprimidos, sobretudo o auditório, uma vez que sua função já é suprida pelo Centro de Extensão nas proximidades e com melhor infraestrutura; (5) ambientes que precisam ser ofertados em maior quantidade, sobretudo a sala dos CA's, que não atendem a demanda atual do campus; (4) implantação das agências bancárias em locais inadequados, por estar localizada em uma área privilegiada e que poderia ser melhor aproveitada, e subdimensionamento da agência da Caixa Econômica Federal.

Quanto aos questionários, foram direcionados aos representantes de cada grupo da comunidade acadêmica, baseado na quantidade de cursos no campus sede (incluindo os diferentes turnos). Quanto ao grupo dos estudantes, o questionário foi enviado para cada representante do curso (45 participantes). No grupo dos professores, o questionário foi enviado para os coordenadores de cada curso (45 participantes). E, no grupo dos funcionários, o questionário foi enviado aos secretários de cada coordenação do curso (45 participantes). Isso totalizou uma amostra de 135 participantes. Os questionários foram disponibilizados eletronicamente, via e-mail ou Whatsapp, de 10 até 17 de dezembro de 2021. O formulário foi desenvolvido no Google Forms, a fim de facilitar o envio e a coleta dos dados. E também foi disponibilizado o acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O formulário foi subdividido em três seções. A primeira sobre a socialização do campus, para compreender como eram desenvolvidas essas atividades antes da pandemia. Na segunda seção, as perguntas trataram do ambiente construído do núcleo de vivência (entendido como a região atualmente ocupada pelo Restaurante Universitário, CA's, Academia e as agências bancárias), a fim de compreender os pontos negativos e positivos e quais os desejos da comunidade sobre essa região. Na terceira seção, havia perguntas para caracterizar o perfil dos participantes e sua relação com a instituição.

No entanto, nem todos os questionários (enviados de forma eletrônica às coordenações de cada curso) foram respondidos, como corriqueiro a essa técnica de pesquisa. Foram obtidas 23 respostas, sendo 18 de estudantes e 5 de professores. Não foi obtida respostas do grupo de funcionários.

Os principais resultados identificados pelos questionários foram: (1) reclamações quanto à acessibilidade do local, tanto em relação ao acesso do pavimento superior, que não tem elevador nem rampa, quanto por não possuir banheiros acessíveis no RU; (2) o subdimensionamento do refeitório do RU, que causa grandes filas, e o desconforto da área de espera para acessá-lo; (3) subdimensionamento das salas dos CA's, visto que a maioria as considera pequenas, afora sua quantidade insuficiente; (4) inexistência de espaço cobertos de uso livre.

Quanto à entrevista com pessoas-chave, o primeiro passo foi delimitar quem seriam os entrevistados. Como o objetivo da pesquisa nessa atividade era identificar o posicionamento da instituição sobre o núcleo de vivência, foram selecionados técnicos ou gestores diretamente relacionados às atividades aí realizadas ou aos edifícios aí localizados. Foram selecionados cinco participantes: dois da Prefeitura Universitária (PU), sendo uma pessoa responsável pela gestão do espaço físico e outra atuante na atividade de projeto de edificações do campus; um da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC), um do Restaurante Universitário e um do Complexo Desportivo. Devido ao atual cenário epidêmico, apenas uma das entrevistas foi realizada presencialmente, seguindo todos os protocolos de biossegurança, no dia 13/12/2021 na própria instituição e teve uma hora de duração. Duas entrevistas foram realizadas de forma remota (através do Google Meet), no dia 14/12/2021 e 15/12/2021, com uma hora de duração cada. E as outras duas foram realizadas através de formulário no Google Forms com as mesmas questões das demais entrevistas, em virtude da falta de disponibilidade de tempo desses participantes. Em todas as entrevistas foram disponibilizados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os principais resultados obtidos nas entrevistas foram: (1) todos os participantes consideram que a acessibilidade é a maior deficiência daquela região e que, apesar da previsão de plataforma no projeto de reforma do RU, essa não chegou a ser instalada; (2) a transferência da academia para o complexo esportivo foi outro aspecto com frequência apontado por esse grupo de participantes, com a justificativa de que o dimensionamento da academia não atende a demanda do campus e seu uso ocasionar patologias na edificação, por ser uma ocupação que não foi inicialmente prevista na construção do bloco e se tratar de uma adaptação.

Ao cruzar e analisar os dados obtidos pelas três técnicas utilizadas (passeio acompanhado, questionário e entrevistas), foi desenvolvido um Quadro Síntese de Diagnósticos e Recomendações (Quadro 1) que teve por finalidade direcionar os apontamentos desenvolvidos na etapa da proposta .



Figura 41: Níveis-Visita técnica NV-UFCG
Fonte: Autor, 2021

PLANTA BAIXA- PAVIMENTO TÉRREO - REFORMA 2011

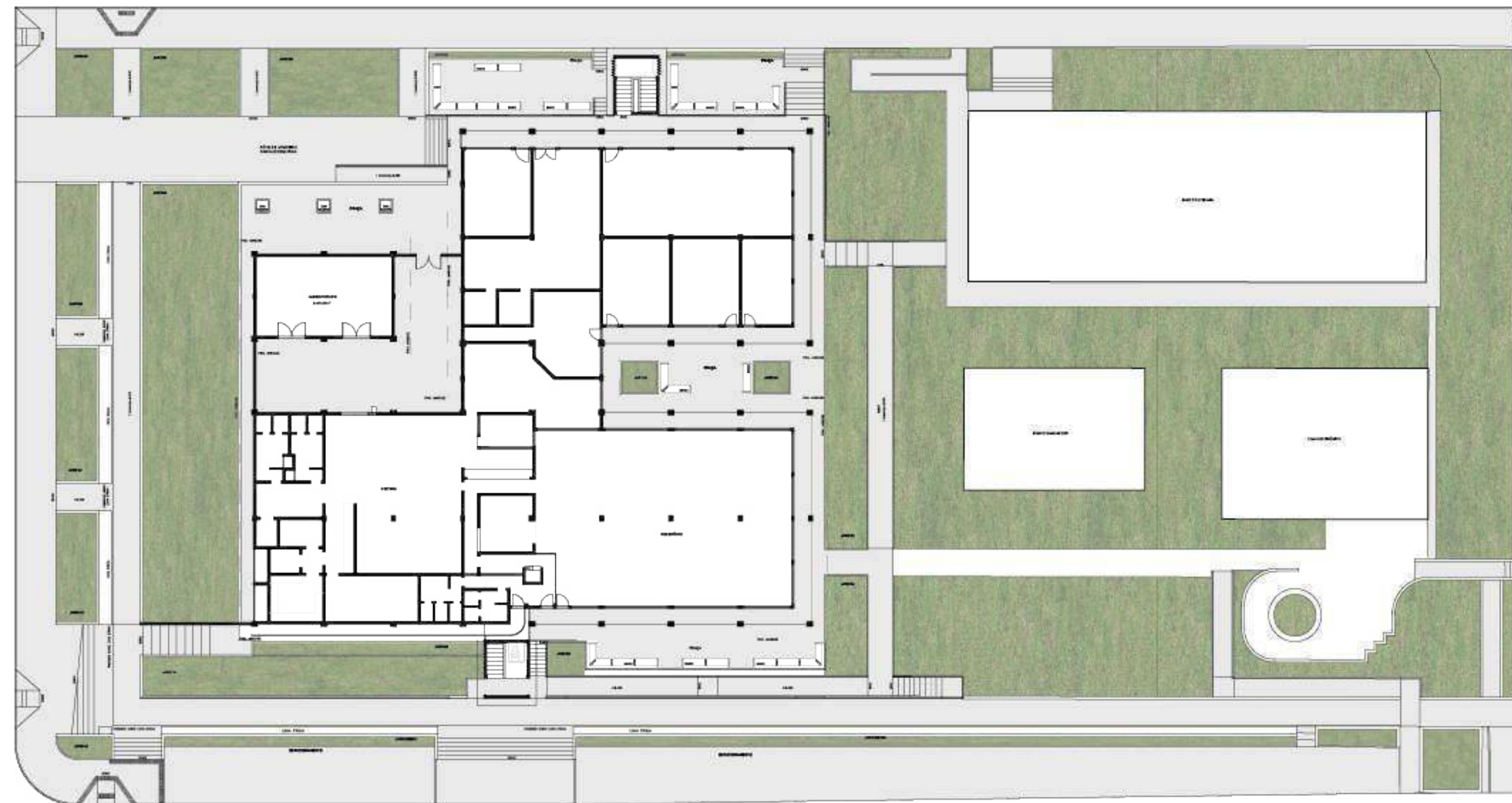


Figura 42: Planta Baixa NV-UFCG
Fonte: Modificado pelo autor, 2021

PLANTA BAIXA- PAVIMENTO TÉRREO - SITUAÇÃO ATUAL

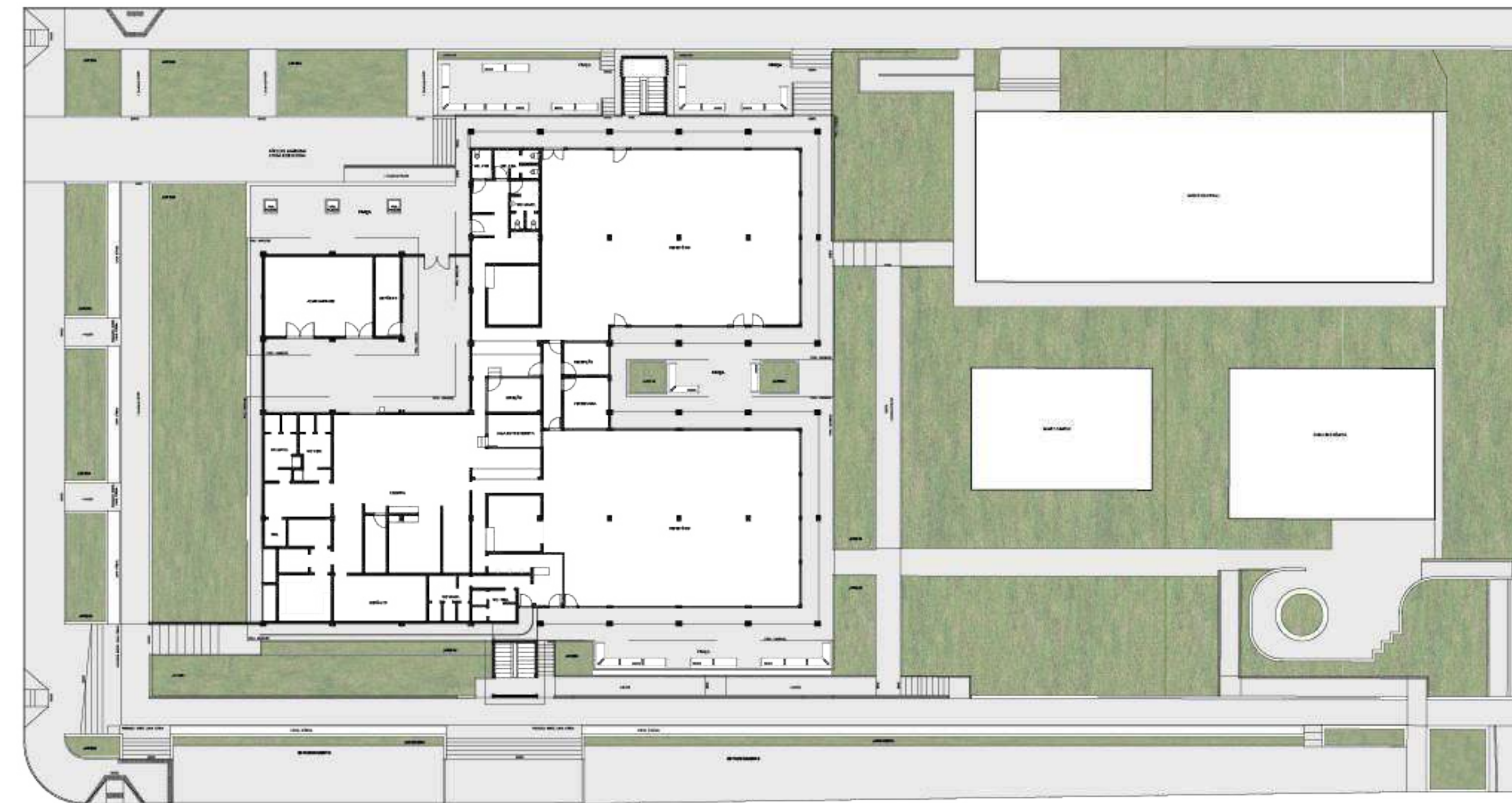


Figura 43: Planta Baixa NV-UFCG
Fonte: Modificado pelo autor, 2021

PLANTA BAIXA- PAVIMENTO SUPERIOR - REFORMA 2011

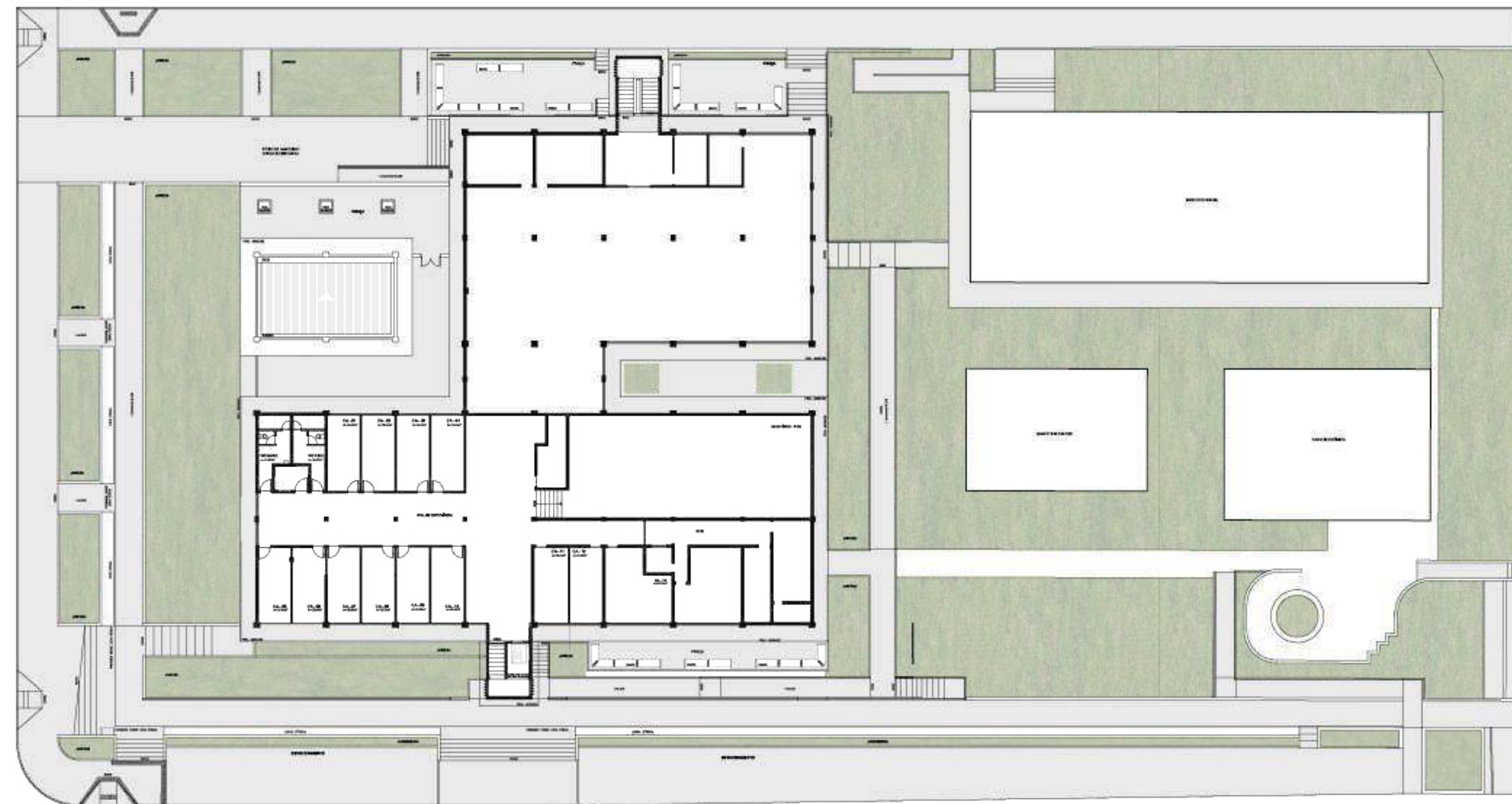


Figura 44: Planta Baixa NV-UFCC
Fonte: Modificado pelo autor, 2021

PLANTA BAIXA- PAVIMENTO SUPERIOR - SITUAÇÃO ATUAL

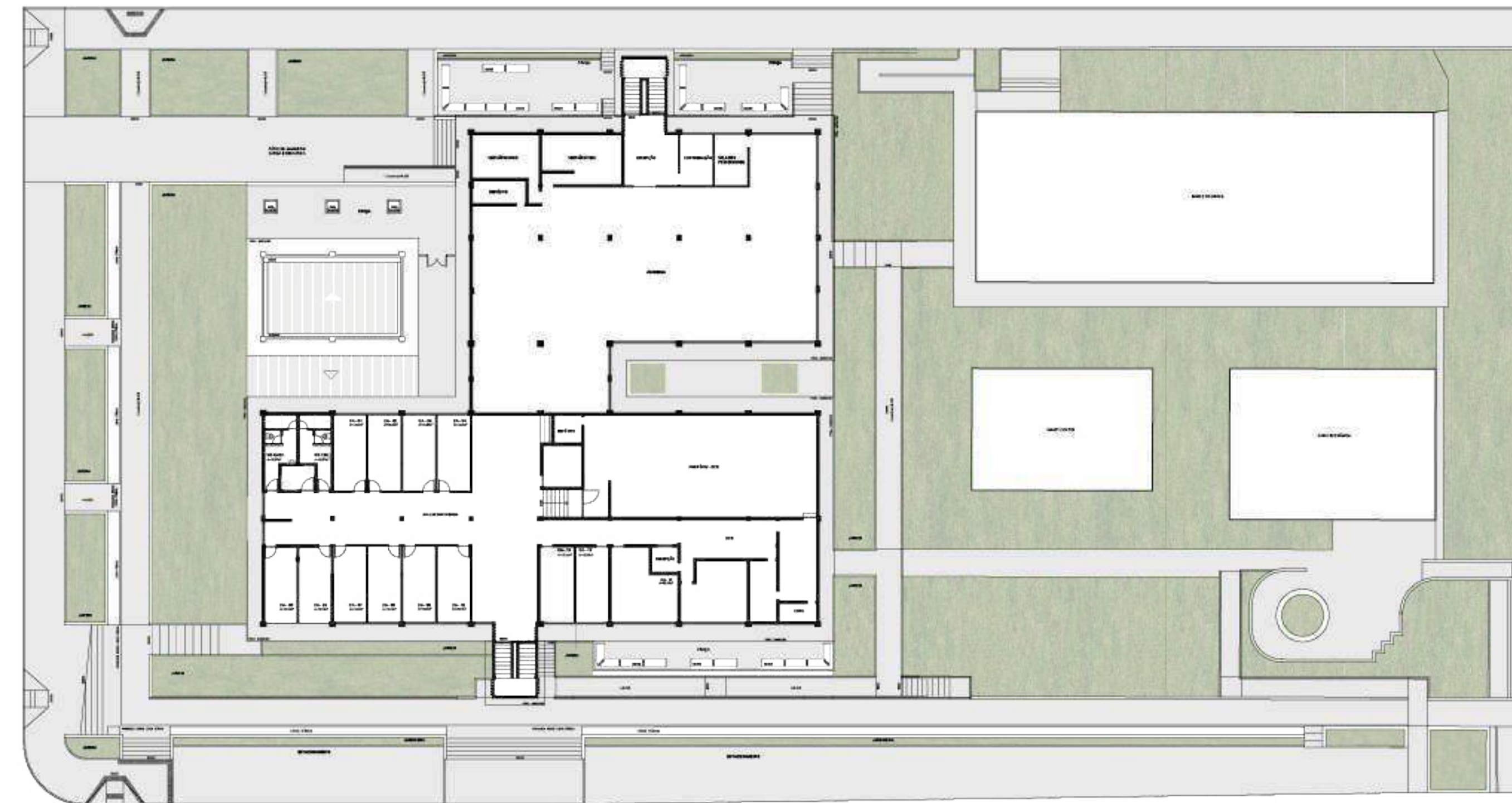


Figura 45: Planta Baixa NV-UFCC
Fonte: Modificado pelo autor, 2021

QUADRO 1-SÍNTESE DE DIAGNÓSTICOS E RECOMENDAÇÕES (QDR)

PARÂMETRO	RESULTADOS DOS MÉTODOS E TÉCNICAS APLICADOS NA PESQUISA					
	LOCAL	INSTRUMENTOS UTILIZADOS			RECOMENDAÇÕES	
		WALKTHROUGH	ENTREVISTA COM PESSOAS-CHAVE	QUESTIONÁRIO	NORMAS TÉCNICAS A SEREM ATENDIDAS	GRAU DE IMPORTÂNCIA/PRIORIDADE
RU	NÃO POSSUI WC ACESSÍVEL EM UM DOS REFEITÓRIOS	PROXIMIDADE DO RU COM ESPAÇOS EM DESUSO PROPORCIONAM INFESTAÇÃO DE PRAGAS	NÃO POSSUI BANHEIROS ACESSÍVEIS	NBR 9050: 2015	ALTO	CRIAR BATERIA SANITÁRIA ACESSÍVEL
	O ACESSO PARA O RU É SUBDIMENSIONADO	AMPLIAR O ESPAÇO DO RU. O ATUAL ESPAÇO NÃO COMPORTA	ACESSO INSUFICIENTE DO RU E NÃO PLANEJADO PARA AS GRANDES FILAS			ESPAÇO DO REFEITÓRIO NÃO ATENDIA A DEMANDA DE TODO O CAMPUS
ACADEMIA	NÃO HÁ RAMPA OU PLATAFORMA ELEVATÓRIA QUE PERMITA O ACESSO AO PAVIMENTO SUPERIOR	ESPAÇO DA ACADEMIA NÃO FOI PLANEJADA PARA ESTE USO E NÃO COMPORTA A CAPACIDADE DA DEMANDA DO CAMPUS. DEVERIA SER IMPLANTADA NO COMPLEXO ESPORTIVO	A ACADEMIA NÃO POSSUI DIMENSIONAMENTO PARA A DEMANDA DO CAMPUS			RETIRAR A ACADEMIA DO NÚCLEO DE VIVÊNCIA E REALOCAR PARA O COMPLEXO ESPORTIVO
	O ACESSO AO ESPAÇO DA ACADEMIA E DOS CA'S SÃO ISOLADOS MESMO ESTANTO NO MESMO PAVIMENTO	NÃO POSSUI ACESSO ACESSÍVEL				
CA'S	ACESSOS AO PAVIMENTO SUPERIOR NÃO SÃO CONVIVATIVOS	AMBIENTES NA ACADEMIA BLOQUEIAM A VISTA PARA O LAGO	ESCALADA QUE DA ACESSO A ACADEMIA BLOQUEIA A VISTA PARA O LAGO			
	NÃO HÁ RAMPA OU PLATAFORMA ELEVATÓRIA QUE PERMITA O ACESSO AO PAVIMENTO SUPERIOR	O DIMENSIONAMENTO DAS SALAS DOS CA'S É SUFICIENTE PARA O USO PROPOSTO	A QUANTIDADE DE CA'S É INSUFICIENTE			AMPLIAR A QUANTIDADE DE CA'S
AGÊNCIAS BANCÁRIAS	ACESSOS AO PAVIMENTO SUPERIOR NÃO SÃO CONVIVATIVOS	PÉSSIMA ACESSIBILIDADE, PRINCIPALMENTE PARA O NÍVEL SUPERIOR, NO PROJETO PREVIA ESPAÇO PARA A PLATAFORMA ELEVATÓRIA, PORÉM NÃO FOI EFETIVADO POR QUESTÕES FINANCEIRAS	O DIMENSIONAMENTO DAS SALAS DOS CA'S SÃO REDUZIDOS			CRIAR ACESSO ACESSÍVEL PARA O NÍVEL SUPERIOR
	A QUANTIDADE DE CA'S É INSUFICIENTE					CRIAR ANFITEATRO ABERTO A TODO O PÚBLICO
ÁREAS LIVRES	ACESSO AO AUDITÓRIO É ATRAVÉS APENAS POR ESCADAS					
	AS AGÊNCIAS BANCÁRIAS ESTÃO IMPLANTADAS NA PORÇÃO DE MAIOR PRIVILÉGIO QUANTO AO CONFORTO TÉRMICO	O ACESSO AS AGÊNCIAS BANCÁRIAS DEVE SER PLANEJADA PENSANDO NA SEGURANÇA				REMOVER OS BLOCOS ISOLADOS DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS E DO SMART CAMPUS E DISTRIBUIR DE FORMA MAIS ADEQUADA
ÁREAS LIVRES	A IMPLANTAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES ESTÃO ORGANIZADAS EM BLOCOS ISOLADOS, CONFIGURANDO UMA DESORDEM	REPENSAR A IMPLANTAÇÃO DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS POIS ESTÃO LOCALIZADAS NA PORÇÃO DE MAIOR PRIVILÉGIO				
	TODAS AS ÁREAS LIVRES SÃO DESCOBERTAS E POR ISSO NÃO PROPORCIONAM ESPAÇOS CONFORTÁVEIS E CONVIVATIVOS	AUSENCIA DE ESPAÇOS ABERTOS E COBERTOS, A EDIFICAÇÃO DEVERIA INTEGRAR MAIS COM O EXTERIOR, FAISAGEM E O LAGO	ARBORIZAÇÃO E ÁREAS VERDES INSUFICIENTE			CRIAR ÁREAS VERDES E ARBORIZADAS
ÁREAS LIVRES			OS ESPAÇOS LIVRES NÃO SÃO COBERTOS			CRIAR ESPAÇOS ABERTOS E COBERTOS



PLANTA BAIXA- PAVIMENTO TÉRREO - SITUAÇÃO ATUAL

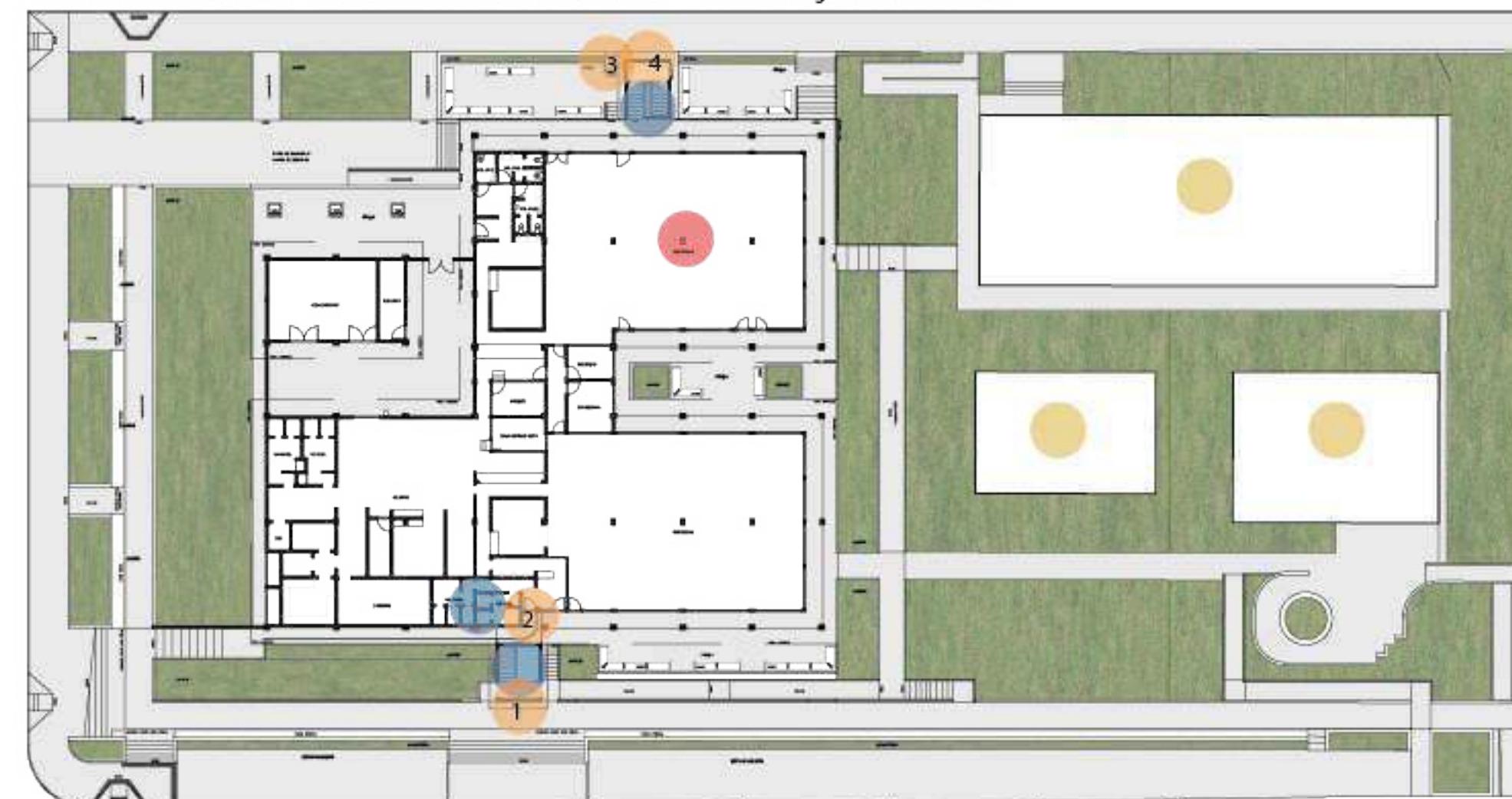


Figura 46: Planta Baixa NV-UFGG
Fonte: Modificado pelo autor, 2021

PLANTA BAIXA- PAVIMENTO SUPERIOR - SITUAÇÃO ATUAL

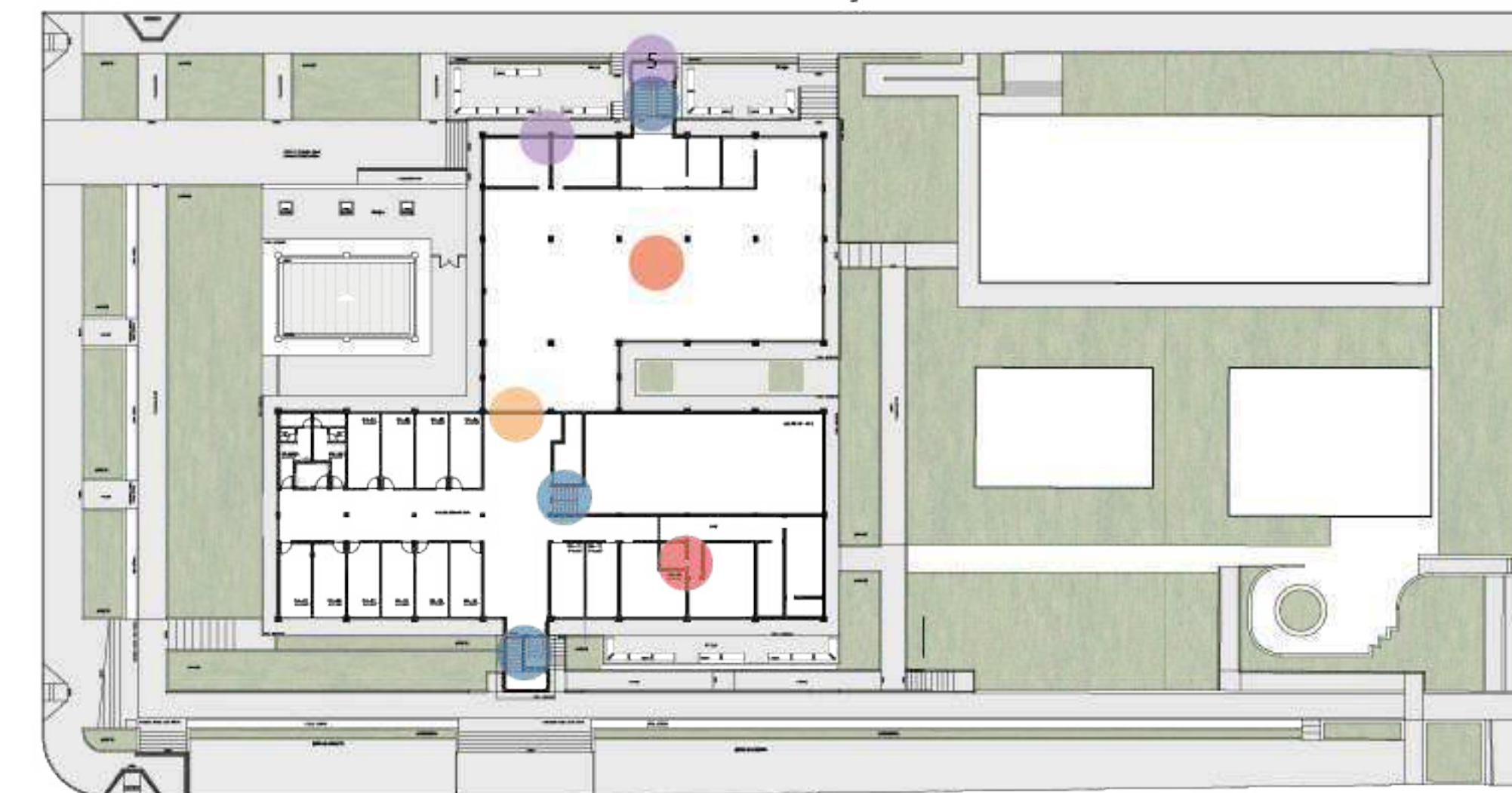
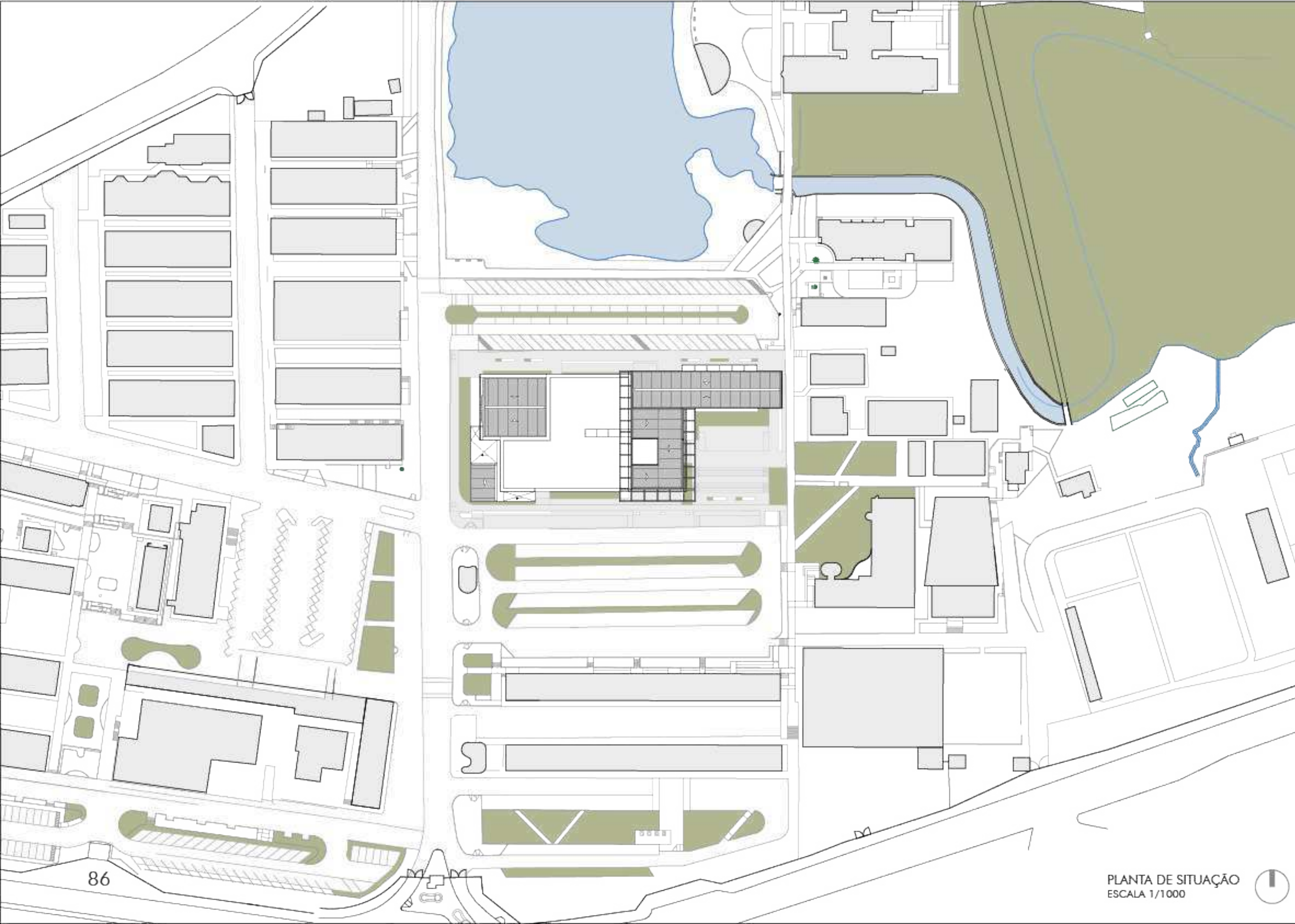


Figura 47: Planta Baixa NV-UFGG
Fonte: Modificado pelo autor, 2021

05



5.2 Implantação e organização espacial

A implantação do conjunto seguiu princípios bioclimáticos e o máximo aproveitamento das construções pré-existentes do Restaurante Universitário, ao passo que as demais edificações ocupadas pelas agências bancárias (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) e Smart Campus não foram preservadas (diante de suas pequenas dimensões).

Quanto à orientação bioclimática, os ambientes foram, em geral, voltados para as fachadas Norte e Sul, que correspondem às maiores dimensões da edificação. Essa decisão também foi condicionada a fim de favorecer vistas voltadas ao lago (situado ao Norte).

Sendo assim, a porção Oeste do conjunto, com maior intensidade de insolação, foi destinada aos ambientes de serviço, como as cozinhas do Restaurante Universitário e do restaurante particular, e às agências bancárias, que, por requerimentos de segurança, funcionam em ambientes fechados e refrigerados artificialmente. Voltados para o Norte, com visão do lago, foram situados o salão do Restaurante Universitário e áreas cobertas de convívio (no pavimento superior). Na porção leste do terreno, mais privilegiada quanto à ventilação, foram localizadas áreas de convivência descoberta, como o anfiteatro (no térreo ou primeiro pavimento), e os centros acadêmicos (no terceiro pavimento).

A organização espacial do conjunto também seguiu uma lógica vertical. No térreo, foram situadas as atividades com maior fluxo de pessoas, como os comércios e agências bancárias, ou aquelas mais dependentes de acesso externo, como a cozinha do restaurante universitário, que manteve sua localização atual. No segundo pavimento, foram implantados os usos mais voltados ao lazer e permanência prolongada dos usuários, como as áreas de alimentação (dois restaurantes, café), a livraria e o saguão multiuso. No terceiro pavimento, foram situadas as atividades destinadas a público mais restrito, onde se localizam as salas dos centros acadêmicos.

Outro condicionante do projeto foi o aproveitamento da edificação pré-existente. Essa, composta por estrutura independente de concreto armado (pilares e vigas), teve sua compartimentação alterada, exceto a área destinada à cozinha do RU (no térreo). Dessa forma, o pé direito da edificação nova seguiu o mesmo nível da edificação existente, para um melhor aproveitamento e integração entre as duas edificações. Outra estratégia adotada foi adotar uma modulação semelhante (8x8m) à encontrada na estrutura existente (6x8m), a fim de criar uma unidade entre as duas edificações. O intuito de ser um edifício com a predominância da horizontalidade, levou à solução de uma cobertura que também segue a linearidade de sua forma.

Quanto às agências bancárias, é proposta a instalação de três agências no núcleo de vivência, para abrigar os dois bancos aí situados (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) e relocar a agência do Sicredi (atualmente localizada em terreno externo ao núcleo de vivência, embora nas suas proximidades). O dimensionamento desses espaços foi baseado na quantidade de área atualmente ocupada por cada banco.

No setor comercial, são propostas três lojas no pavimento um (térreo) e uma loja no pavimento dois. Essas não possuem usos pré-definidos, podendo ser destinados a lanchonetes, cafeteria, farmácia, xerox ou papelaria.

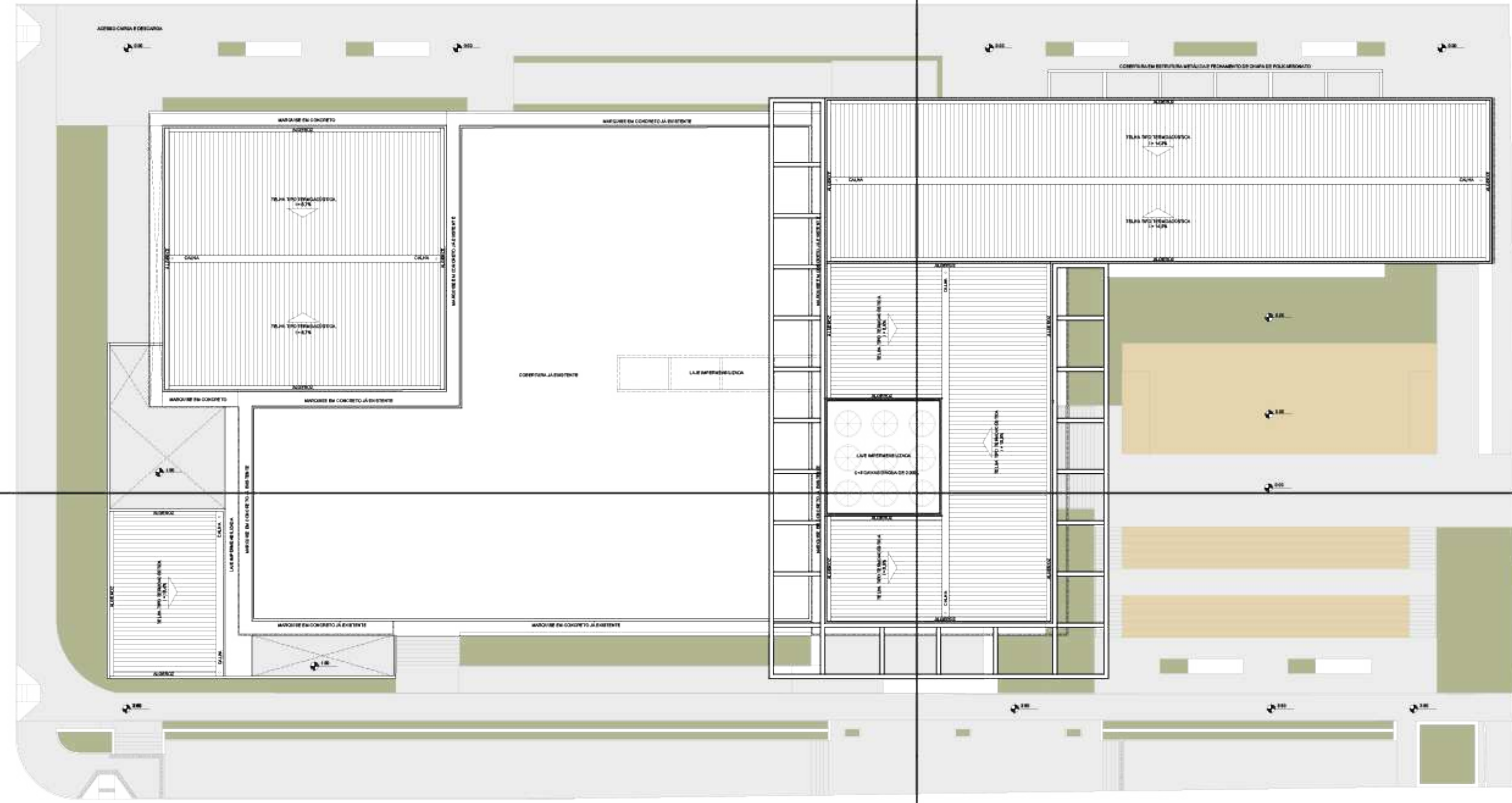
No setor alimentício, é proposto o RU numa nova disposição (com um único saguão e capacidade maior em relação ao atual), e um restaurante para os demais usuários do campus (com a metade da capacidade do RU). Nessa proposta, o refeitório do RU é deslocado do térreo para o 2º. Pavimento, a fim de torná-lo um espaço mais aprazível (com a possibilidade de visão do lago) e com maior área para organização das filas de estudantes formadas corriqueiramente em seu acesso. Por sua vez, a cozinha do RU permaneceu na sua localização atual, considerando que seria economicamente viável manter as instalações atuais. Sendo assim, foi necessário propor apoio a cozinha no pavimento superior, onde serão distribuídas as refeições, assim como a lavagem e estoque dos utensílios.

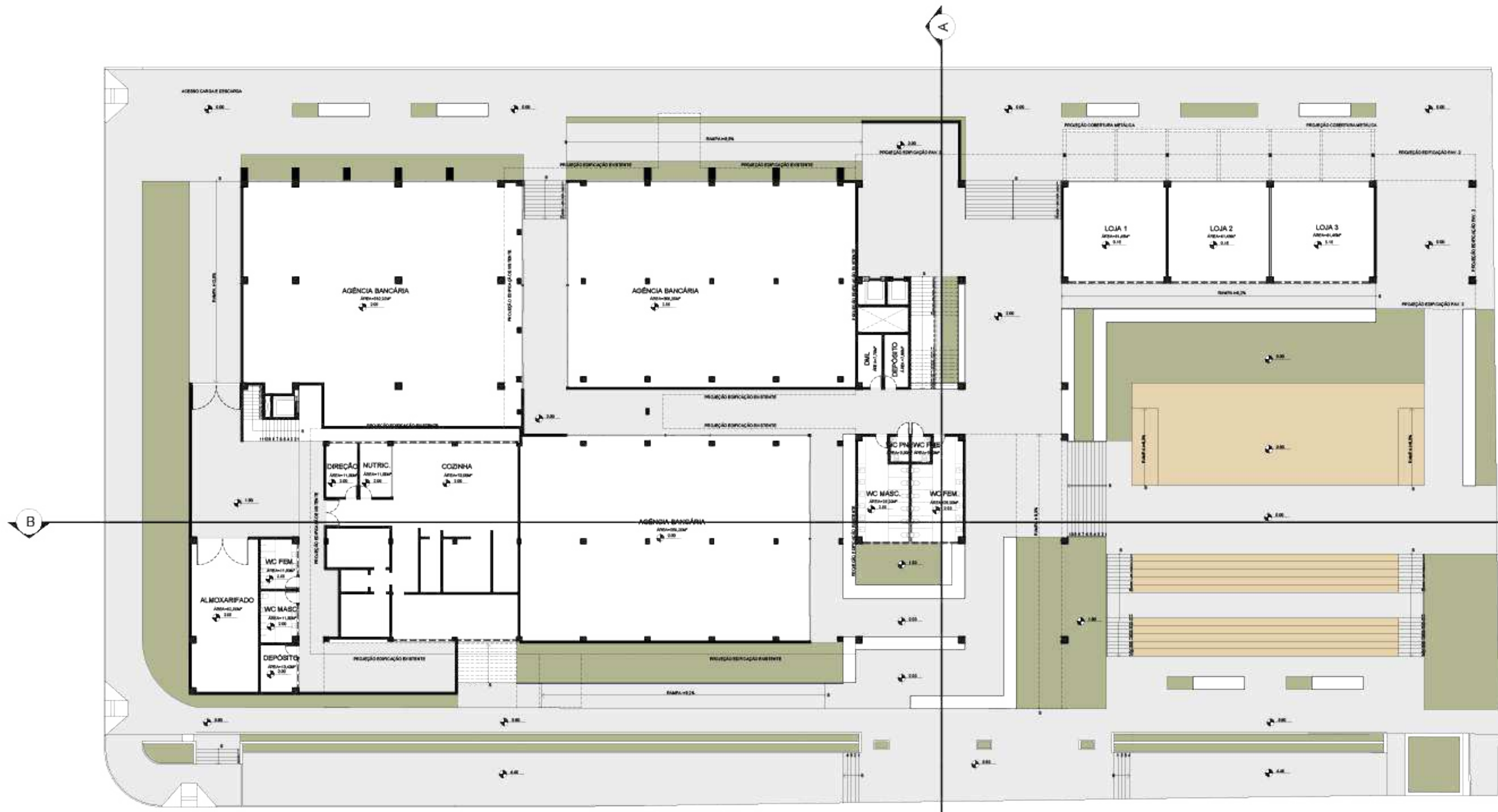
No setor de lazer, destaca-se o anfiteatro, ambiente de uso flexível, cuja arquibancada aproveita a topografia natural do terreno. Além do anfiteatro, em todos os níveis da edificação são criadas grandes circulações (ponto chave da proposta) possibilitando o uso flexível deste espaço, destacando-se a varanda com vista para o lago. As salas dos CA's foram ampliadas para 28 unidades, conforme a quantidade atual de cursos no campus sede. Dessa forma, é possível abrigar todos os CA's numa mesma edificação, promovendo o fortalecimento da socialização entre os cursos.

Um dos pontos chave da proposta é a variedade de acessos e fluxos, a fim de criar espaços convidativos e atrativos em todas as fachadas. E, diante da diversidade de níveis de pavimentos, também são pensados em rotas acessíveis (conforme a NBR 9050). Na fachada Sul, como o passeio é elevado, há a possibilidade de acessar diretamente o térreo ou o 2º. Pavimento, ambos acessíveis por escadas e rampas, além de dois elevadores (estimados conforme NBR 5665/1983). Esses elevadores e as escadas interligam os três pavimentos. E as rampas com grande largura potencializam a utilização do 2º. Pavimento, para torná-lo uma espécie de varanda elevada, meio nível acima do passeio ao Sul.

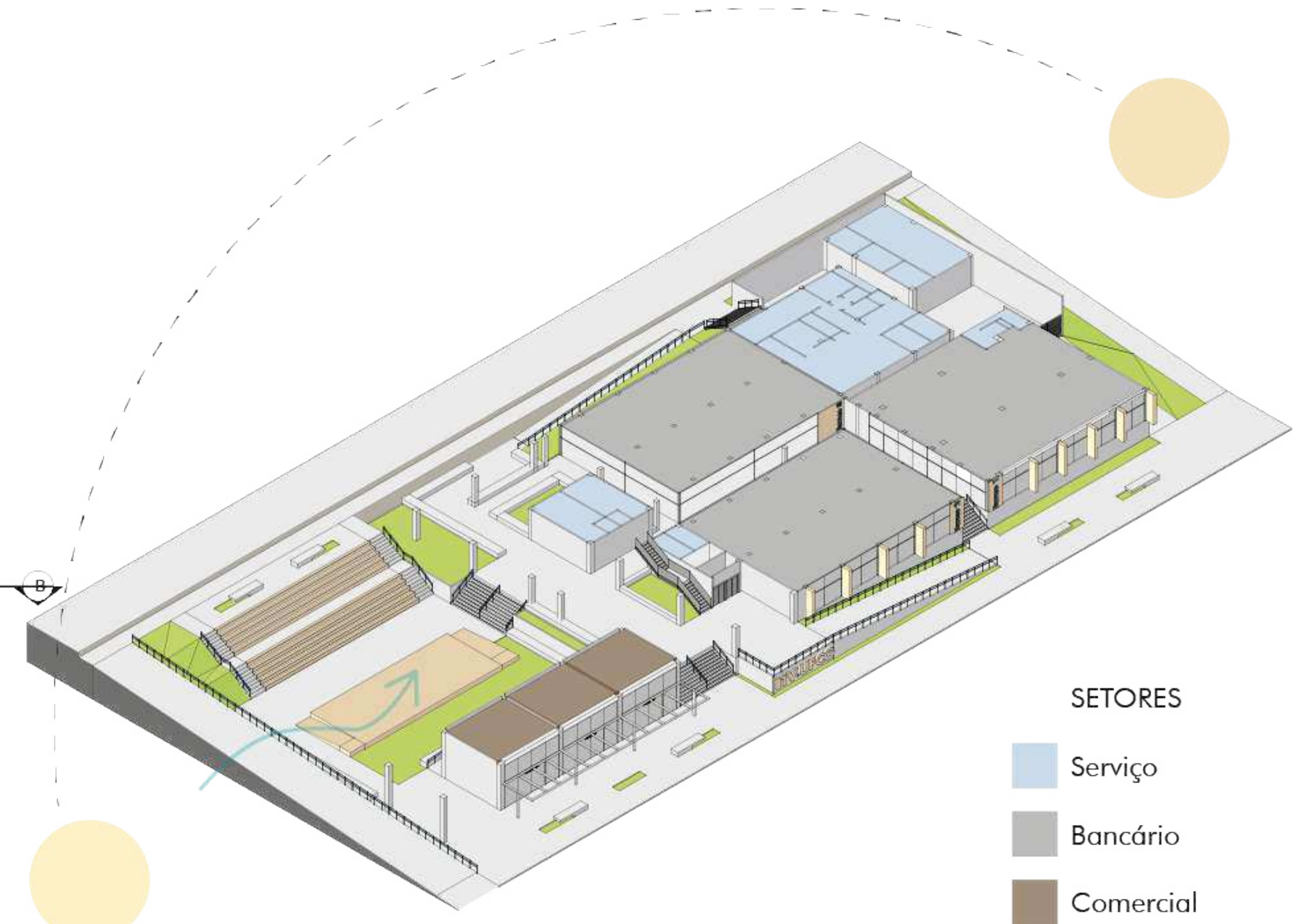
Os fluxos também foram determinantes para a localização dos pontos comerciais próximos ao grande eixo de circulação de pedestres: a passarela coberta que interliga os setores A e C do campus sede.





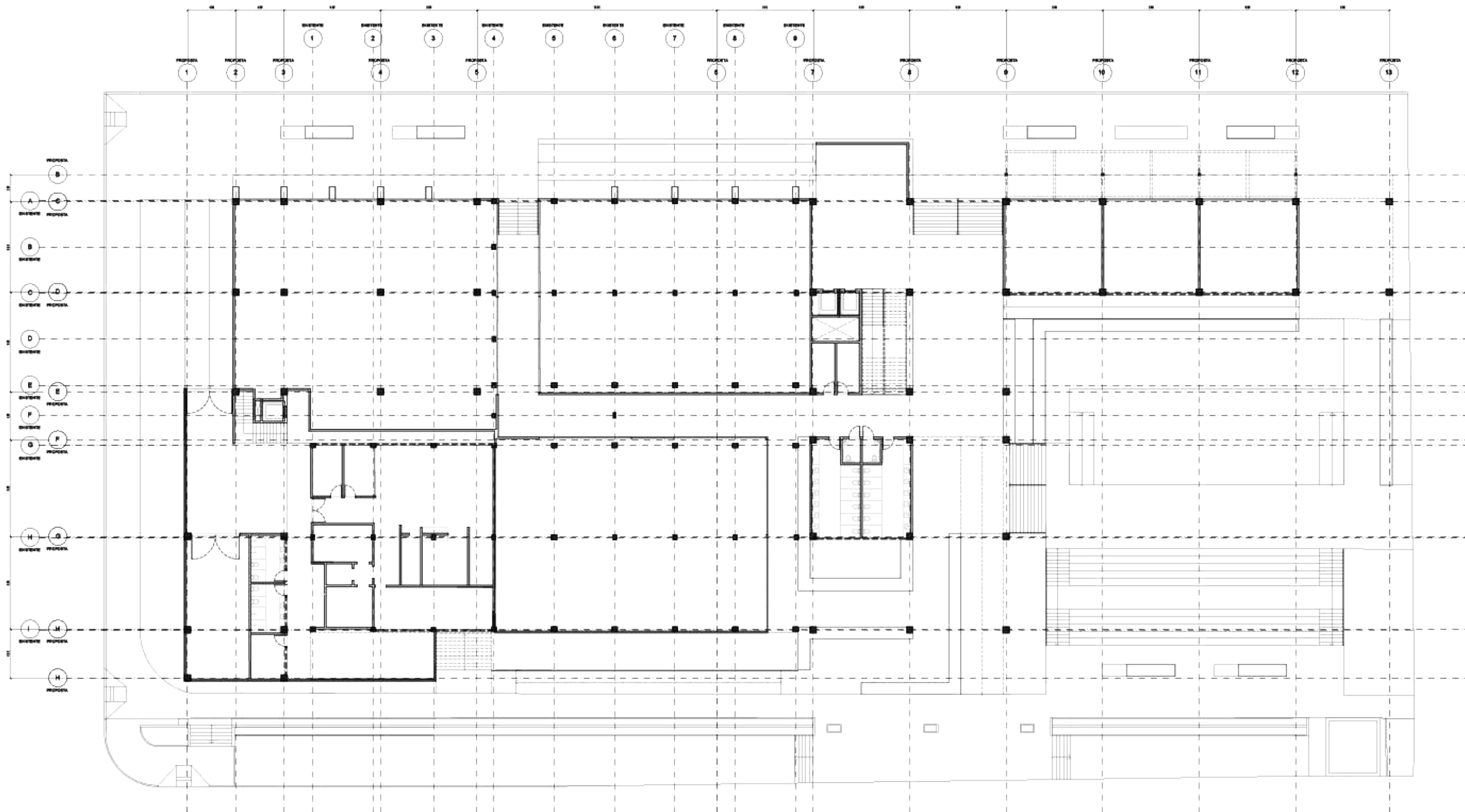


PLANTA BAIXA PAVIMENTO 1
ESCALA 1/250



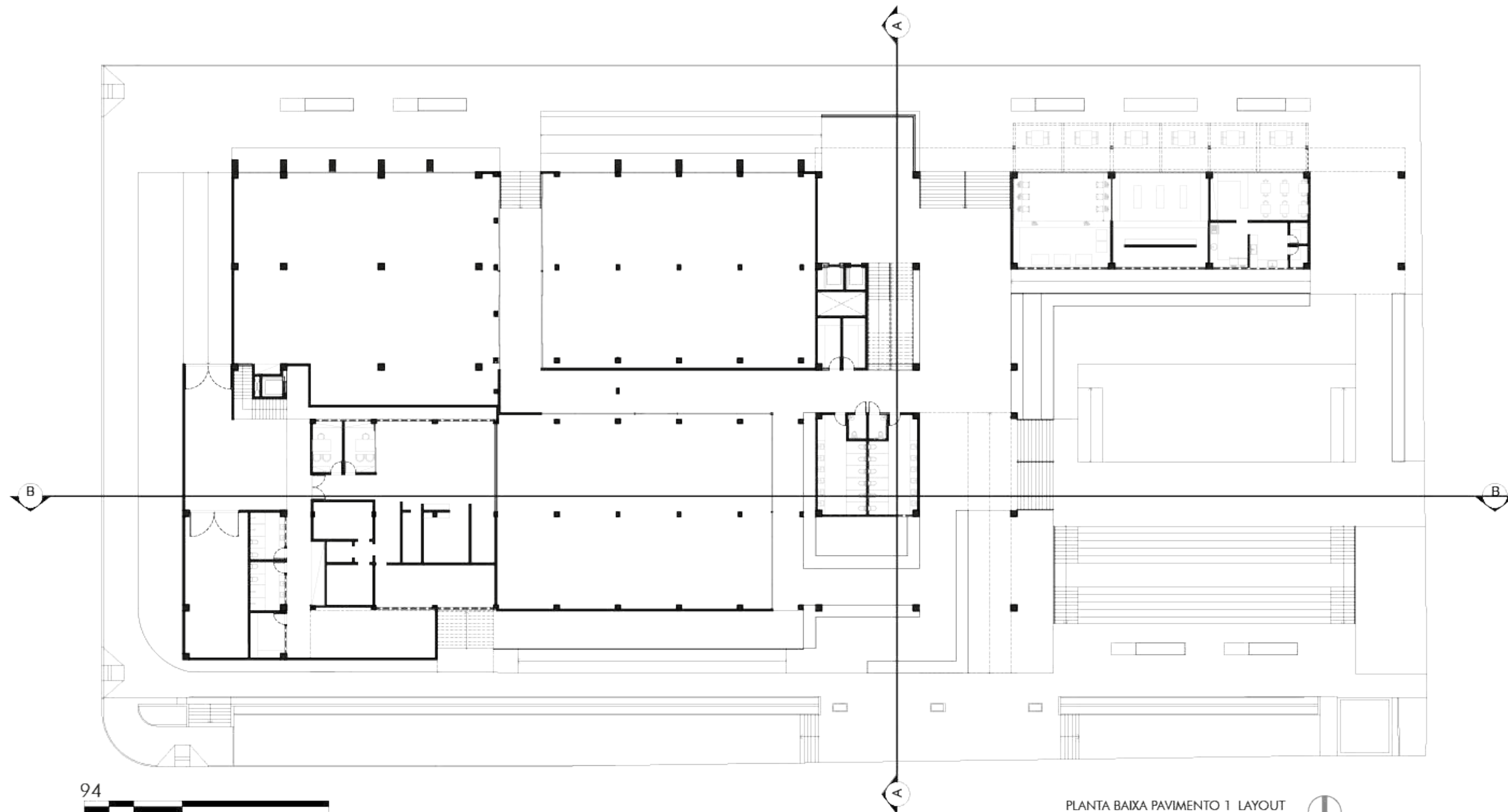
SETORES

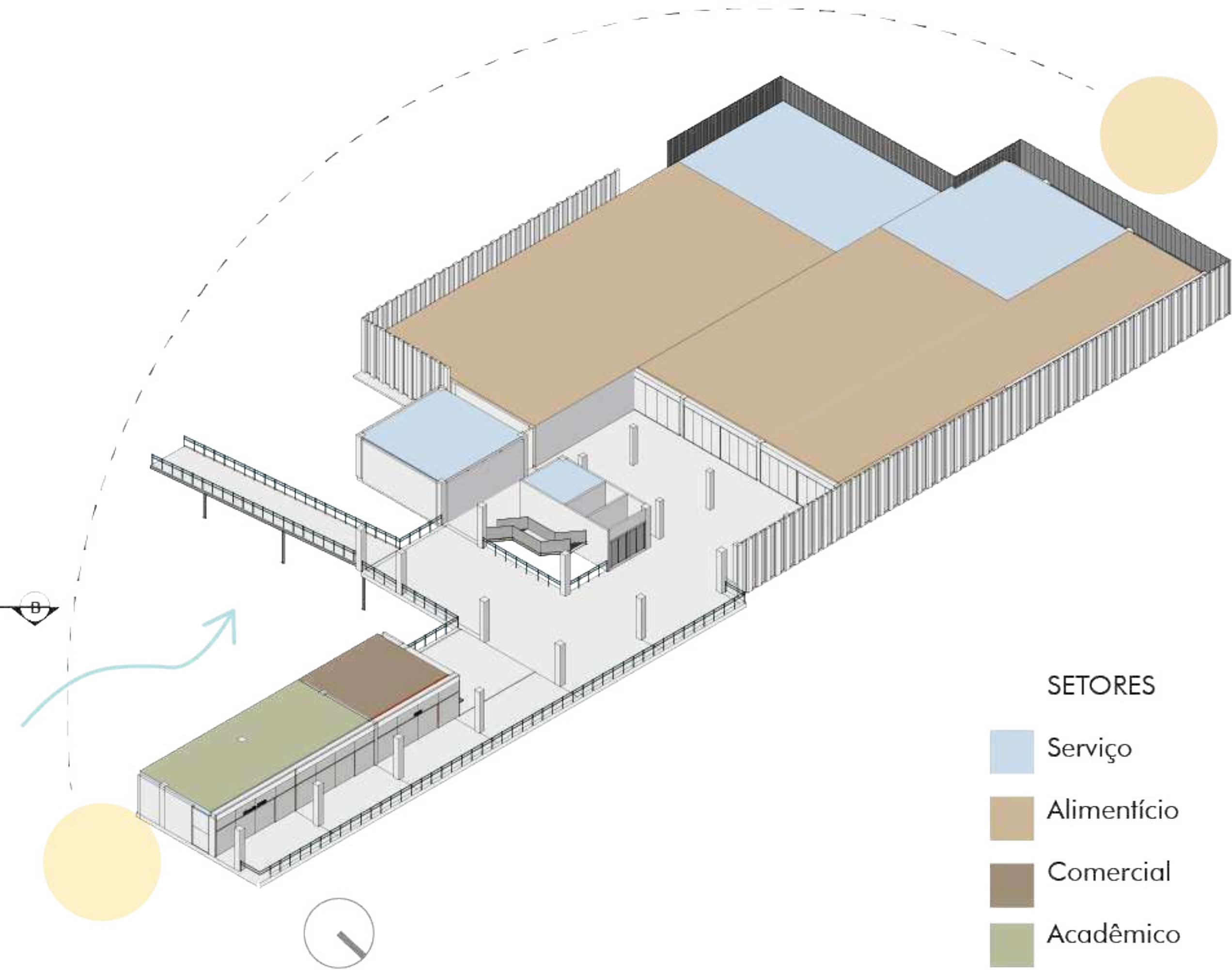
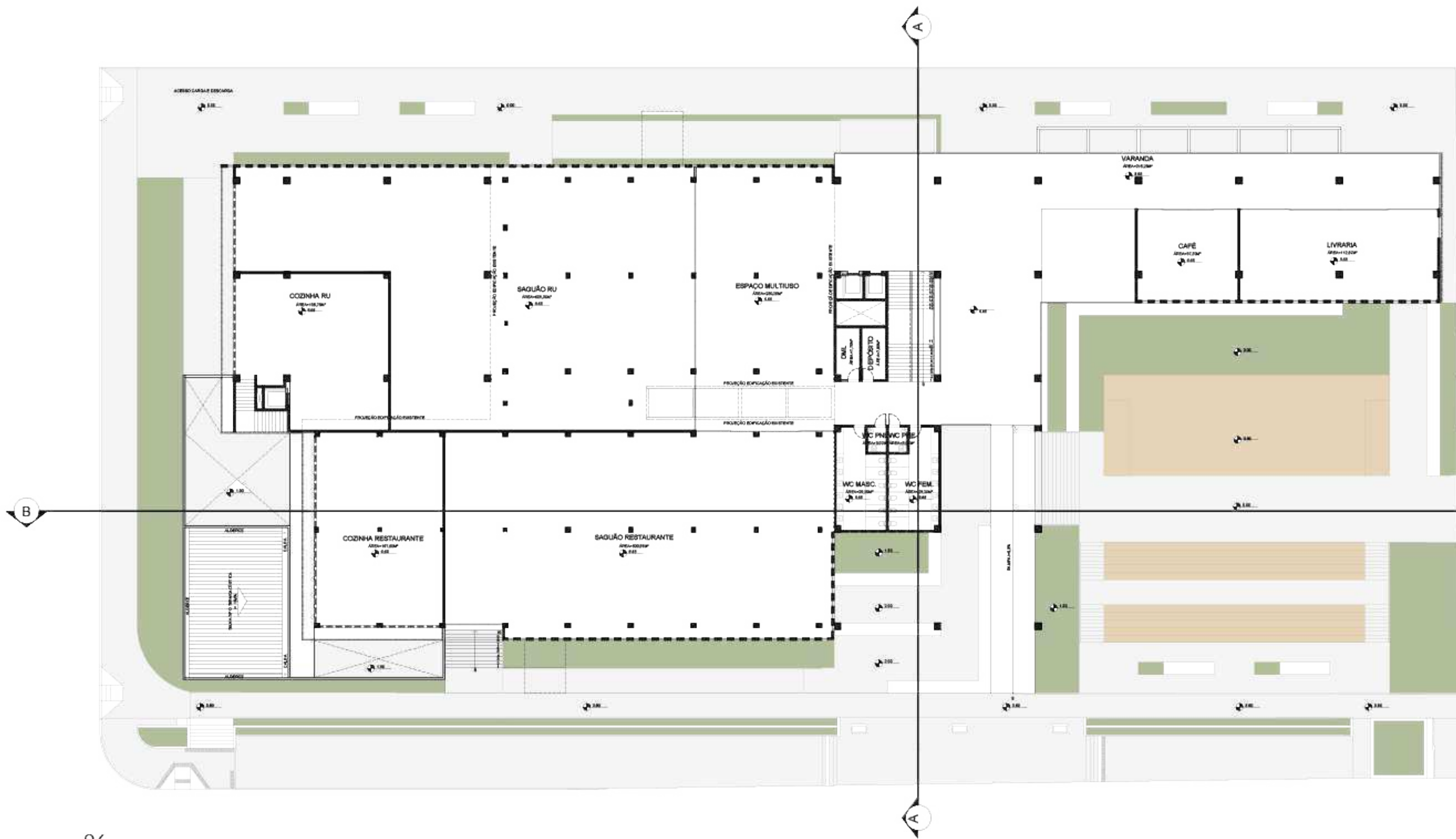
- Serviço
- Bancário
- Comercial



PLANTA BAIXA PAVIMENTO 1_ESTRUTURA
ESCALA 1/250

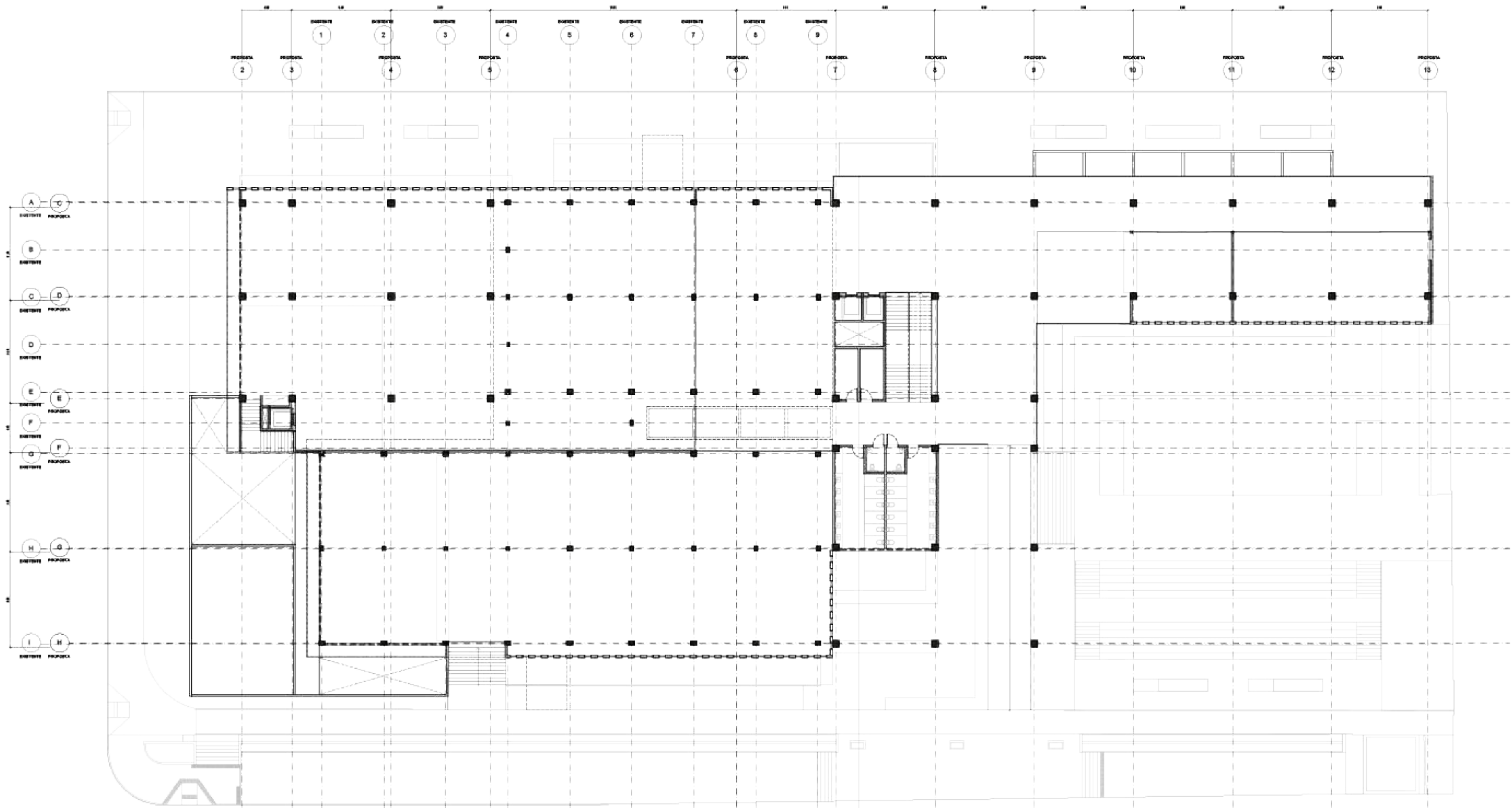


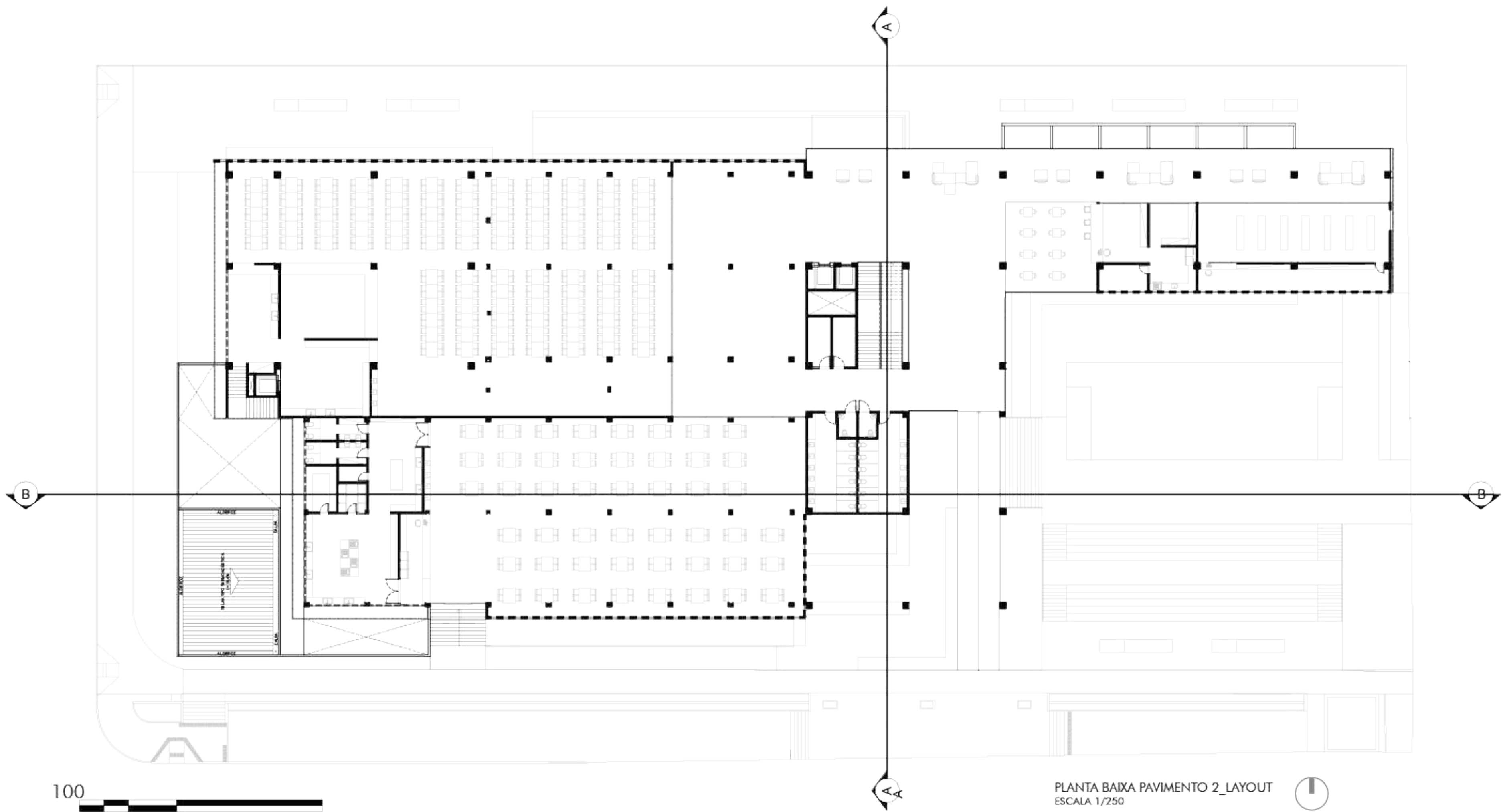




SETORES

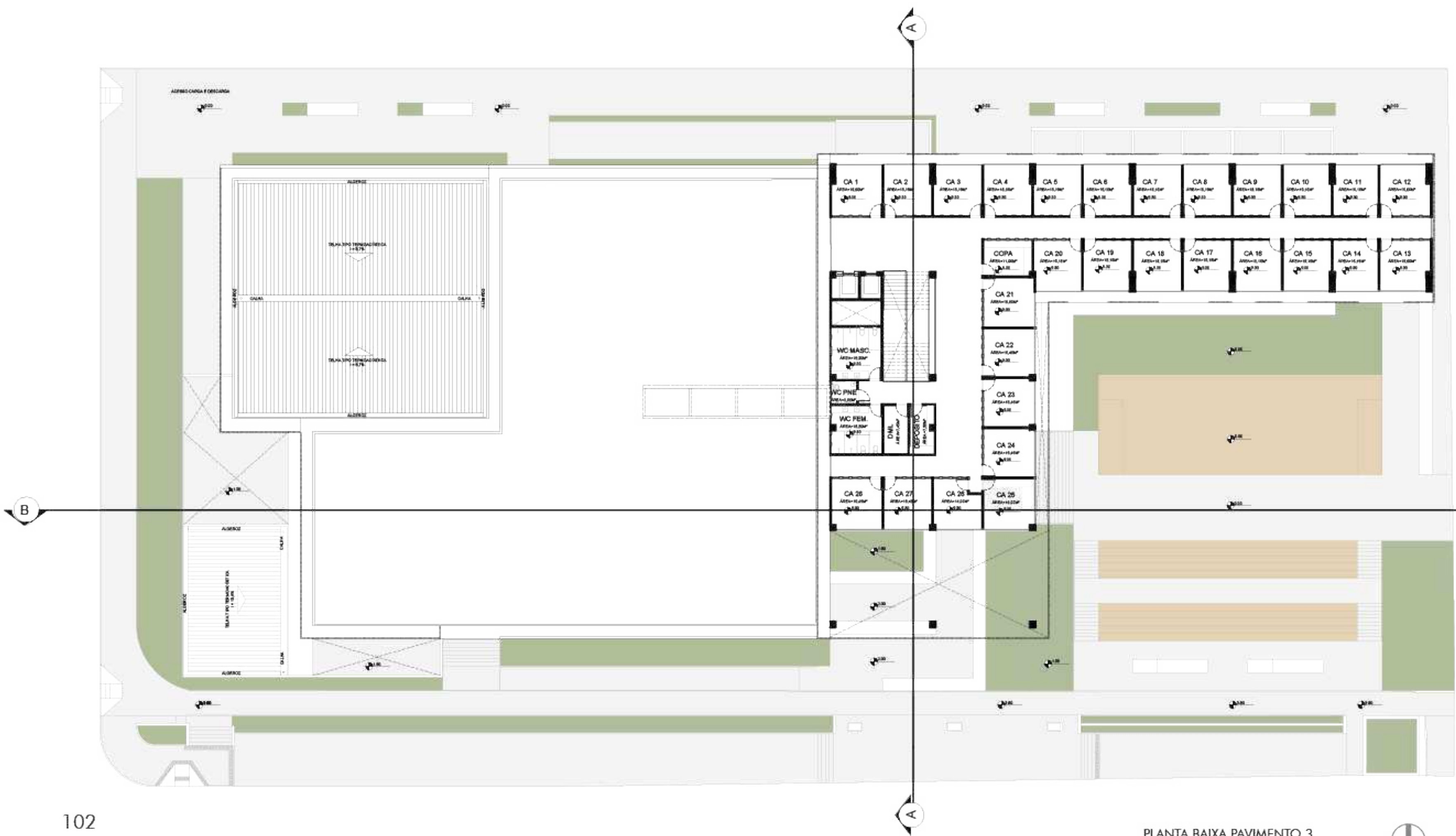
- Serviço
- Alimentício
- Comercial
- Acadêmico



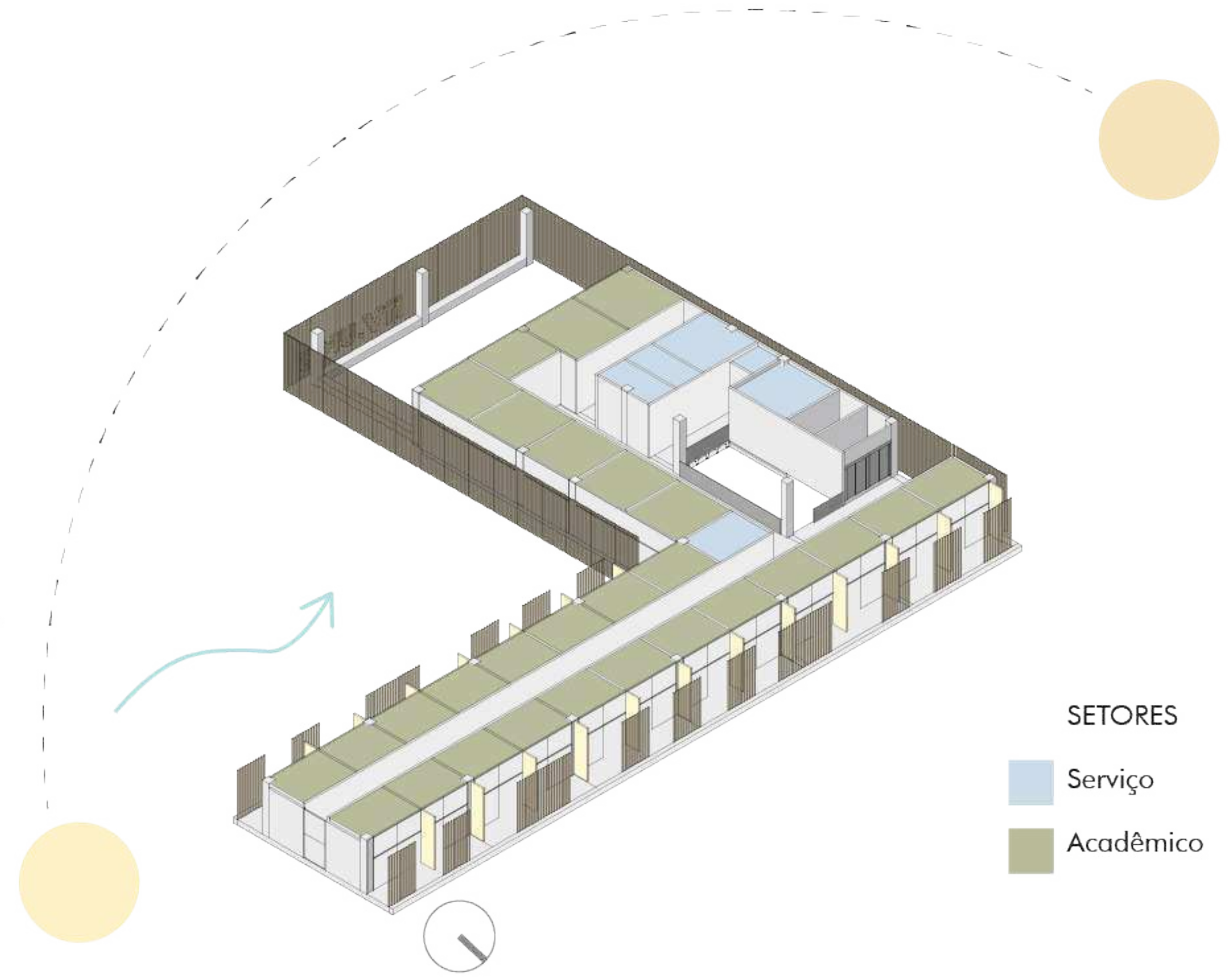


PLANTA BAIXA PAVIMENTO 2_LAYOUT
ESCALA 1/250

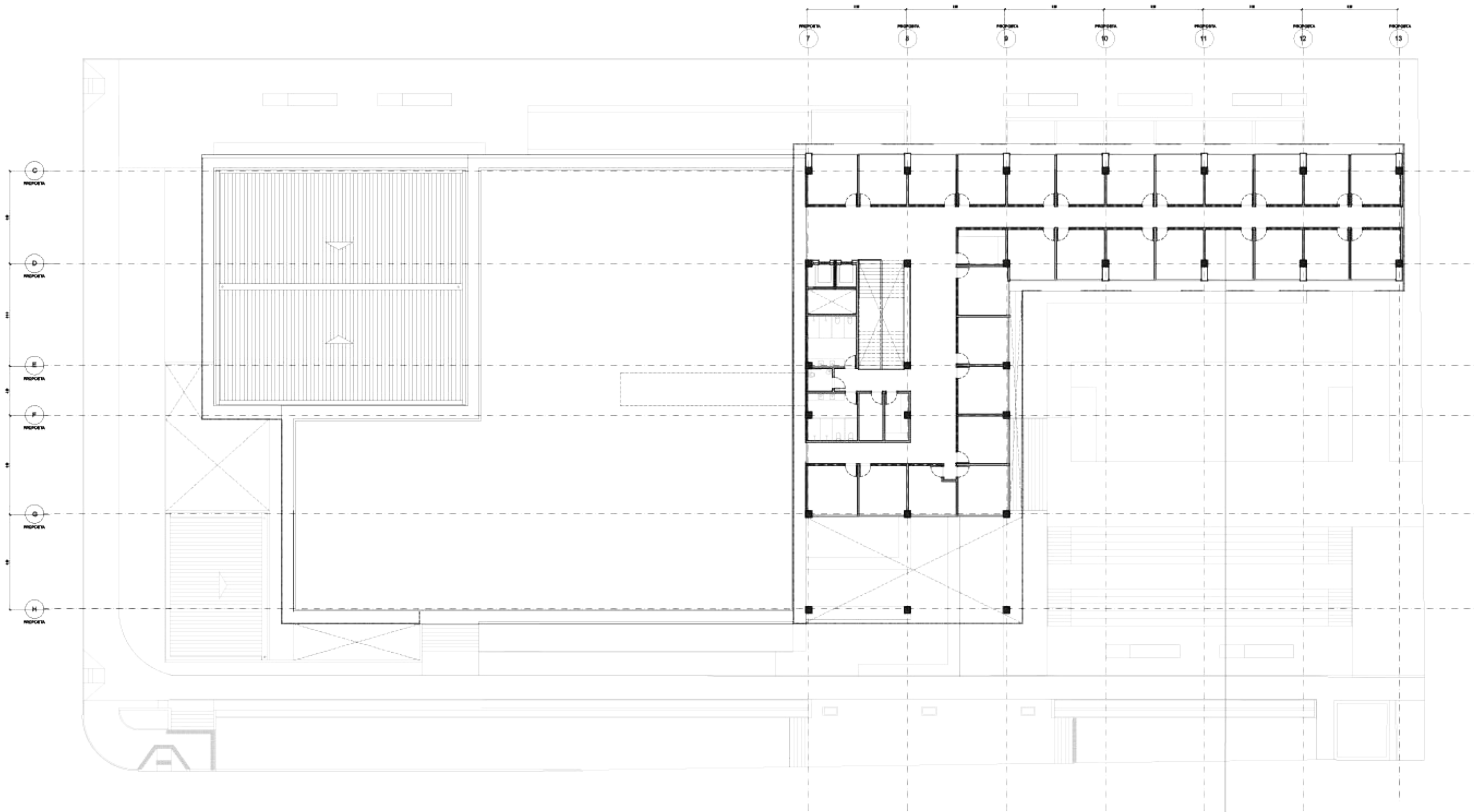


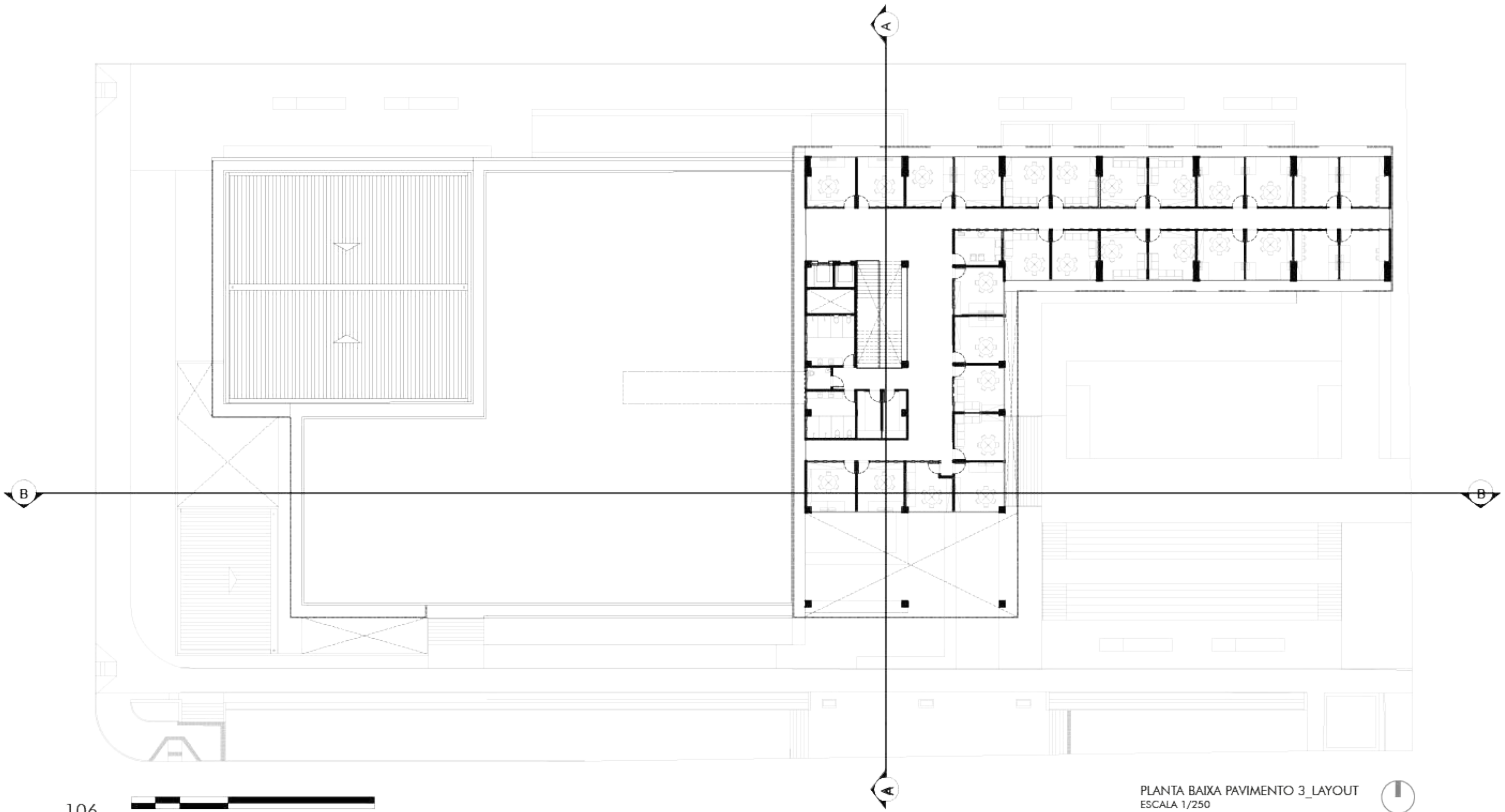


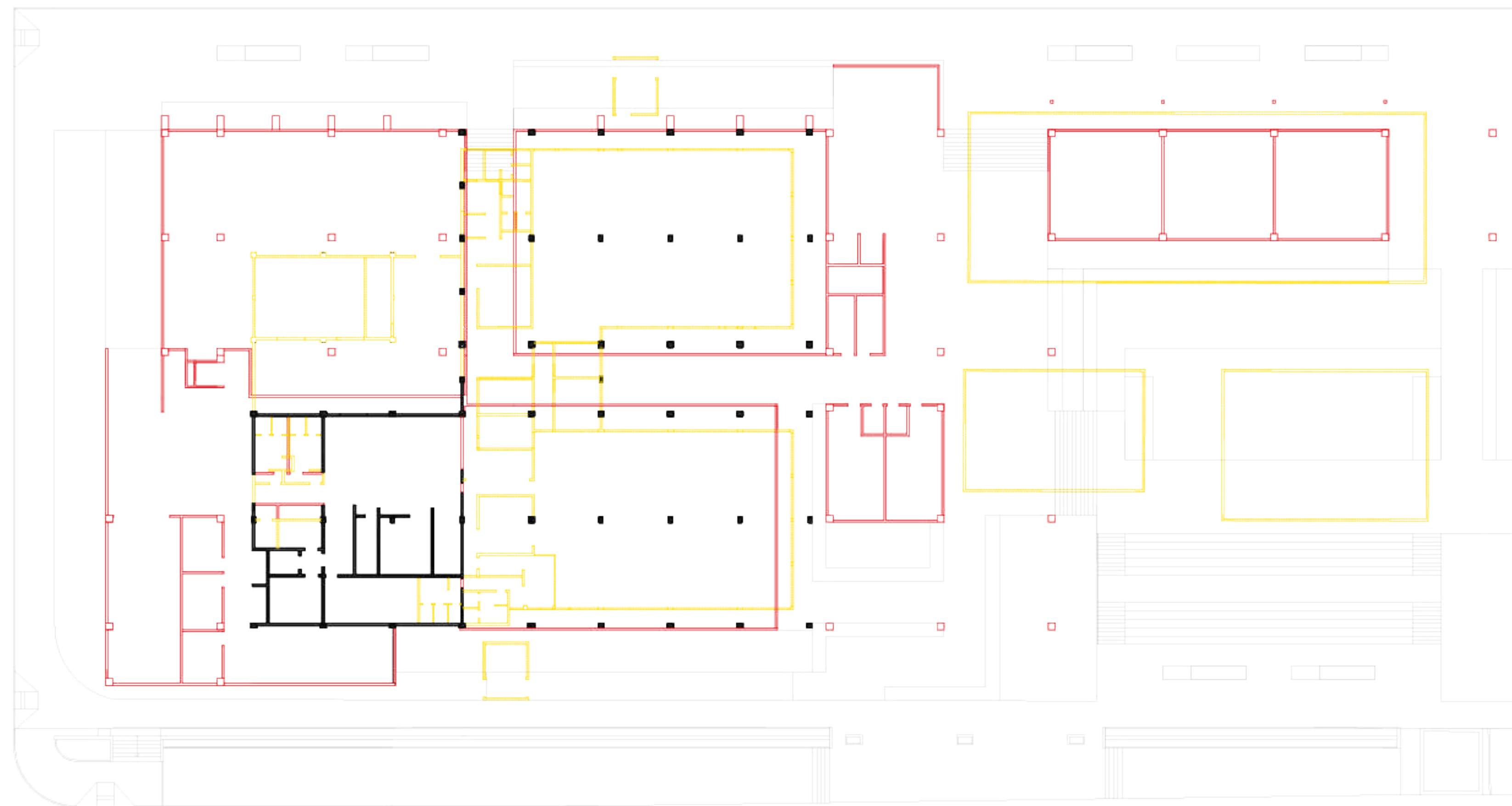
PLANTA BAIXA PAVIMENTO 3
ESCALA 1/250



- SETORES
- Serviço
 - Acadêmico





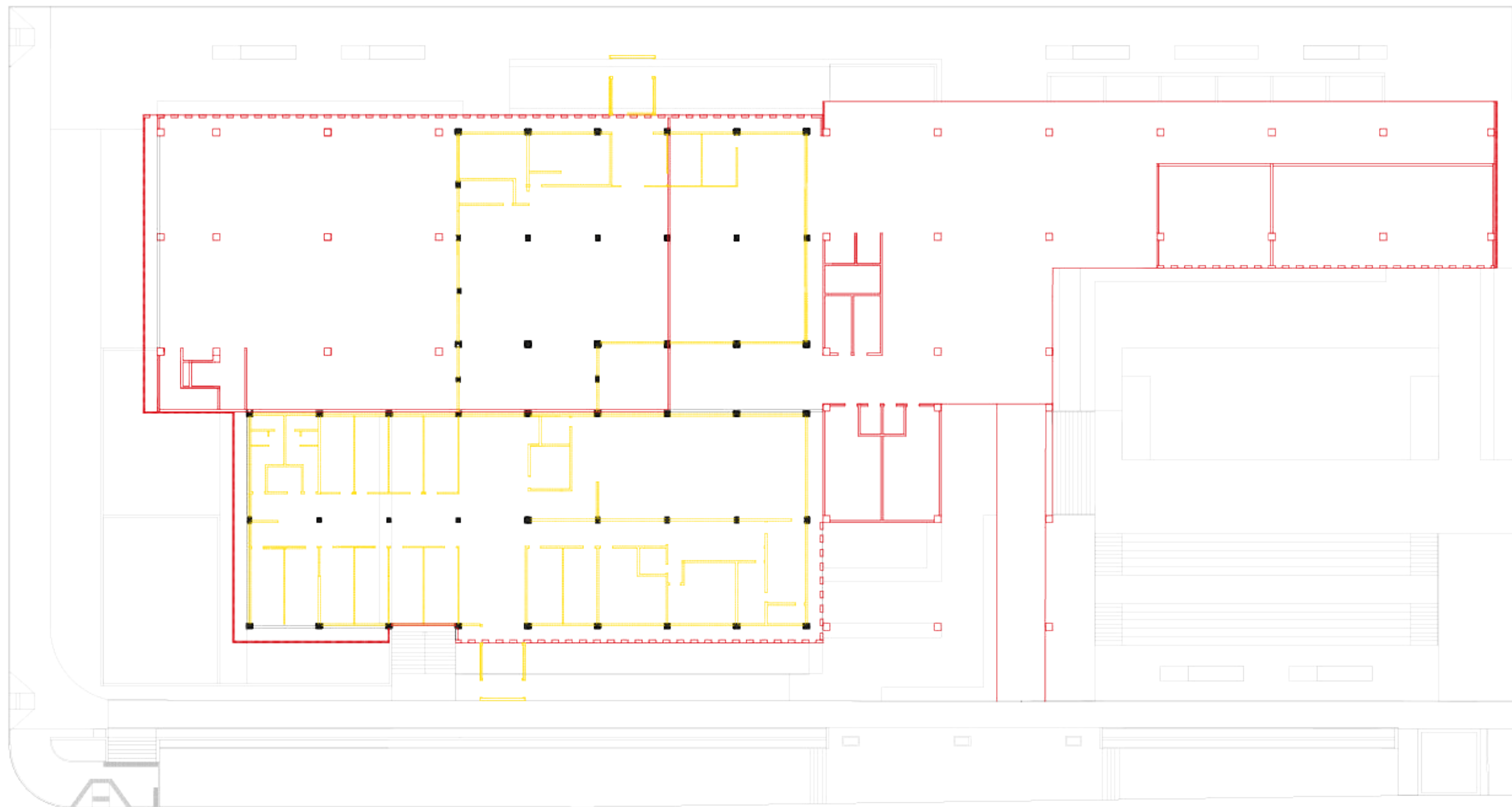


Demolir

Construir

Existente

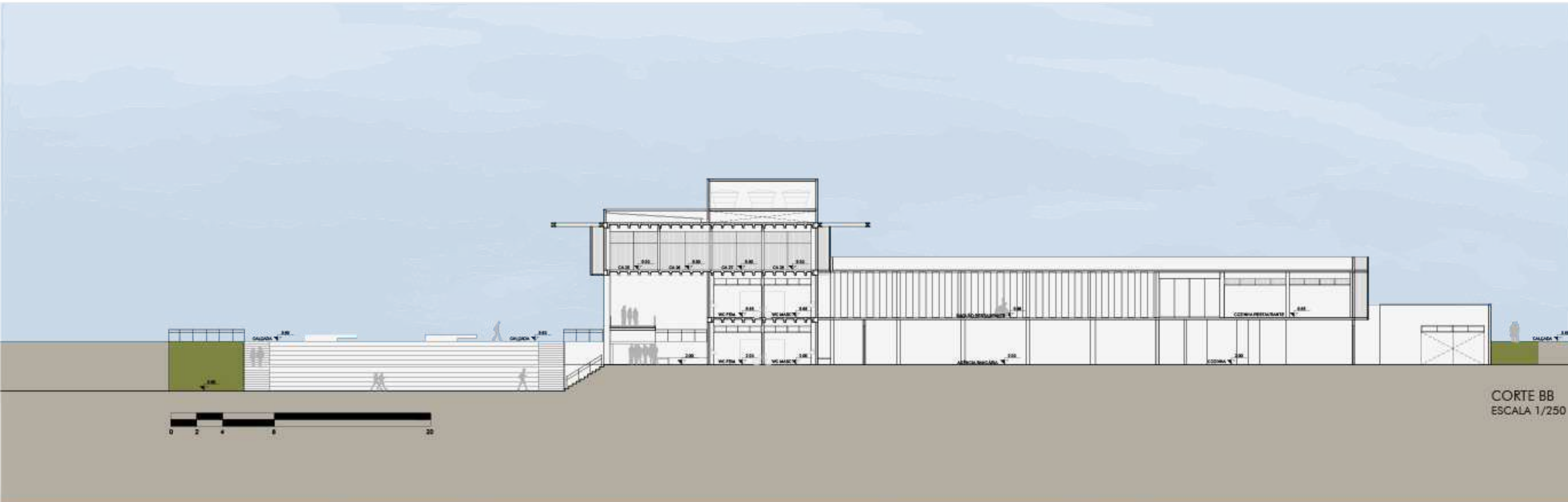




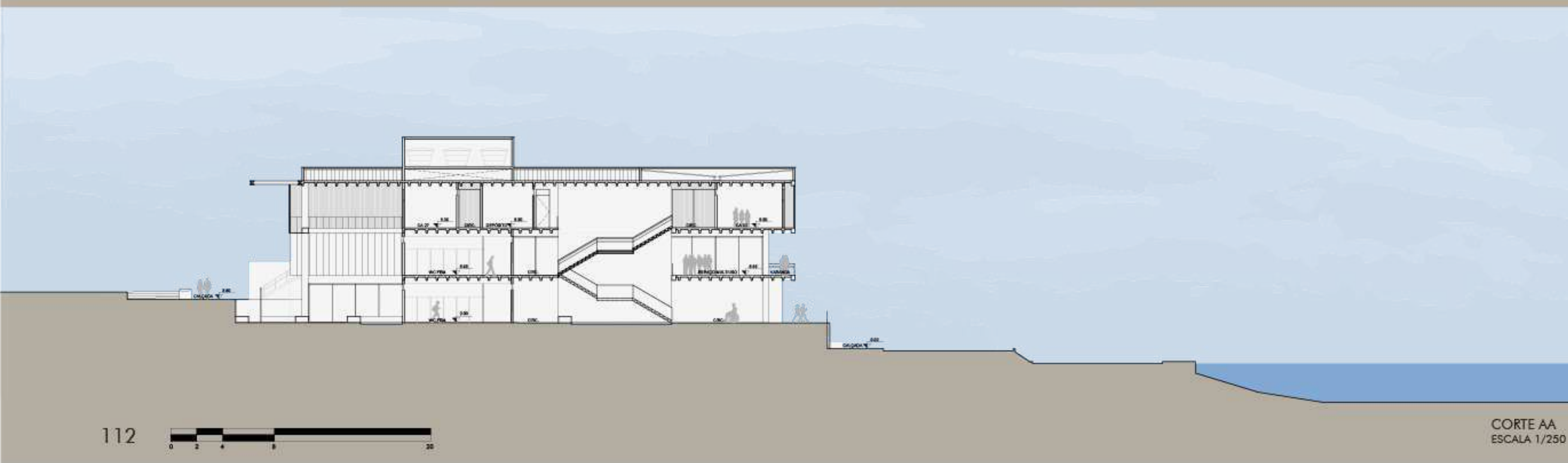
- Demolir
- Construir
- Existente

PLANTA DEMOLIR E CONSTRUIR PAV. 2
ESCALA 1/250





CORTE BB
ESCALA 1/250



CORTE AA
ESCALA 1/250

5.3 Aspectos construtivos

Quanto aos aspectos construtivos, buscou-se favorecer a racionalização construtiva e flexibilidade espacial, diretrizes já expostas no projeto.

Para isso, adotou-se na proposta do núcleo de vivência um módulo estrutural de 8 x 8 metros, derivado dos vãos livres da estrutura de concreto armado do atual edifício do Restaurante Universitário. Essa decisão levou à escolha do módulo básico de 80cm para a coordenação modular dos componentes construtivos. Essa dimensão corresponde, por exemplo, à dimensão da cubeta (80x80cm e 32cm de altura) da laje de concreto nervurada bidirecional.

A estrutura fica à mostra, sem forros ou revestimento, a fim de facilitar as atividades de manutenção predial e ampliar a percepção visual do pé direito dos pavimentos, visto que as novas lajes mantêm o nível das lajes pré-existentes. Apenas nos banheiros e nas áreas de manipulação de alimentos, como cozinhas, prevê-se a instalação de forros de gesso.

Em alguns pontos do edifício a estrutura é em aço. A cobertura que amplia a área de permanência em frente às lojas é em estrutura leve de aço, pintada de branco. As pérgulas, na cobertura superior da edificação, são em aço, na cor branco. As escadas e rampas também são em estrutura metálica (com piso chapa xadrez metálico), a fim de possibilitar sua pré-fabricação e reduzir a sobrecarga da estrutura. Nelas, são utilizados corrimãos em perfis tubulares de aço pintados na cor chumbo, com alturas de 92cm e 70cm, conforme NBR 9050. Apenas na escada interna é utilizado um fechamento de chapa metálica na cor cinza, a fim de destacar e marcar a estrada principal ao nível superior.

Quanto à cobertura, propõe-se o uso da telha termoacústica com inclinação variada entre 8-10% e calha central para coleta das águas pluviais. Como forma de ocultar a telha, utiliza-se de platibanda em alvenaria com altura de 1m.

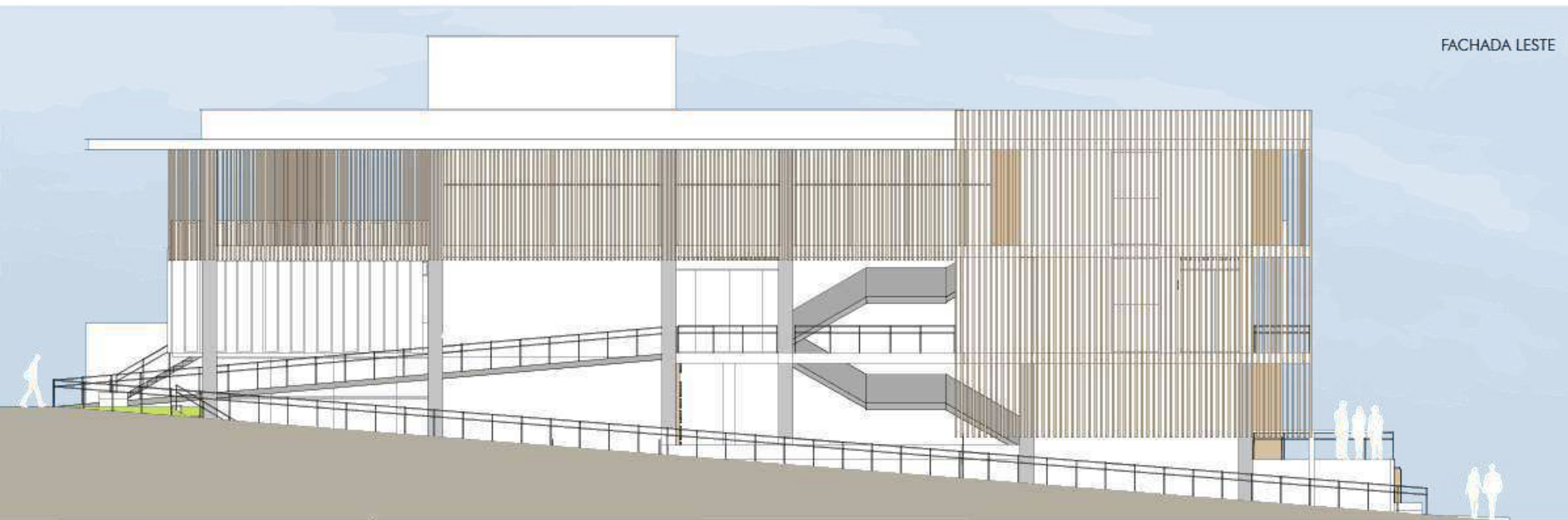
As esquadrias são em alumínio e vidro, a fim de favorecer a integração entre interior e exterior. E os elementos de proteção climática são em aço. "Peles" e brises metálicos formam anteparos contra a incidência solar em pontos específicos da edificação. Além disso, estabelecem um elemento de unificação entre a construção nova e a pré-existente, como utilizado na fachada Norte. Por sua vez, nas agências bancárias são utilizados brises metálicos. No segundo pavimento, utiliza-se brises metálicos (largura=50cm), na cor branca, e janelas de piso a teto. No terceiro pavimento, é utilizado brises metálicos (largura=10cm), na cor amadeirado. Por outro lado, na fachada Oeste se faz o uso do brise, na cor branca, fazendo o fechamento de todo o volume. Outra estratégia de conforto e humanização foi utilizar na fachada Oeste o jardim vertical.



FACHADA NORTE



FACHADA LESTE



FACHADA OESTE



5.4 Identidade do conjunto

Segue-se a noção de edifício aberto, de modo que a comunidade possa usufruir livremente de seus ambientes em diferentes horários de funcionamento. E, com isso, busca-se um maior estreitamento das relações edifício-comunidade, na tentativa de impulsionar sua apropriação.

Do ponto de vista forma, para favorecer essa leitura do ambiente construído, buscou-se minimizar o uso de vedações e compartimentações. Em contrapartida predominam as transparências e a diversidade de vistas, de modo a permitir que os usuários tenham facilidade de ver e serem vistos.

Nesse sentido, a identidade do conjunto é marcada por gradações de transparências. Ora são utilizados vidros, ora brises, ora “peles” metálicas. Ao mesmo tempo, busca-se estabelecer um conjunto unitário, no qual o edifício antigo e os acréscimos estejam visualmente e funcionalmente integrados.

Também cabe destacar que o partido do projeto pretende potencializar o aproveitamento do terreno escasso do campus sede através da verticalização. Dessa forma, o segundo pavimento do edifício assume a identidade de uma ampla varanda facilmente acessível aos usuários.









6.1 Considerações finais

Esta pesquisa tinha por objetivo propor anteprojeto arquitetônico de requalificação do espaço físico do núcleo de vivência do campus sede da UFCG. Para isso realizou Avaliação Pós-Ocupação do espaço existente, a fim de aferir as percepções e desejos dos usuários, realizou estudo de projetos correlatos, para compreender a organização e funcionamento de ambientes construídos semelhantes.

E, ao se comparar o espaço disponível atualmente, com a proposta apresentada, pode-se afirmar que é possível requalificá-lo e, ao mesmo tempo, aproveitar a estrutural principal da edificação pré-existente. Para isso, foram acrescentados ambientes construídos, a fim de ampliar a área coberta disponível e a diversidade de usos. E as novas soluções construtivas, a exemplo dos vãos da estrutura, foram compatibilizados com a edificação existentes.

Dentre os benefícios que a pesquisa/projeto traz para o campus da UFCG é apresentar, por meio de uma proposta arquitetônica, enfrentar um problema frequente das universidades federais brasileiras: campi universitários sem espaços adequados para o convívio de comunidade acadêmica.

6.2 Referências

ATCON, R.P. **Manual sobre o planejamento Integral do campus universitário**. Florianópolis: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1970.

DED-NAU. **Participação da comunidade em processos de desenho urbano e de urbanismo**. 2013.

DELIBERADOR, M. S.; KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Importância dos agentes para a arquitetura**. 2017.

DEL RIO, V.; IWATA, N.; SANOFF, H. **Programação e Métodos Participativos**. 2000.

DOBER, R. P. **Campus Planning**. Society for Coll. and Univ. Planning, Ann Arbor, MI. USA, 1996.

DURKHEIM, Emile, 1858-1917. **Educação e Sociologia** / Emile Durkheim; tradução de Stephania Matousek. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Ewha Womans University / Dominique Perrault Architecture 19 Abril 2012. ArchDaily. Acessado 17 Novembro 2021. <<https://www.archdaily.com/227874/ewha-womans-university-dominique-perrault-architecture>>

FERREIRA, Adir Luiz. **Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, jan./abr. 2014.

Interamerican University / Boyancé Arquitectura + Edificación [Universidad Interamericana / Boyancé Arquitectura + Edificación] 25 Julho 2018. ArchDaily. Acessado 21 Novembro 2021 <<https://www.archdaily.com/898202/interamerican-university-boyance-arquitectos>>

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de textos, 2011.

MACIEL, C. A. B. **Arquitetura como infraestrutura**. 2015. Tese (Doutorado e Arquitetura e Urbanismo). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2015.

OLIVEIRA, L. T. **Novos campi públicos brasileiros: concepções projetuais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite G. Limongi. **Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática**. [S.l: s.n.], 2018.

PEREIRA, F. T. de B. **Exporting progress: os norte-americanos e o planejamento do campus no Brasil**. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2017.

PINTO, G. D. A; BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

RODRIGUEZ, Milena Baratta Nunes Aldigueri. **UNB e o seu espaço social**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SARMENTO, Bruna Ramalho. **A qualidade ambiental de espaços livres em campi: um estudo na UFPB e UFRN sob a ótica da avaliação pós-ocupação**. 2017. 328f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

STECANELA, N.; MARIN, L. J. **Convivência acadêmica e formação humana: dimensões de socialização no Ensino Superior**. Educação, v. 41, n. 1, p. 93-103, 2018.